



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**DINÂMICA DA REPRESENTAÇÃO
FAMILIAR EM MULHERES
HOMOSSEXUAIS**

**ALEXANDRA FILIPA DE
FIGUEIREDO SILVESTRE
ARAÚJO COIMBRA**

Orientador de Dissertação:

PROF^a. DOUTORA ÂNGELA VILA-REAL

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROF^a. DOUTORA ÂNGELA VILA-REAL

**Tese submetida como requisito parcial para a obtenção
do grau de:**

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Clínica

2012

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Prof^a. Doutora Ângela Vila - Real, apresentada no ISPA - Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre na especialidade em Psicologia Clínica, conforme o despacho da DGES, n^o 19673/2006 publicado em Diário da República 2^a série de 26 de Setembro, 2006.

À Ana, pelo ânimo, companheirismo, dedicação e carinho que permitiram suavizar os momentos mais difíceis deste percurso.

In Memoriam

À minha mãe, em cujo olhar sobre o mundo vi sempre o brilho que me levou a desejar desbravar novos horizontes.

À minha avó materna, a quem o único lamento que ouvi, em noventa anos de vida, foi o de não ter podido estudar mais.

(“How I wish you were here”)

(<http://www.pink-floyd-lyrics.com/html/wish-you-were-here-wish-lyrics.html>)

AGRADECIMENTOS

Serão sempre poucas as palavras de agradecimento à Professora Doutora Ângela Vila–Real pelo interesse e disponibilidade com que me orientou . A dedicação com que se disponibilizou a partilhar os seus conhecimentos e lucidez ao longo de todas as etapas deste trabalho, constituiu um incentivo permanente e inestimável para a sua prossecução e conclusão.

Agradeço também às mulheres que tiveram a coragem de participar neste estudo, pela abertura com que partilharam com uma estranha os momentos marcantes e íntimos das suas vidas. Foi um enorme privilégio, que se traduziu em narrativas ricas e cheias de vida, sem as quais este trabalho não teria sido o mesmo.

Aos que me ajudaram a pensar sobre este tema e sobretudo às colegas que paralelamente desenvolveram investigações nesta área, agradeço o espaço de discussão de ideias que se empenharam em estabelecer e o clima de confiança e entreajuda que promoveu uma interacção franca e cheia de momentos de verdadeiro entusiasmo.

Ao meu pai, por proporcionar as condições que possibilitaram levar a cabo esta aventura.

Aos amigos que ofereceram ajudas, conselhos práticos, palavras de incentivo ou simples momentos de descontração, obrigada por não me terem deixado desistir.

RESUMO

No âmbito de um estudo qualitativo, explorámos a dinâmica familiar de quatro mulheres homossexuais, de idades compreendidas entre os 37 e os 44 anos, tendo em conta o contexto relacional em que se deu o seu desenvolvimento e como a sua identidade foi sendo definida de acordo com as relações de objecto estabelecidas no seio da família.

O método, assente na realização de entrevistas semi-directivas, permitiu-nos obter narrativas de vida e aceder a estas vivências do ponto de vista do sujeito, numa perspectiva dinâmica. Vimos como as expectativas recíprocas no seio do sistema familiar, alvo de negociação constante e subliminar, geraram uma ambiguidade nestes relacionamentos que dificultou a definição do posicionamento dos sujeitos face a cada uma das figuras parentais e ao casal parental.

Não obstante a diversidade de percursos, que não permite justificar nem a escolha de objecto homossexual nem o momento em que ela é feita, pudemos constatar, em todos os casos, a existência de padrões de relacionamento familiares, que tendem a ser internalizados, constituindo uma matriz subjacente à construção da personalidade.

Palavras-chave: homossexualidade feminina, dinâmica familiar, padrões relacionais

ABSTRACT

Within the scope of a qualitative study, we explored the family dynamics of four homosexual women, aged between 37 and 44 years, taking into account the relational context in which their development took place, and how their identity was defined according to the object relations established within the family.

The method, based on the performance of semi structured interviews, allowed us to obtain life narratives and access these experiences from the point of view of the subject, on a dynamic perspective. We observed how reciprocal expectations within the family system, target of constant and subliminal negotiation, created an ambiguity in these relationships that made it difficult for the subjects to define their position against each of the parental figures and the parental couple.

Despite the diversity of pathways, which cannot justify either the choice of the homosexual object nor the time at which it is made, we have seen, in all cases, the presence of family relationship patterns, which tend to be internalized, establishing an underlying matrix to the construction of the personality.

Key Words: female homosexuality, family dynamics, relational patterns.

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO.....	1
II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	1
1. Homossexualidade – Contexto histórico e evolução social.....	1
2. Homossexualidade Feminina.....	3
3. Sexo e Género.....	5
3.1. Feminilidade – Origem do Conceito.....	6
3.2. Desenvolvimento Feminino	6
3.3. Feminilidade e Subjectividade: Implicações no Desenvolvimento Feminino.....	9
3.4. Desenvolvimento e Diferenciação de Género.....	11
3.5. Bissexualidade.....	11
3.6. Orientação Sexual.....	14
3.7. Novas perspectivas sobre o Género.....	17
4. Formulação do problema e objectivos do estudo	26
III. MÉTODO	27
1. Delineamento.....	27
2. Participantes	30
3. Instrumento.....	30
4. Procedimento.....	33
5. Considerações Metodológicas	34
IV. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	39
1. Representação e relação com a mãe	39
1.1. Discussão / Conclusão.....	44
2. Representação e relação com o pai.....	45
2.1. Discussão / Conclusão.....	50
3. Casal parental	51
3.1. Discussão / Conclusão.....	55
V. CONCLUSÕES	57
VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO I	GUIÃO DA ENTREVISTA E JUSTIFICAÇÃO DAS PERGUNTAS....	62
ANEXO II	EXCERTOS DE ENTREVISTAS.....	65
ANEXO III	EIXOS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO.....	120

I. INTRODUÇÃO

No presente estudo pretendemos explorar os processos comunicacionais e os padrões relacionais no seio da dinâmica familiar de quatro mulheres homossexuais. Tentaremos compreender o modo como as relações familiares foram vividas do ponto de vista do sujeito e entrever a sua influência no seu percurso de desenvolvimento. Ainda que partindo do pressuposto de que o modo como as pessoas escolhem os seus objectos ao longo da vida é em parte determinado pelas suas escolhas objectais primárias, pensamos que a interpretação psicodinâmica deve valorizar a diversidade, pelo que não procuraremos estabelecer qualquer tipo de relação de causalidade entre estas e a escolha de objecto homossexual, procurando antes salientar que a homossexualidade – tal como a heterossexualidade – tem, em cada indivíduo, uma narrativa particular que a sustenta e a explicita.

O nosso trabalho está organizado em quatro partes distintas. Na primeira, tentaremos retratar a evolução do pensamento psicanalítico face à homossexualidade em geral e à homossexualidade feminina em particular, revendo conceitos como identidade de género, feminilidade e bissexualidade, nas teorias clássicas e incontornáveis de Freud e Stoller, mas também na visão de autores que nos oferecem perspectivas inovadoras e pós-modernas da teoria psicanalítica. Após esta revisão teórica forçosamente breve, apresentaremos os objectivos do estudo. Na segunda parte, proceder-se-á à descrição da metodologia utilizada, caracterizando os participantes, descrevendo o instrumento e o procedimento utilizados, assim como implicações relevantes das nossas escolhas na recolha do material e na análise de conteúdo, a qual será apresentada e discutida na terceira parte deste estudo. Por fim, na quarta e última parte é apresentada uma conclusão geral do trabalho, considerando as suas limitações e sugestões para futuros estudos.

II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Homossexualidade – Contexto histórico e evolução social

No final do séc. XIX, começa a considerar-se que os homossexuais não devem ser punidos pela sua conduta, dado que esta escapa ao seu controle. Defensores do determinismo biológico, Ulrichs e Kraft-Ebing (1864, 1886, cit por Young-Bruehl, 2001) acreditam que os homossexuais são “almas femininas aprisionadas em corpos masculinos” (ou vice-versa) explicando a homossexualidade com base no “hermafroditismo psíquico”. Havellock Ellis é o primeiro a distanciar-se deste modelo, e a considerar a homossexualidade como uma variante sem implicações patológicas (Firestein, 1996, cit. por Young-Bruehl, 2001).

No início do séc. XX, Freud (1905), postulando que objectivo e objecto da sexualidade devem ser considerados separadamente, define a homossexualidade como uma inversão e não como uma degenerescência. Freud não considera que os homossexuais constituam um grupo com um carácter especial, ou sejam essencialmente diferentes dos heterossexuais, opondo-se a qualquer tentativa de os separar do resto da humanidade (Freud, 1905). Apesar de não considerar a homossexualidade “uma doença, vício, degradação ou sequer motivo de vergonha”, encara-a como uma variante causada por uma paragem do desenvolvimento (Roughton, 2002, sobre Freud, 1935). Para Schafer, (1995, cit por Auchincloss & Vaughan, 2001) a “ética evolucionista darwiniana de Freud” é responsável pela sua visão normativa, que postula que o desenvolvimento psicosexual deve culminar numa orientação genital, heterossexual e reprodutiva. Nas narrativas de imaturidade a homossexualidade é uma fase normal – desde que passageira e superável – no decurso do desenvolvimento da heterossexualidade (Drescher, 2002).

Após a morte de Freud, a tendência dos seus seguidores é de patologizar a homossexualidade e a vertente mais inovadora da teoria começa a soçobrar face ao moralismo, a critérios de diagnóstico e à apologia de uma “cura”. O termo "inversão" cai em desuso e a homossexualidade torna-se mais uma das "perversões", uma categorização que nesta altura adquire também conotações pejorativas (Roughton, 2002). Durante anos, generalizando a partir da patologia dos seus pacientes mais doentes, os analistas assumem o pior sobre os homossexuais (Roughton, 2002). A busca por "uma solução para o problema da homossexualidade" (Lewes 1988, cit por Roughton, 2002) pode ter sido motivada em parte pelo desejo de compreender e ajudar, mas a psicanálise cria "o paciente homossexual" (Lewes 1988, cit por Roughton, 2002; Young-Bruehl, 2000), o qual é durante muito tempo definido apenas pelo aspecto sexual de uma vida cuja complexidade se ignora e pelas patologias que lhe são consideradas inerentes (Roughton, 2002). Uma vez que este trabalho não se orienta numa perspectiva patologizante, não nos iremos alongar a detalhar esta tendência.

Enquanto a psicanálise persiste neste rumo, emergem outras perspectivas sobre a homossexualidade, entre as quais os estudos de Kinsey (1941, 1948, cit por Young-Bruehl, 2001), que demonstram que esta não é nem rara nem patológica. Ao diferenciar o comportamento homossexual das pessoas homossexuais, Kinsey tem um papel incontornável na reavaliação contemporânea da homossexualidade (Person, 1983; Young-Bruehl, 2001).

Gradualmente, também no seio do movimento psicanalítico, a forma de encarar a homossexualidade tem vindo a mudar. Os contributos pós-modernos, na sua interface com a teoria psicanalítica, têm levantado questões referentes aos contextos sócio-culturais em mudança, suscitando um interesse crescente pela exploração da sua vertente simbólica. A emancipação da mulher, os papéis de género e a multiplicidade de organizações familiares têm sofrido profundas alterações ao longo do último século. Existem novas organizações familiares que nos devem levar

a reflectir sobre o pressuposto contraste entre o masculino e o feminino. Mesmo nos modelos familiares mais “tradicionais”, é inegável que os vértices do triângulo alteraram a sua relação e o seu peso relativo. É questionável que o pai se mantenha como símbolo do poder, assim como que persista um contraste tão marcado entre a mãe e o pai no que diz respeito às suas funções relativamente aos filhos. Há que repensar portanto o papel da dinâmica familiar nas referências identitárias.

2. Homossexualidade Feminina

A perspectiva psicanalítica sobre a homossexualidade feminina é, durante muito tempo, simples, unitária e patologizante. A teoria clássica, que considera uma única via de atingir a maturidade, baseia-se num modelo masculino e heterossexual (Fischer, 2002). No entanto, os estudos dedicados à homossexualidade feminina numa perspectiva clássica são raros e não reflectem a diversidade de percursos de desenvolvimento que podem conduzir à homossexualidade nas mulheres, a qual parece ser ainda maior do que nos homens (Downey & Friedman, 1998).

Ao mesmo tempo que a homossexualidade feminina é relativamente negligenciada pela psicanálise, uma criatura conhecida como “a mulher homossexual” vai sendo caracterizada como “uma criança amazona muito perturbada, narcísica, fixada na mãe e identificada com o pai” (Young-Bruehl, 2000, ¶1). Os teóricos que geram o estereótipo da “mulher homossexual” assumem que escolha de objecto sexual de um indivíduo o define como pessoa, não importando quaisquer evidências de variabilidade (Young-Bruehl, 2001). Apesar de Freud (1920) ter reconhecido a existência de diversas formas de homossexualidade feminina, esta hipótese não é objecto de exploração posterior. A jovem descrita por Freud ama uma mulher bissexual - sucessora da sua mãe - de uma forma que ele considera masculina: sobreavaliando e idealizando, sendo a amante activa e não a amada passiva. Ela não evolui de forma segura do amor da mãe para o amor do pai, antes retrocede. Apesar de Freud ter esboçado outras interpretações possíveis, notando que o objecto bissexual desta mulher representa tanto o irmão como a mãe, não persiste nesta sugestão de que a jovem ama uma figura compósita, nem tampouco na hipótese de ela amar como foi ou como desejou ser amada. Também não leva em conta a outra mulher, e assim, desde a era de Freud que tanto as mulheres bissexuais como as homossexuais que se identificam predominantemente com mulheres, têm sido ignoradas - ou seja, assume-se que não existem (Young-Bruehl, 2001). Desde a jovem homossexual que Freud (1920) considerava como “não estando, de forma alguma, doente” (¶ 7) que a teoria se foi enredando cada vez mais na psicopatologia. Se para Freud, os conflitos edipianos estavam na origem do “complexo de masculinidade”, os posteriores desenvolvimentos da teoria levaram a que a

homossexualidade fosse considerada uma perversão grave, de origem pré-edípiana, com incapacidade de resolver conflitos na fase de separação-individuação (Socarides, 1963, 1978, cit. por Downey & Friedman, 1998).

Este panorama tem vindo a mudar e Stoller é dos primeiros a reconhecer que não existe um quadro clínico com uma dinâmica e etiologia comuns que se aplique a todas as mulheres homossexuais e que a homossexualidade, tal como a heterossexualidade, é um misto de desejos, não é um sintoma nem um diagnóstico (Stoller, 1985, cit. por Young-Bruehl, 2001).

Kirkpatrick (1984, cit por Downey & Friedman, 1998) faz notar que muitas das características atribuídas às lésbicas, tais como o ódio aos homens, a regressão como consequência dos desapontamentos do período edípiano e a incapacidade de tolerar a descoberta das diferenças anatómicas são também observáveis em mulheres heterossexuais, não podendo ser consideradas como distintivas. A partir deste momento torna-se claro que não há uma única via de desenvolvimento que conduza à homossexualidade feminina (Fischer, 2002). Não obstante a emergência de novas perspectivas, o estereótipo descrito por Young-Bruehl domina o pensamento psicanalítico durante quase um século, cristalizando-o em torno de um único tipo de mulher, masculinizada, que define a sua identidade quando faz uma escolha de objecto homoerótica e o modelo de desenvolvimento falocêntrico persiste ainda hoje com uma influência excessiva na abordagem da orientação sexual feminina (Downey & Friedman, 1998).

Actualmente considera-se que as mulheres homossexuais não são um grupo unitário, devendo ser levadas em conta as diferentes dinâmicas psíquicas que convergem para a escolha de objecto homossexual (Fischer, 2002).

Kirkpatrick (2002) chama a atenção para a diversidade de percursos de vida das mulheres com relacionamentos homossexuais. Algumas delas estão conscientes da coexistência de desejos homossexuais e heterossexuais ao longo da vida, outras podem descobrir novas paixões na vida adulta, e algumas vivem vidas satisfatórias sem experimentar desejo sexual, não havendo uma via reconhecível ou consistente que leve a esta orientação, sendo os seus conflitos internos equivalentes aos encontrados em mulheres heterossexuais.

Até certo ponto, qualquer uma das caracterizações que foram feitas ao longo do tempo para tipificar “a mulher homossexual” pode de facto descrever algumas delas. Há mulheres homossexuais que ficaram aprisionadas numa situação edípiana negativa ou regrediram para ela, outras que se defendem fugindo da heterossexualidade, e ainda as que estão fundidas com a mãe a um nível pré-edípiano. No entanto, tal não é distintivo da homossexualidade, dado que há mulheres heterossexuais que podem também ser descritas desta forma (Young-Bruehl, 2001). Chodorow (1992) diz-nos que no seio da teoria psicanalítica, é difícil distinguir a homo da heterossexualidade de acordo com critérios como “saúdável”, “maturidade”, “neurose” ou

“sintoma”, ou pelo critério “normal versus anormal” se este for utilizado com outro significado que não seja o normativo.

Na revisão da literatura recente, a separação dos conceitos de identidade de género e de escolha de objecto, a reconsideração dos pressupostos acerca das vias de desenvolvimento e a fluidez da escolha de objecto nas mulheres são temas recorrentes (Reed, 2002) e assiste-se a um esforço por parte dos psicanalistas para compreender a homossexualidade - ou melhor dizendo - as homossexualidades - sem o intuito de as diagnosticar ou curar. À medida que a teoria tem evoluído ao longo do tempo, tem-se prestado mais atenção às influências histórico-culturais. Na verdade, já em 1924, Horney havia posto em causa a centralidade do papel desempenhado pelas pulsões sexuais na motivação humana. Para Horney, Freud subestimou a o papel das influências socioculturais nas diferenças de comportamento entre homens e mulheres (Horney, 1924, 1926, cit. por Downey & Friedman, 1998). A diversidade da expressão sexual através dos tempos e nas diferentes culturas é impossível de explicar em termos puramente biológicos, mas a teoria psicanalítica ao manter-se focada no contexto individual e familiar não leva em conta a influência dos papéis sociais na modelação do desejo, levando a que os padrões mais vulgares identificados na sociedade ocidental sejam tomados por universais (Burch, 1998). O conceito freudiano de "complexo de masculinidade" alterou-se subtilmente ao longo do tempo, de uma identificação com as características masculinas para uma falha nas identificações femininas, o que levou a que o lesbianismo fosse definido como um distúrbio da identidade de género (Magee & Miller, 1997 cit por Reed, 2002).

3. Sexo e Género

As formulações psicanalíticas de Freud, Horney e Jones, são anteriores à conceptualização de sexo e género como entidades separadas (Person & Ovesey, 1983).

A conceptualização do género como distinto da sexualidade, constituiu um *insight* imensamente inovador, levado a cabo por Money (1955, cit por Person, 2005), o primeiro a fazer esta distinção e a introduzir o termo “género” na literatura médica e psicológica. O primeiro passo fundamental para a diferenciação de género é a criança nomear-se a si própria como menino ou menina; esta designação surge de acordo com o sexo designado e tem componentes conscientes e inconscientes (Person & Ovesey, 1983). Actualmente pensa-se que a diferenciação de género é observável até o final do primeiro ano de vida e, em circunstâncias normais, é imutável pelo terceiro (Person & Ovesey, 1983).

Stoller (1968, cit por Fast 1999) cunhou o termo identidade de género nuclear para se referir à auto-identificação precoce de uma criança como rapaz ou rapariga. Este primeiro sentimento de identidade de género - estabelecido muito antes de ocorrerem os

desenvolvimentos de género que são cruciais para Freud – constituiu-se como um eixo relativamente inalterável em redor do qual se vão agregar outros aspectos mais complexos da masculinidade ou da feminilidade, à medida que a criança vai tomando conhecimento das diferenças sexuais e se depara com os conflitos edípicos.

3.1. Feminilidade – Origem do Conceito

Ao longo da história, a "questão da mulher" e da sua diferença face ao homem, tem fascinado sucessivas gerações de pensadores (Kirkpatrick, 1990). Durante muito tempo assumiu-se que a feminilidade e a masculinidade decorriam da natureza dos dois sexos biológicos, não suscitando curiosidade as suas origens e desenvolvimento. Devemos a Freud a percepção de que a existência de diferenças de personalidade entre os sexos exigia uma explicação e a psicanálise foi a primeira teoria que tentou explicar de forma abrangente a origem daquilo a que hoje chamamos género (Person & Ovesey, 1983).

Desde os primórdios da história da psicanálise que se declarou uma controvérsia acerca da feminilidade, na qual Freud, Horney e Jones foram os principais protagonistas. Freud postulou que a masculinidade era o estado primitivo a partir do qual a menina partia para a feminilidade após a descoberta de não ser detentora de um pénis (Freud, 1932). Horney e Jones sugeriram que a feminilidade e a masculinidade emergiam de predisposições inatas, independentes e autónomas manifestando-se no período pré-edípico, muito antes da fase fálica (Person & Ovesey, 1983; Sweetnam, 1996).

O conceito de feminilidade surge assim ligado a uma questão anatómica, em torno da qual se estabelece a controvérsia. Se para Freud, o que está na origem da feminilidade é a percepção da diferença sexual, Horney - não obstante o relevo que confere aos determinantes culturais do comportamento masculino e feminino - pressupõe um inatismo biológico como base para explicar a divergência de comportamentos desde uma fase mais precoce. Neste período inicial da história da psicanálise a anatomia é o destino.

3.2. Desenvolvimento Feminino

Se Freud nunca deixou de questionar a adequação das suas teorias acerca do desenvolvimento feminino, o contributo dos seus seguidores foi no sentido da rigidez e do dogmatismo. Para Deutsch, (1944, 1945, cit por Kirkpatrick, 1990) as marcas da feminilidade eram a passividade, o masoquismo e o narcisismo, e Lampl de Groot, (cit. por Kirkpatrick, 1990) chegou a sugerir que a educação das crianças era uma tarefa masculina, por exigir actividade. Hoje em dia vemos estas características mais como uma evidência de patologia do que de maturidade feminina (Kirkpatrick, 1990).

Para Elise (1997), o conceito de "feminilidade primária" transmite a impressão de que se trata de algo inato, de base corporal e ligado, explícita ou implicitamente, a pressupostos sobre a heterossexualidade e a necessidade de identificação com o mesmo sexo, pelo que propõe a substituição do termo pelo "sentido primário de ser mulher", considerando que este conceito não é incompatível com uma matriz bissexual, porque a consciência de si num corpo feminino pode coexistir com a fantasia de um potencial que não é limitado pelo género. A representação positiva de um corpo feminino nada tem a ver com características que tradicionalmente definem a feminilidade, como passividade, docilidade ou submissão. Persiste-se em definir como "desejáveis" qualidades que não são bons indicadores de saúde mental (Broverman, et al, 1970; Kaplan, 1991, cit por Elise, 1997), não reconhecendo que "feminilidade" é um termo cultural que se refere a um conjunto de traços considerados desejáveis para as mulheres, mas que não resultam do corpo feminino, não reflectem um sentido positivo de *self* nem são realmente valorizados pela sociedade.

Tradicionalmente, a menina só pode consolidar a sua feminilidade identificando-se com a mãe e desejando o pai, ou seja, só pode ocorrer em termos estritamente heterossexuais. Na visão clássica, a identificação com o pai é patológica e o desejo para com a mãe significa fusão regressiva ou defesa contra os desafios da heterossexualidade (Burch, 1996). Butler (1990, cit por Goldner, 2003, Butler, 1995) com o conceito de "melancolia de género", diz-nos que tanto a feminilidade como a masculinidade normativas têm as suas raízes na renúncia não chorada do desejo homoerótico pela mãe ou pelo pai. Cada gesto performativo, cada iteração de masculinidade ou feminilidade, é uma representação de um desejo homoerótico que saboreia os prazeres implícitos do que foi proibido, num exibicionismo que oculta a sua motivação inconsciente. No entanto, não basta pensar o género em termos do seu desempenho literal, uma vez que a opacidade do inconsciente coloca limites ao que é exteriorizado e tal só pode ser compreendido através do que é excluído da performance. Considerando a idealização do género e a incapacidade de a atingir, os mecanismos de rejeição organizam a performance, alegorizando uma perda que não pode ser chorada, que é recusada e incorporada na identificação. Há um desejo insatisfeito subjacente à incorporação mimética do género Na fantasia incorporativa da melancolia, o objecto é fantasmaticamente incorporado e assim o próprio género pode ser parcialmente entendido como o "acting out" de um luto não resolvido (Butler, 1995).

O ideal da masculinidade, que prevalece culturalmente, impede o luto ou sublimação da identificação com a mãe, e tem repercussões negativas, que são especialmente evidentes na derrogação do feminino (Benjamin, 1996). De um modo geral, a teoria psicanalítica credita a relação pai-filha como responsável pelo apreço que a menina desenvolve pela identidade de género e sexual (Leonard, 1966, cit por Burch, 1996). Não obstante a importância que o romance entre mãe e filha desempenha no desenvolvimento de todas as mulheres, muitos autores

persistem na tendência de o interpretar em termos dos seus riscos (Burch, 1996), insistindo nas virtudes da renúncia e não na modificação da relação (O'Connor e Ryan, 1993, cit por Burch, 1996). Para McDougall (1995, cit por Meissner, 2005), o desenvolvimento da imagem corporal da menina é influenciado pelo investimento narcísico e libidinal da mãe, e pelo grau em que esta transmite as suas próprias angústias físicas e sexuais.

Para Elise (2002, cit por Meissner, 2005), mãe e filha devem poder aceitar-se mutuamente como sujeitos sexuais, e tal deve incluir a validação por parte da mãe dos desejos homoeróticos da filha. Uma relação em que mãe e filha reconheçam a sua alteridade e não sejam rivais perante o objecto desejado, mas sim desejadas e desejantes em relação uma à outra, não impede uma relação com o homem/pai, mas é dela independente e com ela pode coexistir (Burch, 1996). No entanto, se mãe e filha não se puderem reconhecer como inteiras e completas na ausência do pai, a menina pode vir a experimentar dificuldades no sentimento de subjectividade (Burch, 1996). Para que tal não aconteça, a mãe deve ser, ela própria, um sujeito e não um simples objecto (Benjamin, 1988, cit por Burch, 1996), sem o que não poderá reconhecer nem reflectir a plenitude do ser da sua filha. A relutância ou incapacidade da mãe para participar nesta relação podem ser incorporadas pela filha como um reflexo de sua indesejabilidade. Se esta rejeição assentar num sentimento homofóbico, o que vai ser comunicado à menina é que a génese desta falha é determinada com base no género (Burch, 1996). A capacidade de resposta da mãe depende em parte da qualidade do relacionamento desta com a sua própria mãe ou das reparações que ela conseguiu fazer nas feridas dessa relação (Burch, 1996).

Para Burch (1993, 1993b), o mito de Perséfone é mais adequado para descrever o desenvolvimento feminino do que o mito edipiano. Neste paradigma alternativo sublinha-se a natureza inicialmente exclusiva da relação mãe-filha, a reciprocidade do amor entre ambas e a persistência da sua união após o pai entrar na história. A teoria das relações objecto centra-se na separação da criança da figura dominante, a mãe, na quebra da unicidade da relação mãe-bebé. No entanto, a passagem da menina por este período envolve apenas uma separação parcial ou flutuante da mãe (Deutsch, 1944; Chodorow, 1978, cit por Burch, 1993b). O mito de Perséfone descreve esta crise no desenvolvimento da filha na sua relação com a mãe. A relação mãe-filha existe primeiro em si mesma, sem a intrusão do pai ou do mundo dos homens. Elas são companheiras de inocência e alegria até que Perséfone é levada por Hades (a quem o pai-Zeus a prometeu) para viver no seu reino. Sofrendo com a separação, a mãe assegura a sua libertação, mas Perséfone já havia comido, com Hades, seis sementes de romã, esquecendo ou ignorando propositadamente que assim se vincularia a ele para todo o sempre. A solução de compromisso passará, daí por diante, pela alternância de Perséfone entre Hades e Deméter. A entrada de Hades na história quebra o carácter exclusivo do vínculo mãe-filha, sendo que, doravante, a existência da filha oscila entre o universo da mãe e o universo masculino. Algumas interpretações do mito

ênfatisam a tristeza da filha face à sua separação da mãe, enquanto outras sublinham a sua cumplicidade com a mesma. As duas versões, consideradas conjuntamente, expressam a sua ambivalência, os desejos concomitantes de manter a exclusividade da relação com a mãe e de se separar dela (Burch, 1993b).

Hansell (1998) propõe que a adolescência seja o ponto nodal da crise de desenvolvimento feminino, muito mais tarde do que para os meninos, desde cedo pressionados a renunciar a traços inconsistentes com o género. A vulnerabilidade narcísica afecta a forma como a menina reage à crise e a renúncia contribui para problemas de auto-estima e a depressão que surgem por essa altura.

3.3. Feminilidade e Subjectividade: Implicações no Desenvolvimento Feminino

Toda a nossa compreensão do desenvolvimento e do funcionamento psíquico foi baseado num modelo masculino e é preciso entender de que modo é que o desenvolvimento feminino difere deste modelo (Fisher, 2002).

Para Kirkpatrick (1990), se o alívio da tensão sexual e o funcionamento do pénis actuam como um organizador psíquico masculino, reafirmando a identidade de género e validando a própria existência do *self*, a estabilidade psicológica das mulheres está pouco relacionada com a sua vida sexual e não há nada que indique que o seu desenvolvimento requiera um organizador semelhante. Embora as sensações internas possam ter algum papel no desenvolvimento da feminilidade, a identidade de género é muito mais psicológica do que biológica e talvez isso se verifique ainda mais nas meninas. As diferenças na vida sexual de homens e mulheres adultos reflectem as diferentes origens e organizadores da sua sexualidade. A análise das fantasias femininas sugere que o determinante central do desenvolvimento é a procura de intimidade (Kirkpatrick, 1989, cit por Downey e Friedman, 1998). Um homem impotente sente a sua masculinidade (e não apenas a sua sexualidade) ameaçada, (Person, 1980, cit por Burch, 1998) mas, se a sexualidade masculina é orientada, urgente e rígida, a das mulheres é mais flexível no objectivo, no objecto e na capacidade de sublimação (Person, 1980 cit por Kirkpatrick, 1990). Nas mulheres parece não haver nada de semelhante ao narcisismo fálico masculino (Leavy, 1996, cit por Meissner, 2005). O narcisismo feminino é difuso e as mulheres, para afirmarem a sua feminilidade, não se focam apenas no corpo, entrando no domínio da emoção, motivação e intersubjectividade.

A nossa cultura tem dois padrões para o desejo, um para os homens e outro para as mulheres (Dimen, 1986, Benjamin, 1989, cit por Dimen, 1991). O primeiro enaltece a experiência (adulta e masculina) de desejar, o segundo rebaixa e infantiliza a experiência (feminina) de querer ser desejado. Este dualismo não só se intersecta com a dicotomia masculino-feminino, mas também com a distinção entre sujeito e objecto e resulta numa condição que Dimen (1986, cit

por Dimen, 1991) denominou "sujeito-como-objecto". Nas nossas representações culturais e intrapsíquicas, os sujeitos são os homens, que podem desejar, representam a actividade, a autonomia e a maturidade. Nesse sentido, esperar-se-ia que as mulheres, adultas e autónomas fossem também sujeitos. No entanto, pela clivagem que ocorre tanto a nível cultural como psicológico, espera-se que sejam objectos desprovidos de desejo e reduzidos a ser o alvo do desejo de outrem, porque se os sujeitos podem desejar, os objectos existem para serem desejados. Das mulheres espera-se, portanto, que sejam tanto sujeitos como objectos e o desenvolvimento da feminilidade, marcado por este contraste entre a subjectividade e a objectificação condiciona o desejo feminino e introduz na questão do género a hierarquia e a relação de poder.

O género não remete apenas para uma polaridade, mas também para a assimetria entre os dois pólos de uma dicotomia (Armstrong, 1988 cit por Dimen, 1991), para uma hierarquia em que o masculino é dominante. Todas as oposições binárias estão sujeitas a hierarquias mais ou menos explícitas (Flax, 1990, cit por Dimen, 1991). No entanto, este compromisso não é a essência da feminilidade, é apenas uma contingência. Também os homens, em inúmeras situações do seu quotidiano, se vêem forçados a ser "sujeitos-como-objectos". A diferença é que, para as mulheres, essa situação se perpetua em todos os espaços, a hierarquia persegue-as para onde quer que vão, transportando a contradição nos seus próprios corpos e mesmo quando aparentemente poderiam libertar-se (no meio de outras mulheres), até aí a hierarquia as persegue, porque se criam barreiras ao reconhecimento mútuo de partilha da condição comum de "sujeitos-como-objectos" (Dimen, 1991).

Fundidos na infância como aspectos diferentes do desejo, a necessidade e a vontade separam-se durante o desenvolvimento. Embora inconscientemente continuem ligados, culturalmente são valorizados de forma diferente. O querer é associado com a maturidade, com a vontade activa e com a masculinidade e é valorizado face à necessidade, ligada à infância, à dependência passiva e à feminilidade. A necessidade é, além do mais, assustadora, remetendo-nos para memórias inconscientes de impotência e dependência total de outrem. Os adultos, portanto, tentam distanciar-se das suas necessidades de dependência encarando os seus anseios de amor, ternura e cuidados como fracos, infantis, e "efeminados" (Dimen, 1989, cit por Dimen, 1991).

Seja lá o que possa significar para nós ser masculino ou feminino, essa representação deriva das nossas internalizações e identificações. Falar de características masculinas e femininas é essencializar a natureza de um determinado traço (Aron, 1995).

Elise (1998) critica a divisão de género em termos da capacidade de penetração - que considera não ser inerentemente masculina, mas que é vista como tal e reexamina a masculinidade-feminilidade não segundo as habituais dimensões de actividade-passividade, mas do ponto de vista da permeabilidade das fronteiras psíquicas e corporais, das capacidades de penetrar bem como de ser penetrado.

3.4. Desenvolvimento e Diferenciação de Género

Se nos primórdios da psicanálise se conferia um papel preponderante às sensações genitais, à descoberta das diferenças anatómicas, à angústia de castração, à inveja do pénis, e ao complexo de Édipo como elementos constitutivos do género, estes factores são agora vistos como influências secundárias e posteriores numa diferenciação que se inicia muito mais precocemente (Person & Ovesey, 1983). Se é verdade que o período edipiano é um marco importante no desenvolvimento do género, não é menos importante sublinhar que, para chegar a esse ponto, a criança já teve de estabelecer a sua identidade de género nuclear, e são as relações de objecto e as fantasias precoces que influenciam decisivamente a feminilidade ou masculinidade (Person & Ovesey, 1983).

No modelo de Fast (1990), antes da diferenciação de género, há um estadio de narcisismo precoce, comum a ambos os sexos, em que masculinidade e feminilidade não são experimentadas como categorias mutuamente exclusivas. A constatação das diferenças anatómicas induz a diferenciação e é então que as características e comportamentos associados à masculinidade e feminilidade fazem com que a atribuição de género se traduza numa profunda sensação de limitação, quando a criança, que acreditava ser detentora dos atributos de ambos os sexos, reconhece os limites da realidade.

Os significados de masculinidade e feminilidade são função da experiência e da organização cognitiva da criança e o período de desenvolvimento anterior à descoberta das diferenças sexuais é simultaneamente indiferenciado e sobre-inclusivo no que diz respeito à consciência de género. As identificações primárias da criança, tanto com a mãe como com o pai, são a base do desenvolvimento da bissexualidade, o que permite que, durante esta fase, a criança mantenha o sentimento de que todas as possibilidades sexuais e de género lhe estão abertas. Só depois do reconhecimento das diferenças sexuais ela renuncia aos aspectos do *self* que eram indiscriminados na perspectiva do género, renunciando igualmente às identificações inadequadas deste ponto de vista (Fast, 1990). A consciência das diferenças implica o reconhecimento de limites e está associada a sentimentos de perda, negação, inveja e exigências de restituição. Este movimento em direcção a uma identidade de género diferenciada faz parte de uma diferenciação com o narcisismo como ponto de partida. O desejo de "completude bissexual" (Fast, 1984, cit por Aron, 1995) ocorre tanto em meninas como em meninos, não sendo só as meninas a ter inveja do pénis, também os meninos invejam a capacidade de gerar bebés.

3.5. Bissexualidade

O termo bissexualidade remete para significados diversos, referindo-se à mistura de identificações de género no inconsciente de cada um, ao facto de que cada escolha de objecto sexual inconscientemente nos lembra as figuras masculinas e femininas do nosso passado, à

mistura de características masculinas e femininas que podem ser observados em qualquer indivíduo e à orientação e comportamento de uma pessoa que é sexualmente atraída e se envolve em relações sexuais com membros de ambos os sexos (Smith, cit por Grossman, 2001).

Freud (1920) distinguiu três domínios que compõem a sexualidade de um indivíduo: as características físicas ou biológicas (hermafroditismo físico) as características sexuais mentais (atitude masculina ou feminina) e o tipo de escolha de objecto. Estes três domínios em que se manifesta a bissexualidade variam de forma independente em cada indivíduo. Na perspectiva de Freud, todos os seres humanos são biológica e psicologicamente bissexuais e ainda que, através de um processo de recalçamento, a maioria das pessoas escolha manifestamente um ou outro sexo, retém, no seu inconsciente, o caminho não escolhido. O domínio psicológico não é apenas o da escolha de objecto, é também o de que hoje chamamos identidade de género: como uma pessoa se sente e como se posiciona em relação ao que é masculino e feminino. Desde Freud que temos a noção de que um homem com características mentais predominantemente masculinas que escolhe outros homens como seus objectos sexuais é diferente de outro que faz o mesmo tipo de escolha mas que tem características mentais predominantemente femininas. São dois tipos diferentes de comportamento homossexual, produtos de duas vias diferentes de desenvolvimento e de escolha objectal. Deste modo, Freud afasta-se da concepção de Ulrichs, dos homossexuais como almas femininas presas em corpos masculinos ou almas masculinas presos em corpos femininos (Young-Bruehl, 2001).

Esta visão de Freud sobre a bissexualidade é abandonada pela maior parte dos teóricos que lhe sucederam e é só com Kinsey (1941, 1948, cit por Young-Bruehl, 2001) que a bissexualidade é de novo levada a sério. Para Kubie (1974 cit por Aron, 1995), um dos desejos mais profundos e igualmente presente em meninas e meninos, é identificar-se com e tornar-se em ambos os pais. Esta pulsão, “a mais auto-destrutiva das motivações humanas”, por não poder nunca ser satisfeita, conduziria inevitavelmente à frustração, depressão e raiva e estaria na origem de patologias e dificuldades interpessoais diversas. Aron, ao invés de enfatizar os problemas da bissexualidade psíquica, considera que a fantasia onnipotente de se ser de ambos os géneros, apesar de tradicionalmente encarada como patogénica, não requer renúncia e o desejo grandioso de ser/ ter tudo, pode ser usado de forma construtiva para cumprir simbolicamente a fantasia e deve ser apreciado como uma valiosa motivação humana (Aron, 1995).

Para Elise (1998), as identificações de género podem mudar consoante o contexto relacional e a bissexualidade pode ser encarada como uma expansão do repertório de género, uma utilização criativa do espaço potencial que não implica o colapso da identidade de género nuclear. A sua perspectiva baseia-se nas relações de objecto precoces e além das metáforas da cena primitiva e do casal parental combinado (Aron, 1995), propõe a díade mãe-bebé como sede

de identificações bissexuais e como a primeira relação do penetrante com o penetrado. A criança experimenta uma "penetração ilimitada por uma substância líquida" que representa uma "expressão básica" das relações sexuais (Chasseguet-Smirguel, 1995, cit por Elise, 1998). Assim, a relação de cuidados que se estabelece entre a criança e a mãe constitui a forma primitiva de relação sexual, estimulante para crianças de ambos os sexos (bem como para a mãe). Partindo deste princípio, Elise diz-nos que a relação criativa com o seio materno pode ser vista como contendo os elementos básicos da bissexualidade. O bebé é penetrado pela mãe e pode, por identificação com ela, imaginar-se penetrante. Winnicott (1954, cit por Elise, 1998) deu-nos uma imagem sugestiva desta relação, ao descrever o bebé que mete o dedo na boca da mãe enquanto é amamentado. No espaço potencial desta relação, abrem-se possibilidades imaginativas que remetem para o simbolismo que diversas partes do corpo assumem na actividade sexual. Esta experiência real, directamente vivenciada por cada criança, afasta a noção de herança de um conhecimento filogenético proposta por Freud (1918, cit por Elise, 1988) e permite a elaboração, em níveis posteriores de desenvolvimento, da interacção sexual dos pais, antecedendo a internalização da cena primitiva proposta por Aron (1995) como base para a modelação e estruturação de um *self* multi-género. A fantasia inconsciente acerca da sexualidade destes é baseada na "relação sexual" estabelecida com a mãe, em que pela penetração e incorporação activas e pela relação dialéctica com o outro, cada um constrói o outro (Ogden, 1989, cit por Elise, 1998).

Há diferenças significativas na expressão da bissexualidade em homens e mulheres. As mulheres parecem ter menos vergonha de demonstrar desejo de ser do sexo oposto ou atracção pelo mesmo sexo do que os homens (Grossman, 2001). A hipótese de que as mulheres são mais "bissexuais" do que os homens remonta às observações de Freud, nos seus últimos ensaios sobre a sexualidade feminina e que apontam para que as mulheres mantêm a sua ligação intensa com a mãe em todos os seus relacionamentos posteriores (Young-Bruhel, 2001).

Para Young-Bruhel (2001), dos três domínios propostos por Freud para a compreensão da bissexualidade - o sexo, o género e tipo de escolha objectal, este último tem sido o mais subestimado, com a agravante de a ênfase ter sido sempre recaído na questão da escolha e não no objecto e no papel que este assume para o sujeito. A consequência de durante muito tempo se ter considerado que o que era predominante na escolha de objecto era uma questão anatómica, levou a que as outras características do objecto não fossem muito tidas em conta. Além disso, se não se encarar a escolha de objecto de uma perspectiva relacional, não se valoriza o papel que o género, o sexo e o tipo de escolha de objecto do objecto escolhido podem ter para o sujeito.

Para Butler (1990, cit por Aron, 1995) a conceptualização da bissexualidade em termos de disposições femininas e masculinas faz com que o amor do menino pelo pai seja visto como feminino e o amor da menina pela mãe seja visto como masculino. Desta forma, somente os

opostos se atraem, a bissexualidade é a coincidência de dois desejos heterossexuais dentro da psique individual. e a homossexualidade não existe.

3.6. Orientação Sexual

A relação entre identidade de género e orientação sexual é uma área do pensamento psicanalítico ainda enredada nos paradigmas sócio-culturais que prevaleceram durante décadas. Género e sexualidade são temas particularmente difíceis, ligados como estão às nossas mais profundas necessidades psicológicas e sociais. Para nos mantermos fiéis às origens da teoria psicanalítica, temos de continuar a formular perguntas que não assumam *à priori* que o género e a sexualidade derivam de uma ordem “natural” (Burch, 1993).

Na teorização contemporânea, sexo, género e sexualidade começam a ser perspectivados em linhas de desenvolvimento separadas que reciprocamente se influenciam mutuamente em diversos níveis de reorganização (Coates, 1990, cit por Goldner, 1991).

O amor homossexual é desaprovado pela sua não-convencionalidade, pela sua ameaça aos papéis sociais e talvez mesmo a sua ameaça à segurança das pessoas acerca das suas próprias identidades sexuais (Person, 1988, cit por Chodorow, 1992).

Numa lógica cultural na qual o género é alcançado e estabilizado pela heterossexualidade, as ameaças à heterossexualidade tornam-se ameaças ao género em si. O medo do desejo homossexual está associado ao medo de perder a feminilidade ou a masculinidade, de não se ser adequado, de se ser, de alguma forma, falhado ou monstruoso. A proibição da homossexualidade exige a renúncia a qualquer objecto do mesmo género, e se esta possibilidade está excluída à partida, esta é uma perda antecipada, um luto de possibilidades não vividas, é um amor que não pode existir, e se acontecer, tal ocorre sob o signo oficial de sua proibição e negação. Numa cultura em que o género emerge como traços de um amor impossível de chorar, a masculinidade e a feminilidade são fortalecidas mediante os repúdios que elas mesmas realizam. Não é a sexualidade que expressa o género, é este que é composto precisamente pelo que permanece desarticulado na sexualidade (Butler, 1995).

As polaridades de género nos modelos de desenvolvimento tradicionais, pressupõem que a mãe e o pai assumem tarefas diferentes quanto a identificação e escolha de objecto (Jacobo, 2001). No entanto - tal como a mudança a que se assiste nas organizações familiares vai tornando cada vez mais evidente - o progenitor primário não é sempre a mãe, o secundário nem sempre é do sexo masculino, e muitas vezes, pai e mãe não se dividem de acordo com os papéis de género tradicionais (O'Conner & Ryan, 1993 cit por Jacobo, 2001).

Conhecer a orientação sexual das pessoas não nos diz nada sobre sua saúde mental, sobre a sua capacidade para relacionamentos íntimos, nem mesmo se os seus interesses e hábitos são mais propensos a encaixar-se nos estereótipos masculinos ou femininos (Roughton, 2002).

Um pressuposto implícito da teoria psicanalítica é que todo o desejo é essencialmente heterossexual. (O'Connor & Ryan, 1993, cit por Burch, 1996) e assim, o desejo homoerótico é geralmente enquadrado em termos heterossexuais e considerado como uma tentativa falhada de lidar com os problemas inerentes à heterossexualidade (Burch, 1996).

Pensando homo e heterossexualidade como formações de compromisso, Chodorow (1992) retorna às origens da psicanálise, numa contribuição teórica importante para a elucidação da atracção sexual. O seu trabalho chama a atenção para o estatuto privilegiado da heterossexualidade nas teorias do desenvolvimento (Roughton, 2002). Chodorow tornou claro que a heterossexualidade não pode ser tomada como um dado adquirido e que a biologia não explica as fantasias nem o erotismo individual, fortemente influenciados pelo contexto cultural. O desenvolvimento da homo ou da heterossexualidade em cada indivíduo tem por detrás uma narrativa que o explica, e ao privilegiar-se a visão dicotómica da atracção sexual tende-se a esquecer a diversidade. O pressuposto de uma heterossexualidade natural não admite especificidade na escolha de objecto para além da dicotomia homo-heterossexual, e retira a questão da sexualidade da esfera psicodinâmica, desvalorizando os percursos de desenvolvimento, a organização intra-psíquica, objectal e relacional, do *self* e das defesas. Além disso, não se coaduna com a panssexualidade infantil, nem com o conhecimento de que o envolvimento erótico inicial de cada indivíduo - homem ou mulher - é com a sua mãe. Se argumentarmos que a relação com a mãe não é de natureza sexual, pagaremos um elevado preço no que concerne à teoria da sexualidade e ao postulado de Freud de que esta é mais do que genital e reprodutiva (Chodorow, 1992). Os trabalhos de Freud acerca do desenvolvimento da heterossexualidade só podem ser entendidos como narrativas de defesa e formações de compromisso que emergem da descoberta das diferenças anatómicas e do conflito edípiano. Lewes, que considera demasiado simples a perspectiva de Freud sobre este período, defende que as possibilidades de resolução do conflito são muito mais amplas e que ainda que haja várias saídas heterossexuais, apenas uma é “normal”. A complexidade da teoria de Lewes dificulta a associação directa da “normalidade” à heterossexualidade. Para Lewes, os mecanismos do complexo de Édipo são uma série de traumas psíquicos e todos os seus resultados são formações de compromisso e portanto, todos são “normais” (Lewes, 1988, cit por Chodorow, 1992).

Depois de Freud, as raras descrições do desenvolvimento da heterossexualidade ou são pobres e generalistas, ou levam-nos a concluir que a heterossexualidade não é diferente na sua essência de tudo o que possamos dizer da homossexualidade, ou seja, que ambas são formações de compromisso, consequências do desenvolvimento ou do narcisismo, das relações de objecto, das fantasias inconscientes, das variantes da pulsão, etc (Chodorow, 1992). No entanto, quando nos referimos à homossexualidade parece falamos apenas da escolha de objecto sexual, da erotização ou desejo, ou de uma identidade sexual consciente. Por contraste, os autores que

descrevem o desenvolvimento da heterossexualidade (Balint, 1936, 1947, Kernberg 1976, 1980, Person 1988, cit por Chodorow, 1992) falam de algo que transcende o sexo e entra no domínio do apaixonamento romântico e do amor maduro, como se esse fosse o seu carácter distintivo.

Se Freud acreditava na bissexualidade constitucional (Freud, 1937, cit por Chodorow, 1992) e que qualquer escolha de objecto sexual necessitava de explicação sendo parcialmente construída pelo recalçamento do seu oposto, também pensou - por motivos teleológicos acerca da reprodução das espécies - precisamente o contrário, que a heterossexualidade era natural. Qualquer pressuposto biológico, porém, não explica o facto de o desejo heterossexual, tal como qualquer outro, ser sempre mais específico no seu objecto.

Para Burch (1993) identidade de género e escolha de objecto não são equivalentes embora possam desenvolver-se de forma paralela e influenciar-se mutuamente. Schuker (1996, cit por Reed, 2002) lembra que uma escolha de objecto originalmente incorporada em conflito pode vir a tornar-se secundariamente autónoma ou permanecer fluida e sustenta que a desvinculação entre identificação e desejo, constitui uma contribuição para a teoria da sexualidade equivalente à desvinculação de objecto e objectivo levada a cabo por Freud nos primórdios da história da psicanálise.

Young-Bruehl (2001) debruça-se sobre os processos que determinam a escolha de objecto, partindo do quadro conceptual proposto por Freud, cujo pressuposto de base é que o modo como as pessoas escolhem os seus objectos ao longo da vida é determinado pelas escolhas objectais primárias e em que a bissexualidade da escolha de objecto é universal, uma vez que toda a gente transfere para os seus objectos de escolha não só as representações iniciais da mãe e do pai, mas também as representações de outras figuras amadas. Relativamente aos processos que intervêm nessa escolha, Young-Bruehl (2001) considera, em primeiro lugar, a influência dos objectos parciais primários. Quando a criança passa a ser capaz de perceber um objecto total, o objecto parcial anterior pode representar o todo e se tiver características sexuadas ou de género, tal irá condicionar a escolha de objecto futura. Este modo de escolha de objecto existe em toda a gente, embora seja dominante nas perversões. Existe também a separação de objectos ou a sua duplicação, mecanismo pelo qual uma pessoa vai procurar em dois objectos desejos e necessidades separadas ou os dois lados de uma ambivalência, de amor-ódio sentida anteriormente face a um único objecto. Não é raro que uma mulher tenha primeiro um relacionamento com um homem que reproduz o seu relacionamento com a sua mãe e, posteriormente se possam vir a envolver com alguém que reproduza o seu relacionamento com o pai (que pode ser uma mulher) repetindo a ordem do desenvolvimento das suas relações de objecto. Além do mais, há que considerar que um objecto (singular) pode ser bissexual, ou seja, pode ser um objecto composto, que combina partes, traços, características de outros objectos. Por exemplo, a mulher homossexual acerca da qual Freud escreveu (1920) ama uma mulher que

representa simultaneamente a mãe e o irmão. Aqui é a bissexualidade do objecto (no sentido em que se refere às características dos dois géneros) que é importante para quem escolhe. Há ainda outro tipo de objecto composto, o objecto-manifesto-latente, em que as pessoas se relacionam com o mesmo objecto de uma forma quando o fazem conscientemente e de outra quando o fazem inconscientemente (uma mulher pode amar um homem conscientemente pelas suas qualidades masculinas e inconscientemente, pelas suas qualidades femininas).

Em qualquer destes processos, está patente o que Freud viu em jogo em todos os processos transferenciais de escolha de objecto. Primeiro, as pessoas são atraídas pela sexualidade do objecto, o que inclui as suas características sexuais e de género, masculinas ou femininas e o seu tipo de escolha de objecto. Em segundo lugar, as pessoas são atraídas pela capacidade percebida no objecto de satisfazer as suas necessidades narcísicas e as suas necessidades de dependência anaclítica. Nas sociedades em que as mulheres providenciam as necessidades primárias das crianças, a dependência e as necessidades afectivas tendem a ser originalmente associadas ao objecto materno. Assim, o objecto de tipo anaclítico é habitualmente escolhido com base no modelo da mulher que nos alimentou, e posteriormente pelo modelo do homem que nos protegeu, como Freud (1914, cit por Young-Bruehl, 2001) observou. As escolhas narcísicas são complexas: amamos as pessoas que são como nós no presente ou que são como fomos no passado, ou como gostaríamos de ser no futuro, ou optamos por alguém que já fez parte de nós mesmos. As dualidades masculino-feminino e narcísico-anaclítico aparecem nos processos de escolha de objecto nas mais variadas combinações.

Para Young-Bruehl (2001), uma das principais histórias a ser reconstruída na relação de transferência é a da bissexualidade dos objectos do paciente. Considera um erro definir o paciente pela sua orientação sexual e assume que o objecto desejado será sempre bissexual. O tipo predominante de objecto torna-se claro, pelo menos, durante a adolescência e permanece constante, mesmo que as aparências (alternância entre objectos masculinos e femininos) indiquem o contrário. A complexidade e variabilidade da sexualidade, só pode ser apreciada quando se retoma a compreensão da bissexualidade, nas suas múltiplas vertentes: biológica, psicológica, de género; de escolha de objecto, e da bissexualidade do objecto desejado.

3.7. Novas perspectivas sobre o Género

A abordagem psicanalítica tradicional liga o género à resolução de conflitos pré-genitais e/ou edipianos, que conduz à aquisição de uma identidade de género não conflitual e coerente, logo as identificações de género são aquisições de carácter unitário e fixo para toda a vida. O género, visto da perspectiva do desenvolvimento, permite a compreensão de inúmeras questões

ligadas à sua formação, nomeadamente os impulsos sexuais e agressivos, as necessidades de vinculação e separação, e as perdas narcísicas precoces.

As teorias modernas, por seu turno, focam-se na dicotomização das identificações, reflexo da internalização da clivagem social entre os papéis de género. Embora estas identificações dicotómicas possam servir de organizadores em termos psicológicos, não há nada de intrínseco ou essencial nesta organização, o que transforma o género num aspecto mais fluido e mais heterogéneo da personalidade, movendo-se entre identificações múltiplas (Sweetnam, 1996).

No pensamento psicanalítico contemporâneo contestam-se noções essencialistas das diferenças de género, como a equiparação da masculinidade à actividade e da feminilidade à passividade. O género deixou de ser visto como biologicamente determinado, natural, óbvio e imutável, e passou a ser visto como construído, revelando a oposição social entre homens e mulheres, não mais atribuída aos "factos" da natureza (Aron, 1995).

A primeira a chamar a atenção para a componente performativa do género e para a sua natureza paradoxal foi Riviére que em 1929, cinco décadas à frente do seu tempo, conceptualizou o género numa perspectiva pós-moderna (Harris, 1991; Person, 2005). A feminilidade como performance defensiva, ao reassegurar as figuras patriarcais, apaziguando-lhes o medo da competição, é uma máscara que encobre a sua agressividade, um disfarce que coloca a mulher a salvo de ataques à sua ambição e às suas realizações (Harris, 2005).

Stimpson (cit por Person, 2005) define género como uma "organização complexa", que as diversas sociedades constroem para instituir regras com base nas diferenças biológicas entre homens e mulheres. Se a etnografia aponta para a predominância de sistemas duais de género (Cucchiari, 1981, cit por Dimen, 1991), há quem sustente que o número de géneros ou o seu conteúdo num determinado sistema é variável em diferentes culturas (Gailey, 1988, cit. Por Dimen, 1991). Individualmente, o género constitui-se numa identidade subjectiva que se traduz num sentimento de pertença a uma categoria, mas há aqueles que se sentem desconfortáveis nos papéis culturalmente determinados, não se identificando com eles (Stimpson, cit por Person, 2005).

Cada sociedade transforma a sexualidade biológica em "sistemas culturalmente sancionados de expressão sexual" (Rubin, 1975 cit por Goldner, 1991). Para esta autora, as diferenças entre homens e mulheres - longe de serem uma expressão de diferenças naturais - decorrem da supressão das semelhanças. O sistema binário de género, na sua bifurcação arbitrária, está ligado à dominância cultural normativa da heterossexualidade, são processos que se requerem e implicam mutuamente e não uma consequência inevitável dos imperativos da evolução, pois para além do tabu do incesto que remete para a proibição de algumas uniões heterossexuais, existe um outro tabu implícito (não-dito) e pré-existente, que proíbe as uniões não-heterossexuais. Segundo Rubin, a divisão do trabalho consoante o género, socialmente imposta e baseada no exagero das

diferenças entre os sexos, contribui para perpetuar este *status quo*. De acordo com Goldner (1991), esta perspectiva faz-nos ver que a construção da identidade de género - para além dos mecanismos psicodinâmicos - é também a aquiescência com um ideal normativo socialmente instituído, ou seja, as suas raízes mergulham numa matriz cultural que “proíbe e patologiza qualquer acto, estado, impulso, ou humor incongruentes com o género, bem como qualquer estrutura de identidade em que o género ou a sexualidade não sejam congruentes com o sexo biológico” (Goldner, 1991, ¶ 21). Assim, as identidades de género e sexuais que não conseguem adaptar-se às normas da inteligibilidade cultural são vistas apenas como falhas de desenvolvimento ou impossibilidades lógicas (Butler, 1990, cit por Goldner 1991). Para Butler, o género é subjectivo, é uma história de identificações que codificam contingências de uma história pessoal, e por isso mesmo nem sempre são coerentes (Butler, 1990, cit por Burch, 1993).

De Lauretis (1990, cit por Goldner, 1991) observou que em praticamente todos os sistemas de conhecimento "o género ou divisão sexual ou não é visível, à maneira de um ponto cego, ou é encarado como um dado adquirido, sob a forma de um *à priori*", o que explica que, não obstante a longa história de debates na comunidade psicanalítica em torno das questões de género, raramente tenha ocorrido a qualquer dos protagonistas questionar a polaridade universal das suas categorias (Goldner, 1991).

As teorias pós-modernas põem em causa a visão psicanalítica do género como formado principalmente por meio de identificações fixas e unitárias (Aron, 1995). A noção de identidade de género deve ser concomitante com a de multiplicidade, ou seja, deveríamos considerar as pessoas como sujeitos unificados, estáveis, coerentes e ao mesmo tempo como entidades múltiplas, fragmentadas e diferentes em cada momento (Aron, 1995). Precisamos de uma identidade de género nuclear para manter as fronteiras do nosso género, mas também de um *self* multigénero que sustente a fluidez das nossas identificações múltiplas (Aron, 1995).

Benjamin (1996), embora conceptualize o período edipiano como fulcral no desenvolvimento das identificações que consolidam o género, considera que a resolução do conflito edipiano não é a meta final do desenvolvimento. Nesta fase, a complementaridade torna-se um princípio organizador e é internalizada como um ideal, não obstante ser adversa à complexidade dos desejos de um indivíduo e das suas identificações. Se não houver acesso a identificações que transcendam a lógica edipiana dos opostos, toda a diferença é sentida como ameaçadora e a renúncia conduz à clivagem e ao repúdio da diferença, e não ao seu verdadeiro reconhecimento (Benjamin, 1988, 1995, cit por Benjamin, 1996). Só numa posição pós-edipiana que integre as identificações sobre-inclusivas precoces e transcenda a complementaridade concreta, pode emergir o respeito pela diferença e o jogo simbólico com o género. Esta reformulação requer a passagem de uma perspectiva sujeito-objecto para uma perspectiva sujeito-sujeito. A construção edipiana do género concebe masculinidade e feminilidade em pólos

opostos, mas na realidade psíquica elas assumem formações mais complexas e ambíguas e são elas que moldam as nossas relações e tornam possível transcender criativamente o sistema binário. A identificação ao objecto de amor cria um tipo de complementaridade distinta, em que a sustentação da tensão entre os elementos contrastantes torna agradável e não perigosa a oscilação entre eles (Dimen, 1991; Benjamin, 1996). A complementaridade edipiana e a sua polaridade mutuamente exclusiva são características do pensamento convencional (Kohlberg, 1981, cit por Benjamin, 1996), típicas deste grau de desenvolvimento moral e cognitivo e só na adolescência, com a aquisição do pensamento pós-convencional se acede a uma complementaridade mais flexível (Benjamin, 1996). Neste sentido, a fase fálica deve dar lugar, na adolescência, a uma verdadeira fase genital, na qual os elementos antitéticos podem ser reunidos e a transcendência da polaridade de género se faz pela formação de símbolos, com função transicional, que permitem tolerar a ambiguidade e recuperar a identificação com a "metade perdida" (Bassin, 1996). Esta forma de complementaridade simbólica, já não é projectiva e exige o acesso às identificações flexíveis da fase pré-edipiana. Permite a multiplicidade negada pela oposição edipiana, mas não existe "fora" do sistema de género, antes reformula os seus termos. Colmatar simbolicamente a separação dos opostos torna possível não excluir qualquer identificação com a alteridade e permite a transgressão sem negar a necessidade de separação e diferença. As identificações edipianas são um conjunto organizado e poderoso de fantasias, que embora penetrante ao nível dos ideais de género, não impede outras identificações. Sendo a simbolização baseada no luto bem sucedido da onipotência, a criatividade pode ser restabelecida ao nível do jogo e da imaginação (Benjamin, 1996).

Para Harris (1991), Dimen (1991) e Goldner (1991), o género não é nem concreto nem evanescente. A sua estrutura paradoxal e multidimensional (Harris, 1991) rompe com uma lógica de falsa simplicidade e torna visíveis as contradições que dele fazem parte. Na experiência de uma mesma pessoa, o género pode, nalguns contextos, ser central e definitivo enquanto noutros pode ser poroso, marginal e contingente. Paradoxalmente não determinante, o género é uma categoria analítica transcendente, cuja verdade, embora falsa, continua a ser central para o pensamento; na verdade, ele constrói as próprias categorias analíticas utilizadas para o desconstruir (Goldner, 1991). Confinados pela lei social, não podemos abandonar o conceito de identidade de género, porque é através dele que organizamos e damos sentido à experiência, no nosso enquadramento cultural. É por isso que os encontros com outras culturas são inquietantes, lembrando-nos o quanto do que nós tomamos como garantido não é uma verdade universal (Burch, 1993). Todos nós somos constrangidos a viver de acordo com regras sociais, e aqueles que as negam ou ignoram desafiam os limites de uma dada cultura, causando desconforto e abalando as relações de poder que nunca mudam sem oferecer resistência (Flax, 1990, cit por Burch, 1993). O medo

suscitado pela possibilidade de variação desses limites é a base da homofobia (Person, 1988, cit por Burch, 1993).

Nos modelos de Dimen (1991), Goldner (1991) e Harris (1991), o género, parte fluida e flexível da experiência, constitui-se como categoria organizadora, deixando de ser encarado como uma etapa do desenvolvimento. Nesta abordagem menos linear tem-se em conta a interacção entre a multiplicidade das identificações, o contexto social e a fluidez das experiências de género (Sweetnam, 1996).

Para Sweetnam (1996), se na teoria clássica o género fica reduzido a um trajecto linear ligado a etapas de desenvolvimento e a identificações imutáveis, as abordagens focadas nas influências sociais, negligenciam o contexto psicológico. Conceptualizando o género na perspectiva das posições psicológicas propostas por Klein e Ogden, é possível compreender como o género se organiza de forma mais fixa ou mais fluida consoante a contextualização da experiência: os tipos de subjectividade e de simbolização de cada posição psicológica proporcionam um “background” para o sentimento de ser (Ogden, 1986, 1989, cit por Sweetnam, 1996) e sendo esta experiência continuamente criada e negada pela experiência das outras posições, o contexto psicológico condiciona a experiência subjectiva do género. A natureza do género deixa de ser compreendida através de identificações singulares, de acordo com um calendário de desenvolvimento linear.

Através das relações de objecto formam-se identificações com o masculino e com o feminino, assentes no significado que ser homem ou ser mulher adquire para o *self* e as relações entre masculinidade e feminilidade são experienciadas no reino dos contextos em mudança. Cada posição psicológica fornece um contexto para as ansiedades, defesas, qualidade das relações objectais, subjectividade e simbolização, que alteram a vivência do género.

Na posição esquizo-paranóide, a ansiedade está ligada ao medo do aniquilamento da feminilidade pela masculinidade, ou vice-versa. As identificações masculinas (ou femininas), vistas como uma parte perigosa e não integrada do *self* são mantidas à distância, por mecanismos de defesa como a projecção e a clivagem. A relação de género é estruturada como uma batalha entre opostos, e a linha de demarcação entre cada lado deve permanecer fixa. A relação entre masculinidade e feminilidade é experienciada em termos de objectos parciais. Sente-se que o género é definido e controlado a partir do exterior (Sweetnam, 1996). O sujeito não se sente como agente activo da sua vida, mas como um objecto à mercê dos eventos da vida. Os pensamentos e sentimentos não são vivenciados como criações pessoais, mas como factos, coisas-em-si, que simplesmente existem (Ogden, 1986, 1989, cit por Sweetnam, 1996). A masculinidade e feminilidade existem numa relação de objectificação mútua. As ansiedades ligadas à definição do *self* e o ataque sentido a partir do exterior levam a reacções de contra-definição, não havendo espaço para a auto-reflexão e interpretação criativa do género. Há um

sentimento de inevitabilidade e previsibilidade nas experiências que se sucedem. O género é percebido como um dado adquirido e o corpo, ao invés de influir sobre a experiência de masculinidade ou de feminilidade, é frequentemente reduzido a ela (Sweetnam, 1996).

Muitas vezes, o que à primeira vista parece ser uma identidade de género não problemática e coesa com base na identificação com o progenitor do mesmo sexo, é de facto a relação entre masculinidade e feminilidade, tal como é vivida no contexto da posição esquizo-paranóide, reveladora da rigidez das fronteiras que são mantidas pelo medo de permitir a integração das vertentes masculina e feminina. A ansiedade que a masculinidade e feminilidade se contaminem uma à outra exige a criação de limites firmes entre elas. Esta organização é útil nos momentos de novas experiências ou quando o sujeito não se pode dar ao luxo de pensar em semelhanças com o outro, porque o importante é criar distinções nítidas entre si e o inimigo percebido, mas a persistência deste modo de funcionamento sugere uma ansiedade constante que impede a integração da masculinidade e da feminilidade. O pensamento concreto em que as características do corpo são muitas vezes sinónimas de traços de género, inevitáveis e imutáveis, envolve um sentimento de si como objecto em relação com outros objectos. Por evitar a confusão, este funcionamento pode ser dominante tanto num período precoce de consciencialização da diferença, como mais tarde, durante a puberdade, auxiliando a criança a definir-se a si própria como menino ou menina. Para que as identificações masculinas e femininas possam ser integradas de forma segura é necessário que haja primeiro um período em que a confusão esteja ausente.

Para Sweetnam (1996), estes períodos em que há necessidade de uma identidade de género mais fixa têm sido erradamente interpretados como metas imutáveis pelos adeptos de uma teoria linear do desenvolvimento. Em certos momentos, este tipo de experiência de género não passa de uma contextualização defensiva face a ansiedades e medos de integração. Noutras ocasiões, esta forma de organizar com clareza o género torna-se uma parte necessária de um processo de mudança que conduz a uma maior integração. Porém, se a organização esquizo-paranóide permanecer, pode haver risco de rigidez e clivagem, levando à incapacidade de manter identificações masculinas e femininas em simultâneo. A natureza fixa do género é portanto importante, mas apenas dentro do contexto da sua natureza mais fluida.

Na posição depressiva, a relação entre os géneros deixa de ser vivida como uma batalha entre opostos e a identidade pode assumir um carácter mais fluido, integrando as identificações femininas e masculinas. A posição depressiva envolve o reconhecimento do *self* e do outro como sujeitos dotados da sua própria subjectividade (Ogden 1986, cit por Sweetnam, 1996). O género deixa de ser formado predominantemente por meio de projecções e introjecções e torna-se flexível e capaz de incorporar experiências em mudança. Há uma maior subjectividade e uma capacidade concomitante de simbolização. As coisas já não têm um significado intrínseco,

previsível e imediato, já que agora existe espaço para o uso criativo da interpretação. É possível recorrer a diferentes identificações e recriar novos significados para a feminilidade ou a masculinidade e assim o género torna-se um processo dinâmico em constante mudança (Sweetnam, 1996).

Aron (1995) concebe a cena primitiva como um campo de identificações múltiplas, por confrontar a criança com a dificuldade de decidir com quem se identificar, quem ser e quem ter. Alcançar uma posição diferenciada em relação à cena primitiva não passa necessariamente pela aceitação da complementaridade heterossexual, mas pela realização da triangulação intersubjectiva, de modo a que a criança se possa representar a si mesma como sujeito e objecto participante e observador, situando-se fora do relacionamento entre duas pessoas que são objectos inteiros. O importante é que cada um dos pais seja diferenciado e a criança seja capaz de reconhecer a separação de cada vértice do triângulo. Se se identifica num dado momento com o elemento do mesmo sexo ou com o do sexo oposto, tal não é decisivo para a diferenciação.

Reconhecendo que todas as identificações têm um simbolismo que ultrapassa o concreto, a identificação com o sexo oposto não implica indiferenciação nem negação da identidade de género nuclear e podemos desmontar a equivalência entre a negação da cena primitiva, a identificação com o sexo oposto e a homossexualidade. Embora os indivíduos cuja sexualidade é organizada por cenários perversos compulsivos neguem a cena primitiva, daí não se pode inferir que a complementaridade genital seja condição necessária ou suficiente de sexualidade diferenciada (Benjamin, 1996).

Butler (1995) diz-nos que a identificação melancólica é central ao processo pelo qual se adquire o género. No seguimento de Freud (1917, 1923 cit por Butler, 1995) sublinha o papel da perda nas identificações que formam o ego, incorporando e preservando fantasmaticamente o objecto perdido. Este processo, no qual uma catexia de objecto é substituída por uma identificação, é fulcral na modelagem do ego. Se este é em primeiro lugar um ego corporal, (Freud, 1923, cit por Butler, 1995) é um ego dotado de género. Numa matriz cultural em que o masculino e o feminino são estabelecidos em parte mediante proibições que exigem a perda de alguns vínculos sexuais, a identificação com o próprio género contém em si tanto a proibição como o desejo, incorporando a perda não chorada do investimento homossexual. Butler (1995) defende, porém, que há outras formas de experienciar género e sexualidade que não se reduzem a esta equação que presume que o género é estabilizado através do estabelecimento de uma heterossexualidade inabalável.

Flax (1996) propõe que se fale de subjectividade, ao invés de *self*. Sendo a subjectividade uma teia de processos, dinâmica, em constante renovação, a constituição de cada sujeito é um processo contínuo e idiossincrático cujo significado está em constante mudança. O termo capta as múltiplas posições do sujeito como agente e objecto, nem puramente determinado, nem

determinante. Não há um núcleo permanente de *self*, processo de organização privilegiada ou aspecto da identidade que forneça uma estrutura determinante para todos os sujeitos.

Pensando o género como um conjunto de relações complexas e em constante mudança, como num campo de forças, Dimen (1991) propõe que o núcleo do género não se encontra na masculinidade ou feminilidade, mas na diferença entre elas. A dicotomia masculino-feminino está frequentemente ligada a representações culturais que apesar de nada terem a ver com o sexo, estabelecem os termos em que são organizadas as relações entre mulheres e homens (Scott, 1988, cit por Dimen, 1991). Isto faz com que sejam sentidas como inadequadas as representações do *self* atribuídas ao sexo oposto. Sendo a relação entre masculinidade e feminilidade culturalmente concebida, interpessoalmente negociada, e intrapsiquicamente experienciada, o género não se adquire pela apreensão de uma mensagem unidimensional daquilo que é um homem ou uma mulher, mas pela absorção daquilo que é o contraste entre eles (Dimen, 1986, cit por Dimen, 1991). Olhando para este contraste, começa-se a ver outras diferenças que, não estando necessariamente relacionadas com o sexo, constroem o género (Scott, 1988, cit por Dimen, 1991). O dualismo de género intersecta portanto outros dualismos. Qualquer destes pólos a que o sujeito se agarre pode sinalizar uma clivagem no *self*, que a identidade de género tanto pode organizar como mascarar. A resolução da clivagem reside na capacidade de habitar o espaço transicional, de tolerar e apreciar o paradoxo da simultaneidade (Dimen, 1991).

A identidade de género, nascida no espaço da diferença entre a masculinidade e a feminilidade, conserva para sempre a marca da sua origem. Tradicionalmente encarada como a meta da diferenciação, tanto estabelece as fronteiras do *self* como preserva tudo o que este deve deixar para trás. Serve de ponte entre as profundezas arcaicas, “o impossível que está subjacente a toda a criatividade humana” (McDougall, 1985, cit por Dimen, 1991) e o *self*, autor e agente psíquico dessa criação. Não só nos impele a procurar aquilo que não somos no sexo oposto (Dimen, 1991, sobre Fast, 1984) como também nos permite encontrar em nós próprios (e nos outros, qualquer que seja o seu género) a sobre-inclusividade a que tivemos de renunciar (Dimen, 1991).

O pensamento pós-estruturalista questionou a existência de uma identidade unitária, coesa e singular. Colocando a tónica nas nossas "multiplicidades" e vendo a nossa "identidade" com desconfiança, desconstruiu-se e descentrou-se o sujeito, social e historicamente constituído. A identidade de género unitária não é mais que uma versão simplificada de um *self* no qual as tendências opostas foram clivadas e reprimidas, um sistema de falso *self* universal, em conformidade com a regra de dois géneros (Goldner, 1991).

Na perspectiva relacional de Goldner, personalidade, relação e identidade de género desenvolvem-se em conjunto, co-evoluindo e co-determinando-se umas às outras. O género não

é uma identidade "adquirida" pela criança, mas é a estrutura simbólica do género que dá forma e organiza a representação do *self* e as relações de objecto que vão sendo internalizadas.

Desenvolvendo-se na relação com os outros, o significado e dinâmica do género deve ser pensado em termos sistémicos, em que a família constitui o grupo mínimo no qual se jogam os processos psíquicos entre mentes diferentes, cada qual constituindo um centro de subjectividade (Goldner, 1991). Goldner reflecte sobre a influência dos processos de comunicação no desenvolvimento da identidade de género, numa perspectiva que traz complexidade à compreensão de como o padrão das relações familiares determina o contexto passional no qual se dá o desenvolvimento da mente e do género. Uma vez que o núcleo dos processos interpessoais é constituído por uma espiral de perspectivas recíprocas internalizadas como um todo (Laing, 1972, cit por Goldner, 1991), o que é internalizado são os padrões de relacionamento que existem entre os membros da família como sistema. Muito antes de Benjamin (1988, 1990, cit por Goldner, 1991) insistir no reconhecimento mútuo e na necessidade de haver sujeitos em lugar de objectos, já Laing (1965, cit por Goldner, 1991) havia feito notar que “para reconhecer pessoas em lugar de apenas objectos, é preciso perceber que o outro ser humano não é apenas outro objecto no espaço, mas um outro centro de orientação para o mundo objectivo”.

Uma vez que o *self* tem um género a que a cultura dá forma, as premissas de género (ideias sobre como deve ser um homem ou uma mulher) não são apenas internalizadas, são também encenadas como parte do drama familiar. Atendendo aos mecanismos de controlo dos processos comunicativos postos em evidência por Bateson (n.d., cit por Goldner, 1991), acede-se à descodificação dos processos subjacentes à luta pelo poder e reconhecimento entre homens e mulheres, que promove uma escolha de lealdades organizada em termos de género (Goldner, 1991).

Estes padrões de relacionamento são objecto de uma negociação permanente, raramente explícita e que nunca termina, acerca dos termos em que se vai estabelecendo o próprio relacionamento e de quem os controla, mantendo uma corrente de comunicação entre os intervenientes, cuja troca de mensagens tem como objectivo transmitir como cada um deseja que a relação se vá definindo (Haley, 1963, cit por Goldner, 1991). Estes arranjos relacionais no seio de uma família, influenciados pelos padrões sociais vigentes, são simbolicamente estruturados em termos de categorias de género normativas. Assim, as expectativas fundamentais sobre como cônjuges, pais e filhos devem sentir-se e comportar-se são moldadas pelas fantasias culturais acerca do que constitui a masculinidade e a feminilidade.

Nos relacionamentos difíceis ou ambíguos, as pessoas não conseguem chegar a acordo na definição mútua das suas respectivas posições, e a troca de comunicações torna-se um meio através do qual lutam pelo controle da relação. As contradições inerentes à lógica destas construções de género expressam-se de forma subliminar, gerando paradoxos ao nível dos

relacionamentos e da organização psíquica. Criando um contexto duplamente vinculativo, afectam a posição que a criança ocupa no drama familiar, ou seja a criança recebe implicitamente instruções de carácter paradoxal, que a serem correctamente executadas, são desobedecidas. (ex: o menino cuja mãe deseja que ele “seja forte como o pai para poder proteger as mulheres que são como a mãe dos homens que são como o pai” tem de, por lealdade para com a mãe, construir um falso-*self* hiper-masculino de modo a poder derrotar o pai; mas para o fazer, tem de se identificar com ele, incorporando a sua misoginia e repudiando feminilidade, ou seja, acaba por trair a mãe). Sem perceber exactamente porquê, a criança pode sentir-se numa posição insustentável simplesmente por causa do seu sexo, um factor que lhe exige o cumprimento de comportamentos polarizados com significados relacionais que vai forçosamente internalizar na estrutura da sua identidade.

São estes relacionamentos carregados de premissas contraditórias que, segundo Goldner (1991), constituem o alicerce patogénico do género, dando origem a um universo interno clivado no qual diferentes modos de ser ou mesmo partes do *self* são proibidos por um dos pais e incentivados pelo outro. Ao tentar adequar-se a esses termos impossíveis, a criança comete actos de violência interna sobre o *self*, fragmentando a complexidade relacional do mundo interno e passando da ambivalência à clivagem e à construção de um falso *self*.

4. Formulação do problema e objectivos do estudo

No presente estudo procura-se explorar e caracterizar a dinâmica familiar de quatro mulheres homossexuais.

Tendo como ponto de partida a teorização actual - em que é consensual valorizar-se o carácter fluido e múltiplo das identificações na construção do género – e também a perspectiva segundo a qual o núcleo familiar do sujeito determina o contexto passional no qual se dá o seu desenvolvimento (Goldner, 1991), tentaremos identificar eventuais padrões de relacionamento familiares que, internalizados pelo sujeito, possam vir a condicionar as suas premissas de género e as suas relações objectais.

Sendo este um estudo de natureza exploratória, não se pretende confirmar ou infirmar hipóteses, mas tão só aprofundar o conhecimento nesta área, abrindo caminho a futuras investigações.

III. MÉTODO

1. Delineamento

No presente estudo optámos por uma abordagem qualitativa, assente na realização de entrevistas para posterior análise de conteúdo. A obtenção de uma narrativa de vida, orientada pelas temáticas que nos interessava investigar, é, segundo Kvale (1996), uma via privilegiada para a compreensão do sujeito. Desta forma, obtivemos acesso à vivência dos sujeitos, ao seu universo e às relações com os que os rodeiam, sendo o nosso objectivo descrever, interpretar e compreender a sua experiência.

Tendo como principal objectivo compreender a dinâmica das representações familiares em mulheres homossexuais, tentámos identificar a eventual ocorrência de padrões relacionais no seio da família de cada uma das quatro mulheres que constituem a nossa amostra, com o intuito de perceber se estes padrões foram internalizados, constituindo uma matriz subjacente à construção da sua personalidade e à sua própria forma de estabelecer relacionamentos ao longo da vida.

A presente investigação tem um carácter exploratório, em que a recolha de informações assume uma função sobretudo descritiva e heurística. Inventariando as variáveis susceptíveis de entrar em jogo e reflectindo sobre a informação recolhida, pretendemos aprofundar o conhecimento nesta área (De Ketele & Roegiers, 1993), buscando a compreensão global da realidade, sem a fragmentar ou descontextualizar. (Almeida & Freire, 1997).

Sendo o nosso objectivo um enfoque na dinâmica e não a obtenção de leis gerais, não nos preocupámos com aspectos de quantificação e de manipulação dos fenómenos, antes adoptámos uma postura interpretativa em que demos primazia à experiência subjectiva como fonte de conhecimento. Querendo conhecer a forma como as pessoas experienciam e interpretam o mundo social que também contribuem para construir, demos especial destaque aos seus processos internos e simbolizações (Almeida & Freire, 1997). Assumimos assim uma perspectiva holística integrativa (contexto como parte integrante do fenómeno) e recorremos a processos indutivos e interactivos na recolha de informação, interpretação e elaboração teórica (Chamberlain et al., 1997, cit por Ribeiro, 2007)

O foco em casos individuais torna possível investigar em detalhe a relação de um comportamento específico com o seu contexto, ou compreender a lógica da relação entre o indivíduo e a situação, captar padrões consistentes ou recorrentes a partir do estudo intensivo de casos (Kvale, 1996).

Numa pesquisa que incide sobre as representações do sujeito, esta abordagem proporciona um acesso privilegiado à sua história de vida e possibilita a análise dos conflitos e mecanismos de defesa inconscientes. Permite ir além do conteúdo manifesto, atribuindo significado a

determinadas posturas discursivas, como a ocorrência de lapsos, denegações, palavras de duplo sentido, entre outras (Pedinielli, & Rouan, 2005).

Procurando-se compreender aquilo que é dito do ponto de vista do que isso expressa acerca do percurso de vida dos sujeitos, baseámo-nos, para esta interpretação, num quadro teórico – a teoria psicodinâmica – que norteou toda a nossa postura de investigação. Este enquadramento influencia não só a interpretação final dos resultados, como, muito antes disso, o próprio desenrolar das entrevistas, pois a mera formulação de uma questão delimita de alguma forma o tipo de respostas possíveis. Uma entrevista de investigação gera um texto que tem de ser interpretado, mas o entrevistador é co-autor desse mesmo texto que vai interpretar (Kvale, 1996).

Desejamos assim tornar explícita a teoria subjacente a esta investigação, desde o momento em que demos início ao delineamento do projecto.

Habermas (1971, cit por Kvale, 1996) considera a psicanálise como um modelo para a auto-reflexão e emancipação das ciências sociais. No contexto presente, as possibilidades que as entrevistas de investigação têm de ir abaixo da superfície dos fenómenos, de aprofundar o seu significado, instiga um processo de reflexão sobre os fenómenos em estudo (Kvale, 1996). Não obstante Freud (1963, cit por Kvale, 1996) ter considerado a entrevista terapêutica como método de investigação, o método psicanalítico como forma de obtenção de conhecimento tem permanecido fora da discussão do método científico, apesar de ter produzido algum do conhecimento mais importante em psicologia. A entrevista psicanalítica, onde a produção de conhecimento não é o objectivo principal, tem sido ainda assim um método que tem proporcionado novos e significativos conhecimentos sobre o ser humano (Kvale, 1996).

Contrastando fortemente com os critérios positivistas das ciências naturais, a interpretação psicanalítica é aberta à ambiguidade e às contradições, a múltiplas camadas de significado, que requerem contextualização e a possibilidade de reinterpretção contínua. Considerando os fenómenos humanos numa perspectiva histórica dotada de sentido, o método psicanalítico baseia-se numa interacção humana, com envolvimento pessoal recíproco. As emoções são interpretadas como uma transferência dos sentimentos infantis para com os pais para a figura do terapeuta. Esta transferência é deliberadamente empregue pelo terapeuta como meio de ultrapassar a resistência emocional do paciente a um aprofundamento do auto-conhecimento e à mudança. A influência dos sentimentos do terapeuta pelo paciente, a que se chama contra-transferência não procura ser eliminada, mas antes ser empregue no processo.

Apesar das diferenças de contexto, a entrevista psicanalítica e a entrevista de investigação têm um modo de funcionamento semelhante, sendo útil aos investigadores recorrer ao seu modo de questionar e interpretar (Kvale, 1996).

A psicanálise é simultaneamente um corpo teórico sobre a natureza da experiência e da subjectividade, e uma epistemologia única, historicamente baseada em utilizar a experiência

subjectiva e afectiva do psicanalista para entender o paciente (Hollway, 2009). No entanto, a psicanálise tal como é aplicada em contexto terapêutico, não deve ser usada como ferramenta de pesquisa (Frosh & Baraitser, 2008, cit por Hollway, 2009), sendo necessário adaptar este paradigma para a investigação psico-social, encontrar uma "sensibilidade" psicanalítica (Hollway, 2009). Para tal, Hollway e Jefferson (2000), desenvolveram a entrevista narrativa de associação livre (FANI) baseada no recurso à associação livre como forma de acesso ao inconsciente. Centrando-se nas associações entre ideias, o método permite chegar ao conteúdo latente do discurso. Se, com base na teoria psicanalítica, se presume que os sujeitos não são necessariamente transparentes para si mesmos, tal também se aplica aos investigadores, cuja postura defensiva se relaciona com o tipo e a extensão das identificações estabelecidas com o entrevistado. Este tipo de abordagem não só permite compreender a subjectividade dos participantes como promove o uso da subjectividade do pesquisador como instrumento de conhecimento, focando-se na dinâmica inconsciente e nas relações afectivas do sujeito com o seu mundo, mas também na sua interacção com o investigador.

Este método, desenvolvido para estudar identidades em mudança, pareceu-nos particularmente adequado, uma vez que Hollway considera a identidade como múltipla e dependente dos vários contextos e relações em que o sujeito se insere.

A adopção de uma perspectiva psicanalítica põe em causa o pressuposto de que os sujeitos participantes numa investigação são transparentes para si mesmos e portanto capazes de providenciar uma narrativa não-problemática da sua experiência (Hollway & Jefferson, 2000). No entanto, para a psicanálise, o funcionamento psíquico de qualquer ser humano caracteriza-se pelo conflito e processos intersubjectivos dinâmicos inconscientes, que o afastam da ideia de um sujeito unitário racional, capaz de comunicar de forma transparente e não problemática com o investigador: a angústia ou a dor psíquica podem conduzir os sujeitos à incapacidade de pensar acerca da sua situação (Bion, cit por Hollway, 2004), recorrendo a mecanismos de defesa esquizo-paranóides contra a realidade externa (Klein, cit por Hollway, 2004). Tendo em conta que o significado de um acontecimento é largamente dependente daquilo que acontece a seguir, e que uma experiência crucial na vida de uma pessoa pode de facto nem sequer ter ocorrido, uma abordagem psicanalítica permite compreender os motivos e os contextos em que os entrevistados podem não relatar exactamente o que se passou, sublinhando o papel das defesas contra a ansiedade e também o da relação que se estabelece e do seu efeito na interpretação e análise de conteúdo da informação disponibilizada. Esta perspectiva é radicalmente diferente daquela que percepciona os sujeitos como capazes de uma capacidade de expressão desligada de processos mentais como o desejo, a ansiedade ou a identificação projectiva (Hollway, 2004).

2. Participantes

A amostra é constituída por quatro mulheres homossexuais, com idades compreendidas entre os 37 e os 44 anos. Qualquer uma delas tem um nível de estudos universitário e emprego adequado à sua formação. Todas residem na região de Lisboa. O critério de selecção foi o de conveniência e acessibilidade.

3. Instrumento

Na presente investigação é utilizada a entrevista semi-directiva. Focando-se em temas particulares, nem é estritamente estruturada, nem inteiramente livre. Apesar de haver questões sugeridas, são possíveis alterações na sua formulação ou sequência e a abertura a outras questões, de forma a seguir o discurso e as histórias que são contadas pelos sujeitos, uma vez que dentro do tema para que a pergunta remete, é ao sujeito que cabe seleccionar o que é mais importante (Kvale, 1996).

No nosso caso, e inserindo-se este estudo num projecto mais abrangente de investigação sobre o género, os temas que nortearam a conversa que procurámos estabelecer com cada uma das entrevistadas - conforme explicitaremos mais detalhadamente na justificação do guião que nos serviu de base (Anexo I) – pretendiam elucidar a história e dinâmica familiares, identificações e padrões relacionais, permitindo-nos aceder aos principais marcos de vida e à representação de si, ao posicionamento face ao masculino, ao feminino e aos papéis de género, e à descoberta, impacto e evolução da orientação sexual.

A fraca directividade e flexibilidade do instrumento, permitiu aceder em profundidade aos testemunhos e interpretações das nossas interlocutoras, respeitando os seus próprios quadros de referência (Quivy & Campenhoudt, 2005). Possibilitando-lhes a liberdade de organizar o discurso da forma que entendessem, obtivemos melhor acesso à dinâmica dos seus processos psíquicos (Pardinielli & Rouan, 2005).

Com o campo de pesquisa balizado pelo nosso enquadramento teórico, na prática focámo-nos na percepção subjectiva que o sujeito tem de si próprio, da sua relação com o outro e com o ambiente. Cientes de que qualquer discurso fornece uma imagem que corresponde à percepção selectiva que o locutor tem do real (Ruquoy, 1995), procurámos produzir uma narrativa que fizesse justiça aos sujeitos e à sua experiência de vida e simultaneamente abrisse novas vias de conhecimento e investigação (Kvale, 1996).

Não sendo nosso objectivo testar hipóteses ou generalizar resultados, não considerámos necessário recorrer a qualquer outro método (Mc Craken, 1988; Denzin e Lincoln, 1994, cit. por Pardinielli & Rouan, 2005). A entrevista, de carácter exploratório, foi delineada e conduzida de modo a revelar determinados aspectos do fenómeno estudado, acerca dos quais não teríamos pensado ou acedido de outra forma. Sem pretender verificar hipóteses ou analisar dados

específicos, quisemos sim abrir vias de reflexão e explorar as pistas de trabalho levantadas durante a revisão teórica (Quivy & Campenhoudt, 2005), dando o nosso contributo para aprofundar ou alterar a compreensão das temáticas sob investigação (Kvale, 1996).

O guião de entrevista a que anteriormente nos referimos, composto por questões relacionadas com o tema em estudo – cuja pertinência justificaremos em anexo - teve o principal objectivo de direccionar as entrevistadas para as temáticas que considerámos relevantes. As questões, adaptadas de um estudo homólogo efectuado a uma população masculina (Candeias, C., 2011), foram repensadas em conjunto, tendo-se sempre em mente não colocar em risco a integridade psíquica das entrevistadas, dado não ser ético, num contexto de pesquisa, espoletar sentimentos fortes susceptíveis de a abalar (Kvale, 1996).

Procurou-se aperfeiçoar as questões anteriormente elaboradas, com base na experiência e no feed-back que os próprios sujeitos foram dando às solicitações que a entrevista lhes colocou.

O método de Hollway sublinha que os indivíduos têm de ser entendidos no seu contexto social e reconhece no investigador a capacidade de ser o instrumento do conhecimento, no sentido proposto por Bion, em que a relação continente-conteúdo explica o desenvolvimento emocional da nossa capacidade de pensar, não do ponto de vista de um sujeito racional, mas através das dinâmicas intersubjectivas inconscientes. A comunicação começa por ser uma comunicação emocional. O desejo de conhecer é tão intersubjectivo e emotivo como o ódio ou o amor (Bion, 1962, cit por Hollway, 2004).

Ao tentar captar e perceber aspectos da subjectividade individual e da relação que estão, pelo menos inicialmente, para além da linguagem, proporciona uma representação mais complexa e completa dos sujeitos em situação (Hollway, 2004).

Procurando que a existência de um guião não rigidificasse a nossa postura, tentámos introduzir as questões de forma lógica e consistente, articulada com o discurso das entrevistadas, de forma a promover a fluência e não criar quebras no discurso, que pretendíamos o mais livre possível. Apesar da naturalidade pretendida, não esquecemos a assimetria inerente à relação entrevistador-entrevistado. A solicitação da entrevista parte do investigador, que procura informação segundo os objectivos estabelecidos no delineamento, devendo ser reconhecido um processo de influência inevitável, e que faz parte inerente da interacção estabelecida. Esta, por seu turno, é única e irreproduzível, pois ao colocarmos frente a frente dois sujeitos dotados da sua própria subjectividade, não podemos garantir que as informações obtidas seriam idênticas noutra situação de interacção (Ruquoy, 1995).

As características do instrumento escolhido permitiram-nos ir atrás das respostas dos sujeitos, procurando nova informação ou novas perspectivas de encarar o tema. Esta abertura e flexibilidade, proporcionou-nos a oportunidade e a responsabilidade da tomada de decisões em cima da hora - por exemplo, quando e como ir atrás do que dizia a entrevistada ou quando

permanecermos mais próximas do guião - baseando-nos na nossa intuição, julgamento e tacto (Kvale, 1996).

Ouvir o que as pessoas têm a dizer, durante o período em o desejarem, pode tornar uma entrevista numa experiência única para o sujeito. No entanto, tivemos em mente que a abertura e a intimidade criadas durante a entrevista podem ser sedutoras e levar o sujeito a fornecer informação que mais tarde pode lamentar. A proximidade que se cria durante a entrevista está nas mãos da sensibilidade do investigador, que deve pesar a cada momento até onde deve ir nas suas perguntas. Quanto mais espontânea é a sua actuação, maior a probabilidade de também obter respostas inesperadas e vivas da parte dos entrevistados (Kvale, 1996). Cientes do risco acrescido, optámos por esta postura mais flexível e procurámos adoptar uma atitude facilitadora e pouco directiva, estabelecendo uma interacção com os sujeitos, de forma a que a entrevista fluísse como uma conversa o mais natural possível, para minimizar a sensação de estar a conduzir um interrogatório. Procurámos intervir sempre que nos pareceu importante clarificar aspectos do que havia sido dito ou seguir as pistas sugeridas pelo discurso das entrevistadas, evitando, no entanto o envolvimento em debates de opinião ou a implicação pessoal no conteúdo da entrevista (Quivy & Campenhoudt, 2005).

Procurando suscitar respostas espontâneas e não explicações especulativas ou intelectualizadas sobre o porquê dos acontecimentos, tentámos colocar as questões de modo a promover uma narrativa descritiva sobre o que aconteceu, de que forma aconteceu e os sentimentos que provocou.

Tentámos nunca perder de vista que, não obstante ser desejável que decorra como uma conversa normal, a entrevista tem um objectivo e uma estrutura específicos e que as questões devem ser simples e breves, de modo a podermos seguir todas as dimensões das respostas. Sendo decisiva a nossa capacidade de sentir o significado imediato da resposta e o horizonte que ela abre, tivemos de fazer a todo o momento escolhas rápidas acerca do que perguntar e como perguntar, quais os aspectos de uma resposta devíamos seguir, quais interpretar e clarificar, ajudando o sujeito a desenrolar a sua narrativa de modo a obter uma boa história. Decidindo quais as dimensões introduzidas pela resposta se devia aprofundar, condiciona-se o sentido em que prossegue a entrevista, de acordo com o seu objectivo e conteúdo, assim como da interacção que se cria no seu decurso. Tendo em mente o que está a perguntar e porquê, tentámos clarificar o significado do que nos pareceu mais relevante, de modo a perceber se as ambiguidades se deviam a falhas de comunicação ou a ambivalências dos sujeitos. Este processo tem a vantagem de transmitir ao sujeito que o entrevistador está interessado e a ouvir atentamente o que lhe estão a dizer, conseguindo-se um ponto de partida mais fiável para a análise de conteúdo posterior (Kvale, 1996).

Para demonstrar a forma como procurámos que as nossas entrevistas decorressem como uma conversa normal, nada melhor do que disponibilizar o acesso dos leitores às mesmas. No entanto, dada a sua extensão e o facto de – apesar do nosso esforço de alterar quaisquer elementos mencionados no decorrer da entrevista que pudessem conduzir à identificação das entrevistadas – considerarmos que a globalidade e consistência das narrativas obtidas constituía ainda um risco de eventual reconhecimento, optámos por uma solução de compromisso, apresentando apenas, no Anexo II, os excertos mais relevantes para a discussão de resultados e conclusões. Disponibilizaremos a sua versão integral apenas aos membros do júri, se tal acharem necessário, no contexto das provas públicas de defesa desta dissertação.

4. Procedimento

Neste estudo foi utilizado um guião de entrevista propositadamente elaborado para um trabalho homólogo com sujeitos do sexo masculino (Candeias, C., 2011), tendo-se procedido a alterações mínimas para a sua adequação à população alvo. Após a realização de um pré-teste que decorreu de acordo com o esperado, confirmando-se a pertinência das questões apresentadas, este guião serviu-nos de base para a condução das entrevistas, embora de forma alguma tenha condicionado a nossa postura, que procurámos que fosse o mais aberta possível, facilitando a obtenção de narrativas ricas, focadas nos aspectos da vivência dos sujeitos mais relevantes para a nossa investigação.

O contacto com as entrevistadas, foi estabelecido quer por correio electrónico, quer telefonicamente. A cada uma das participantes foi explicado o objectivo do trabalho e garantido o anonimato. Foram igualmente informadas da necessidade de gravação das entrevistas para posterior análise de conteúdo. Tendo em mente que em qualquer fase do processo poderiam desistir e que nada seria feito sem o seu acordo, foi-lhes pedido que respondessem livremente a uma série de questões relacionadas com o seu percurso de vida.

As entrevistas foram realizadas nos locais escolhidos pelas entrevistadas, tendo sobretudo em mente o seu conforto e privacidade.

A duração das entrevistas foi variável, não se tendo colocado à partida qualquer limite de tempo para a realização das mesmas, de forma a encorajar a fluência do discurso. De acordo com Kvale (1996), optámos por dar às entrevistadas total liberdade e todo o tempo necessário para desenvolver as suas histórias, tentando depois clarificar os episódios mais importantes, assim como o papel dos seus intervenientes.

Com base nos trabalhos de Hollway e Jefferson (1997, cit por Hollway & Jefferson, 2000), preconizámos a realização de duas entrevistas a cada uma das quatro mulheres que constituem a nossa amostra, sendo que num dos casos não nos foi possível cumprir este objectivo, por uma atitude de evitamento da entrevistada. Segundo Hollway, na audição da gravação da primeira

entrevista prestam-se atenção às incoerências e contradições do entrevistado, ou seja às partes da narrativa em que emerge um sujeito menos unitário e racional, e é com base nestas falhas do sujeito em dar uma narrativa coerente de si próprio, que se formulam novas perguntas que sustentarão a entrevista subsequente. Neste método, dá-se particular importância ao significado emocional no encadeamento do discurso, mais do que à sua sequência lógica ou ordem cronológica.

Todos os nomes de pessoas, lugares e regiões utilizados na transcrição das entrevistas foram alterados de forma a assegurar o anonimato das intervenientes.

5. Considerações Metodológicas

Considerando os factores que influenciam a adesão dos participantes a uma investigação (Ruquoy, 1995), cremos que no nosso caso é de salientar o próprio tema, de importância central na vida das entrevistadas, o que as motivou a contribuir com o seu testemunho e opinião, desejando promover a mudança de percepção sobre a homossexualidade feminina na comunidade científica. Entre os factores interpessoais, julgamos que foi importante não haver diferença perceptível de idade, sexo, ou contexto sócio-cultural entre a entrevistadora e as entrevistadas.

Tivemos em mente que os dados obtidos nas entrevistas foram consequência do resultado de uma interacção, não objectivos nem subjectivos, mas intersubjectivos (Sullivan, 1954, cit por Kvale, 1996).

As entrevistas, gravadas durante a sua realização, foram posteriormente transcritas para se proceder à análise e interpretação do conteúdo. Segundo Vala (1999), a categorização e classificação têm o objectivo de identificar, simplificar, estabilizar ou conferir sentido ao meio em que o sujeito se insere. Dado que a matriz de pensamento, manifesta na linguagem, nem sempre revela uma lógica formal facilmente apreensível, cabe ao analista deter-se na lógica simbólica, a qual envolve aspectos conscientes e inconscientes, racionais e não racionais. A análise de conteúdo destina-se assim a facilitar a sua apreensão e explicação. Desta forma, aquilo que importa ao analista são os conceitos e, mais precisamente, a atribuição de sentido. Para Vala (1999), a construção de um sistema de categorias pode ser feito *à priori* ou *à posteriori* ou ainda, em alguns casos, através de uma combinação dos dois.

No presente estudo, e tendo em mente a não compartimentação do material de análise defendida por Hollway, preferimos, ao invés de categorias, elaborar eixos de análise e interpretação. Estes foram decorrentes em parte das temáticas que serviram de base à elaboração do guião - logo, estabelecidas antes da recolha do material – embora outros tenham inesperadamente surgindo ao longo da análise do mesmo, emergindo dos assuntos a que as entrevistadas deram mais relevo ao longo da investigação. O esquema geral de análise foi assim,

em grande parte, elaborado indutivamente a partir do material, procurando-se a melhor forma de descrever e compreender a realidade observada, evitando esquemas de raciocínio pré-concebidos. Encarámos sempre as grelhas de análise como o ponto de partida para interpretar o material em função das problemáticas em jogo, ou seja, como um instrumento provisório, que foi evoluindo ao longo do tempo e no qual destacámos as passagens mais interessantes relativamente aos objectivos de conhecimento visados (Maroy, 1995).

Os eixos de interpretação que nortearam a análise de conteúdo de todo o material recolhido serão apresentados no Anexo III.

A análise das entrevistas foi feita de forma muito aberta, sem recorrer a uma grelha de análise rígida, de acordo com o sugerido por Quivy & Campenhoudt (2005), que recomendam também a audição repetida e atenta das gravações, a qual pode revelar aspectos ocultos, mas importantes, do problema.

A gravação em formato áudio permite que o entrevistador se possa concentrar no tema e na dinâmica das entrevistas. As palavras e o tom, assim como as pausas estão preservadas e a todo o momento novamente acessíveis. No entanto, o registo áudio dá-nos uma versão da entrevista que deve ser completada pelo registo reflexivo da subjectividade do entrevistador que a recorda, confiando na sua empatia e memória para escrever os seus aspectos essenciais. A memória imediata do entrevistador inclui aspectos não-verbais da entrevista, assim como a atmosfera em que ela decorreu, aspectos que se perdem numa gravação. A recordação do entrevistador também funciona como um filtro selectivo que retém os conteúdos essenciais ao tema e objectivos do estudo. Na transcrição das entrevistas, há sempre o risco de se perder material rico e importante para a análise. Assim que as transcrições são feitas, tendem a ser encaradas como a base empírica sólida do projecto de investigação. As transcrições, no entanto, são construções artificiais, traduções de um discurso oral para outro modo de comunicação, a escrita, que envolve uma série de julgamentos e decisões. Enquanto a entrevista é uma conversa que progride entre duas pessoas, a transcrição está congelada no tempo e é vista fora do contexto de interacção. Qualquer transcrição é uma transformação e, até certo ponto, uma traição. As transcrições são frequentemente aborrecidas de ler, graças às repetições, frases interrompidas e digressões do entrevistado. A aparente incoerência do discurso pode não ter sido notada durante a conversação, em que o contexto lhe fornecia suporte, com o tom verbal, as expressões faciais e corporais que conferem *nuanças* ao que é dito, chegando por vezes a contradizê-lo. Se se partir do princípio que o significado depende sempre do contexto, as transcrições, se consideradas isoladamente, são sempre uma base empobrecida para a interpretação. A entrevista tem lugar num contexto cujas dimensões espaciais, temporais e sociais são evidentes para os seus participantes, mas não para os leitores de uma transcrição. A transcrição é atemporal, as palavras são fixadas, adquirem uma natureza estática que fica para sempre à disposição da comunidade

académica. A linguagem formal é privilegiada e a experiência empática do investigador, os significados vívidos da conversa original são esbatidos no processo. Esta natureza interpretativa da transcrição não deve ser esquecida durante a análise (Kvale, 1996).

A análise do conteúdo debruça-se tanto sobre o que foi explicitamente transmitido como sobre o não dito e o implícito. A flexibilidade de uma entrevista semi-directiva pode levar a crer que houve uma total espontaneidade do entrevistado, que é tão enganosa como a suposta neutralidade do investigador. No entanto, as formulações do entrevistado estão sempre ligadas à relação específica que o liga ao investigador e a análise do conteúdo não será bem feita se não se debruçar sobre esta relação (Quivy & Campenhoudt, 2005).

Tendo em mente o método de Hollway (2009) tentámos nunca perder a perspectiva da narrativa de vida como um todo, sem perder significado nem fragmentar de forma excessiva a realidade descrita, ou perder a modulação afectiva na preocupação excessiva com os detalhes. Cada sujeito é único e os eventos de vida que constituem a sua biografia são transformados na sua realidade interna, num processo que é mediado pelo desejo e pela ansiedade. É a organização psicológica que determina o sentido que é atribuído à experiência (Ogden, 1994, cit por Hollway, 2004). As defesas mobilizadas pelo sujeito inserem-se numa realidade objectiva e intersubjectiva e isso reflecte-se no seu discurso, um sistema de significados que é um produto do meio social e que é afectado por quem com ele comunica. É a este contexto - em que se entrecruza a realidade objectiva com o meio em que o sujeito se insere e os processos psicodinâmicos que constituem a sua realidade interna (Hollway, 2004) - que pretendemos aceder. Sendo inevitável que os investigadores usem a sua própria imaginação de forma a conferir significado ao material disponível, a autora defende que o grande perigo reside na negação desse processo, ao invés de reconhecer e reflectir acerca do uso da imaginação de forma a recolher dados importantes existentes no material (Hollway, 2009). Procedeu-se portanto, no presente estudo, a uma análise de conteúdo realizada conjuntamente e em que a subjectividade de cada um relativamente ao material recolhido era estimulada, de forma a alcançar melhores resultados.

A análise das entrevistas foi baseada no método “*Free Association Narrative Interview*” (FANI), de inspiração psicanalítica (Hollway & Jefferson, 2000). Procurando aceder ao significado latente existente no material das entrevistas, foca-se nas associações entre as ideias que vão aparecendo ao longo do discurso, favorecendo a emergência de preocupações, conflitos e defesas nas narrativas dos sujeitos. Dando sentido à complexidade e aparentes contradições do discurso pela ponderação do investimento feito nas suas construções, procuramos compreender a realidade do posicionamento subjectivo. Enquadrando as experiências, relações e identidade do sujeito na sua biografia, acede-se ao significado e influência da sua subjectividade, compreendendo como o seu passado – cujo significado está ligado às fantasias relacionadas com os eventos precoces - foi sedimentado nos processos mentais conscientes e inconscientes. A interpretação de uma

narrativa que se foque apenas no seu conteúdo manifesto, não presta atenção suficiente aos detalhes, às contradições, aos aspectos defensivos do discurso. Muitas vezes, a primeira imagem que o entrevistado nos dá é uma visão idealizada do seu passado, mas se estivermos atentos à contradição, se considerarmos estar perante um sujeito defensivo e ambivalente, as suas idealizações ganham outro sentido. Do ponto de vista psicodinâmico, o sujeito nega as realidades mais duras do seu passado, clivando as partes boas das más, de modo a proteger o seu *self* presente. Esta clivagem muitas vezes atinge o próprio ego, e através da projecção as partes más são identificadas como pertencendo ao outro (Hinshelwood sobre Klein, 1991, cit por Hollway & Jefferson, 2000).

Para Hollway (2009), é fundamental que o material preserve a experiência vivida pelo sujeito na sua totalidade, uma vivência dotada de uma dinâmica própria, que é multifacetada, complexa e conflitual. A vivacidade do discurso transmite conhecimento significativo sobre a vida das pessoas, e portanto há que não o despojar da sua carga emocional, pessoal e única que deve veicular, ou seja, não isolar as palavras do desejo, sensualidade ou emoção que lhe estão subjacentes.

Com base no método proposto pela autora, tentou-se que a transcrição das entrevistas fosse efectuada de forma tão fiel quanto possível à conversa original, de forma a preservar e reproduzir a sua tonalidade afectiva pelo uso de interjeições, sinalização de pausas, interrupções, mudanças de ritmo, fluxo, ênfase ou tom. Tendo em conta que qualquer transcrição perde camadas de significado, não obstante todas as tentativas de o preservar, procurou-se nunca se perder o sentido do todo na preocupação com o detalhe, ou seja, preocupámo-nos com que a pessoa que pronunciou as palavras não ficasse oculta pelo véu que representa a transcrição. Para tal, para além de ouvirmos por diversas vezes os registos áudio, fizemos, após a realização de cada entrevista, anotações relativas ao ambiente em que decorreu e à relação estabelecida com a entrevistadas, dando relevo à sua postura e outros aspectos de comunicação não-verbal, assim como às ocorrências que pudessem interessar a uma posterior análise de conteúdo. A representação de uma experiência é sempre intersubjectiva e a narrativa que nos é dada por cada entrevistado depende da relação que conseguimos estabelecer com ele, tendo portanto de permanecer central na análise do conteúdo. Sendo as pessoas simultaneamente sujeitos e objectos de pesquisa, há uma dupla hermenêutica em acção: o conhecimento é produzido pela acção e interacção de dois sujeitos e pelas atribuições de significado de ambos. Assim, os investigadores necessitam de um método capaz de aceder à experiência e significado de um contexto de interacção específico, aquele em que se desenrola a relação de investigação (Hollway, 2004).

Tal exige o retorno ao encontro inicial, e o registo da dinâmica emocional que se criou, do seu impacto e dos sentimentos que provocou na pessoa do investigador.

A análise do conteúdo progride numa espiral hermenêutica, que envolve um movimento contínuo entre a consideração da entrevista como um todo e a análise mais detalhada de determinados fragmentos do discurso que podem eventualmente alterar a compreensão que temos do significado global, num processo de integração em que é sempre possível uma profundidade crescente na interpretação do significado. Num método em que é fulcral a subjectividade do investigador, em que esta é utilizada como instrumento para obter conhecimento acerca do material, põe-se em causa a “objectividade” em que assentam as análises de conteúdo mais tradicionais. Desta forma, para Hollway (2009) – na mesma linha do que já havia sido proposto por Kvale (1996) – é importante repensar os conceitos de “subjectividade”, “objectividade”, “fidelidade” e “validade”, de modo a não deixar de salvaguardar tanto a ética da investigação como o tratamento preciso, justo, desinteressado e imparcial do material, sem que tal implique abdicar de parte do seu significado.

Para Kvale (1996) a objectividade deve ser encarada sob o ponto de vista da adequação ao objecto de estudo, de capacidade de proporcionar a expressão da sua natureza e defende que um método qualitativo que leve em conta o sujeito e a relação interpessoal com ele estabelecida é mais adequado do que a demanda de critérios de objectividade herdados da tradição positivista, os quais não foram desenvolvidos para o estudo do ser humano. Contrariamente ao objectivismo que considera que há apenas uma forma de ver a realidade que é única e independente do observador, a verdadeira objectividade implica reconhecer que todos os conceitos de verdade e conhecimento são relativos face ao seu enquadramento teórico e cultural.

Hollway (2009) sustenta que, independentemente de o reconhecermos ou não, recorreremos sempre à nossa subjectividade e imaginação para dar sentido às informações à nossa disposição, pelo que o perigo está na negação deste facto, ao invés de se reconhecer e reflectir sobre esse uso.

Menosprezar o papel da sua subjectividade do investigador na análise do conteúdo, só pode resultar no seu empobrecimento, baseando a interpretação em critérios e regras fixas. Se partirmos do princípio que o entrevistador é co-autor do discurso produzido na entrevista, percebemos que a informação não é recolhida, mas sim criada em conjunto. A consequência deste reconhecimento é considerar a análise de conteúdo como a continuação de um diálogo, que prossegue agora com o texto e que desenvolve a zona de potenciais significados da entrevista original, em que o foco da procura de significado vai para além do imediato e do explicitamente expresso. Este *continuum* entre a entrevista e a sua interpretação minimiza ainda o risco de fragmentação da narrativa do sujeito no decurso da análise. Indo mais além do que a simples reestruturação do conteúdo manifesto da entrevista, a análise de conteúdo não visa fragmentar e descontextualizar o que foi dito, mas sim recontextualizá-lo num quadro teórico de referência (Kvale, 1996).

Relativamente à fidelidade da análise de conteúdo, Vala (1999) afirma que qualquer conteúdo é susceptível de diversas interpretações. De forma a minimizar este risco, a análise de conteúdo foi elaborada e discutida em grupo.

Se uma análise de conteúdo é sempre uma construção de significado e a fidelidade dos seus resultados pode ser obtida pelo consenso intersubjectivo, há no entanto que tentar evitar fazer uma interpretação estrita desta intersubjectividade, a qual pode levar à tirania do mínimo denominador comum, em que uma interpretação só é válida quando consensual para todos, o que leva à trivialização das interpretações (Kvale, 1996).

De acordo com o proposto por Hollway (2009), o grupo – que constitui um elemento de suporte à objectividade do investigador (Hollway, 2004) e funciona de uma forma que transcende a simples soma dos seus elementos constituintes (Thompson, 2007, cit por Hollway, 2009) - reflecte em conjunto sobre as respostas subjectivas dos membros ao caso e as identificações dos seus diferentes membros proporcionam perspectivas diversas para pensar e contribuir para a análise do material. A leitura em voz alta das narrativas promove o acesso à sua tonalidade afectiva, explorando-se então as ressonâncias emocionais induzidas em cada um dos membros do grupo, só se passando depois à análise detalhada do que foi dito. No grupo, cada um funciona como supervisor, triangulando as diferentes perspectivas sobre os dados e procura-se a dinâmica inconsciente como fonte de *insight* e não como algo a ser evitado por poder produzir enviesamento (Aron, 1996 cit. por Hollway & Jefferson, 2000). Este método procura evitar uma intelectualização excessiva e estabelece a diferença entre “aprender sobre” e aprender de” (“*learning about*” vs “*learning from*” - Bion, 1962, cit por Hollway, 2009).

IV. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

1. Representação e relação com a mãe

A Miriam, na primeira entrevista, descreve a mãe como “porreira”. Numa análise mais detalhada, esta é uma mãe clivada. Antes da morte do pai, há uma mãe introvertida, submissa com os homens, apagada, sem voz, que existia na sombra do pai, escondida ou sem interesse em comunicar (“pouco me lembro da minha mãe falar até o meu pai morrer”; “depois teve de começar a falar”). A relação com a mãe, idealizada como muito próxima, também não corresponde à realidade. Esta é uma mãe que sempre foi funcional (“era mais a coisa das tarefas”) e pouco emotiva (que conta histórias “como estavam no livro”). Depois da morte do pai, esta mulher, numa luta anti-depressiva, transfigura-se, tornando-se “hiperactiva”, “exigente consigo própria”, “obsessiva” “para se disciplinar, para fugir”. Continuando num registo funcional, preocupa-se em assegurar aos filhos o mesmo nível de vida a que estavam habituados (“esforçou-

se muito para com os filhos”) e para isso, “trabalhava, trabalhava, trabalhava”. A Miriam identifica-se com a luta anti-depressiva da mãe, mobilizando o mesmo tipo de defesas. O abandono que sente por parte da mãe é desculpabilizado, idealizando o esforço desta de reagir à perda do pai, e o seu “percurso de crescimento”, que ela sente como tendo sido partilhado por ambas.

À medida que a história se desenrola, vemos até que ponto esta mãe é de facto abandonante. Quando ela engravida aos 16 anos, a mãe casa de novo, e vai para Moçambique com o marido, deixando “duas miúdas sozinhas” em Lisboa – uma vez mais, assegurando as condições materiais (“numa casa porreira”, com empregada). Concomitantemente a este abandono, há uma desvalorização da filha, que é subordinada a uma irmã 14 meses mais velha, que a mãe encarrega de “tomar conta” dela. Esta mãe, afinal não é assim tão “porreira”, e na segunda entrevista, a Miriam desvenda mais da sua faceta egoísta, abandonante e controladora. (“ela à distância a tentar controlar”; “Não sei se senti falta...ou melhor, a falta já vinha de trás”). No entanto, fala da dor deste abandono como se fosse uma dor dos outros (da irmã e do irmão), aproveitando-a para falar da sua (tal como faz em relação à morte do pai), transformando a sua vida numa não-existência. (“deixar uma irmã a tomar conta de outra...com um peso desses”; “eventualmente até foi pior para ela”; “ele cobra à minha mãe ainda hoje por ela o ter separado das irmãs”; “ele é que é realmente o traumatizado com as coisas”). Nesta segunda entrevista, torna-se notória a clivagem entre a mãe idealizada e a mãe abandonante, com recurso à negação como forma de desculpabilizar o abandono. (“Não sei se seria possível de outra maneira, de repente és só uma, tens 3 filhos e arranjas outro emprego porque achas que é melhor”; Era impossível não haver falhas”). Reage à “convulsão” provocada pelo abandono da mãe, centrando-se na filha (“Reagi e andei para a frente”; “centrada no meu mundo, com a minha filha”). A relação “porreira”, assenta não numa proximidade relacional e afectiva, mas numa anulação geracional. Não é uma mãe, é uma “irmã”, como o próprio lapsus linguae da Miriam tão bem evidencia, a proximidade é entre pares, entre iguais. A confusão de papéis é de tal ordem que “depois quando voltou era impossível vivermos juntas”, “era filha e mãe ao mesmo tempo”, e essa impossibilidade de desempenhar dois papéis em simultâneo, conduz ao afastamento, como forma de defesa contra a ameaça de regressão. Falando do irmão, fala de si por deslocamento: “uma ruptura com os pais é uma coisa até importante para um gajo crescer e fazer certas coisas”. Esta confusão de papéis, torna a evidenciar-se mais tarde, quando a Miriam vai para Hong-Kong para tomar conta da mãe (“a minha mãe estava lá sozinha a passar-se”). Vai protegê-la e salvá-la do conflito de uma ruptura relacional, disposta a tudo para a defender (“depois disto eu não sei o que é que ele era capaz de fazer...e depois eu tinha de ir para lá matar um homem”).

A Inês descreve uma mãe idealizada ao ponto de constituir um ideal inatingível – (“o meu modelo e eu estou muito abaixo” “extraordinária”, “excepcional”, “brilhante”) Esta mãe tem um

brilho que ofusca, e ela permanece na sombra, sentindo-se honrada por isso ("Tenho a sorte de ser minha mãe"); É ela que lhe mostra o caminho (tem uma "visão muito à frente") e que lhe estabelece os limites daquilo que ela deve suportar (é "uma resistente"; "não sei como ela aguentou...eu era uma jovem"). Esta mulher fria e emocionalmente distante ("simpática, mas distante, formal"), é um objecto assustador, intrusivo e persecutório ("a minha mãe é tipo Rx" "garanto-lhe que não ia sentir-se confortável", "permite-se certas coisas", "é aquele olhar que entra"). Sem a mãe, ela não existe, não sabe que identidade teria ("não sei que pessoa seria hoje"), não há separação. A relação tem fortes componentes anaclíticos e fusionais. É a mãe que a equilibra ("centro de equilíbrio"), é o elemento estrutural, o eixo de verticalidade que a sustenta e suporta ("é o meu pilar), quem lhe mantém a integridade e a defende dos outros, percebidos como inimigos externos que podem atentar contra ela ("tive o grande escudo da minha mãe"), e é quem a impede de andar à deriva, de se perder numa tempestade ("é a minha âncora"), mas também a impede de navegar ("para o bem e para o mal, porque eu também sei o que isto significa"). É um garante de estabilidade (que vem de fora) e simultaneamente uma prisão, uma amarra. Através de um cabo de ligação (como um cordão umbilical), a âncora fixa o navio num ponto, imobiliza-o e mantém-o preso ao fundo. Mãe e filha são uma "parelha fantástica", adivinham-se uma à outra. ("percebe quando eu não estou bem" e "eu também") e a mãe fomenta a dependência ("porque é que não vens cá passar uns dias?"). Têm os mesmos desejos, as mesmas necessidades ("sente falta disso e eu também sinto"). Todos estes indicadores apontam para uma indiferenciação do *self*, que se mantém numa relação do tipo fusional. A mãe é que lhe dá a estrutura, que não é interna, vem de fora. Quando precisa de se "reestruturar", fá-lo em casa da mãe. Esta mãe, em relação à qual a Inês não refere um único defeito, nem nenhuma opção errada ao longo da vida, esta mulher onnipotente e onisciente ("não é desconhecadora de uma série de coisas da filha"), é descrita, no entanto, como de uma inocência avassaladora ("desconhece a homossexualidade"). A Inês, contudo, foi preterida pela mãe, que elegeu o irmão, ano e meio mais velho, como o "adulto", o confidente, o "homem da casa", e apesar de ter sentido essa desvalorização ("a malta suporta isso até aos seis, sete anos[período edipiano], depois percebe que há ali uma diferença"), racionaliza-a como "um grande esforço dos dois no sentido de me proteger" e recusa o confronto com a realidade ("tudo o que sejam arestas com os meus, não existe, é para limar"). A relação quase simbiótica com a mãe e o espaço que ocupa na vida dela é "inegociável", até porque a angústia da perda é cada vez mais premente ("cada vez mais eu tenho esta ideia, a minha mãe está ótima...mas...eu não sei quanto tempo mais...é que eu vou poder usufruir disso tudo...e portanto quero...e esse querer é muito presente") e quer "alimentar-se" da mãe o mais possível, porque um dia vai perdê-la e não suporta essa ideia.

A Carolina descreve uma mãe que sempre viveu em função de si própria, primeiro dos seus problemas conjugais, seguidamente centrada na sua doença, quando a dependência passa de

psicológica a física. (“as doenças da minha mãe são aquilo que de mais importante existe na vida dela”). O desequilíbrio emocional da mãe – mais tarde substituído pela sua doença - é o epicentro da infância e das relações familiares. Esta mãe é uma mulher “profundamente desequilibrada”, instável, carente, orfã (nunca se recompôs da morte da própria mãe; buraco que ela nunca conseguiu preencher). Desde criança (5 anos), a Carolina sente que tem de tomar conta da mãe, reparar o objecto materno, salvá-la da depressão, só se o conseguir poderá vir a receber dela o amor pelo qual irá esperar toda a vida. Fala das cenas que a mãe fazia “saía de casa para se matar”. A relação com a mãe tem sido alvo de reflexão, sobretudo a partir do momento em que a Carolina decide viver sozinha. Descreve a relação como “exteriormente boa”, mas apesar do seu esforço de introspecção, permanece “uma coisa estranha na minha vida”, “em que pensei muito” e que “não sei se a tenho resolvida”. Subsiste “uma barreira que não consigo ultrapassar”, um “limite que eu me imponho”, que impede a expressão de afectos entre ambas e que a Carolina atribui àquele “período da minha infância em que “estive muito distante de mim, muito centrada nas coisas dela”, à falta que sentiu quando tanto precisava da mãe. (“se calhar guardei muito tempo esta falta”. É funcional com a mãe, “cuido dela”, mas há um déficite relacional, um “mau estar”, porque não há perdão para o abandono e a mãe está ligada ao sentimento de solidão. Tal como a mãe nunca foi carinhosa com ela, ela também não consegue sê-lo (“não consigo” e “sinto falta; “às vezes gostava de ser de outra maneira”). Nesta mulher que é também descrita como “lutadora” e “a pessoa que mais admiro”, perguntamo-nos se o objecto desta admiração da Carolina não é a luta pela sobrevivência pessoal, tanto a nível físico como psicológico, ou seja, a capacidade de se centrar em si mesma, aquilo que a Carolina só é capaz de fazer quando está só. Na segunda entrevista – que ocorre depois da morte da mãe - emerge uma mãe desconhecida, revelada pelos “escritos” confessionais a que tem agora acesso e pelas “coisas que ela tinha religiosamente guardadas” – “cartas, postais, coisas do dia da mãe”. Descobre a importância do que dava à mãe, que, de uma forma distanciada, lhe deixa “um texto para mim”, uma carta de agradecimento, para ser lida depois da morte, em que reconhece a inversão de papéis e lhe agradece ter tomado conta dela. (“eu não estava errada”, “ela tinha consciência que as coisas estavam ao contrário”; “ela diz coisas de facto muito bonitas a meu respeito...mas nunca me disse”). Deste reconhecimento tardio, a Carolina valoriza alguns sinais (“ela...tentou reverter isso” “mas foi há meia dúzia de anos, portanto, eu já era crescida”; um mês antes [de morrer] chamou-me “querida...assim, do nada”; “olha esta, agora...não sei o que lhe deu...), que alimentaram a esperança de vir a receber o afecto da “única pessoa de quem sempre senti saudades”, pelo qual toda a vida esperou (antes da morte da mãe, descreve a relação como uma “coisa finalmente a resolver-se”).

Para a Sandra, a mãe é uma mulher desvalorizada a tal ponto que não pode constituir um modelo de identificação. Nela, a feminilidade exprime-se pela futilidade (“era daquelas mulheres

que não trabalhava", "demora uma hora para sair de casa", "conjuger a roupa interior com a exterior", "parece uma árvore de natal"; "não estudava", "pouca combatividade" "que se conforma muito"). Há uma tentativa de mitigar esta imagem negativa, de reparação do objecto, uma desculpabilização ("não se pode dar o que não se recebeu", "viu a mãe a ser espancada", "casou repetindo o padrão" [homem violento, como o avó materno] que é reveladora da clivagem: "não digo que seja uma pessoa fraca", [só] uma "cabeça no ar" [má mãe], porque "lutou, protegeu os filhos, disse basta quando viu que a agressão era para a filha também" [boa mãe]. Descreve a relação com a mãe como "pouco pacífica; com um "certo conflito", e revela o que é central na organização do *self* ("construí-me por oposição"). Estabelece, com a mãe, uma identificação negativa, antagonista ("eu sou diametralmente oposta"). A mãe desvaloriza-a ("tentou fazer de mim a menina que ela queria") e não a compreende ("não valorizava aquilo que para mim era importante"). Esta desvalorização do *self* fica patente num esboço de competição que a Sandra abandona ("um certo tipo de competição"; "a minha mãe é que era bonita" "eu era uma espécie de patinho feio que ninguém queria"), e esta desistência é, em si mesmo, alvo de crítica ("criticava o meu desleixo"). Numa perspectiva geracional, que podemos reconstruir no desenrolar da narrativa e que engloba quatro gerações (a avó, a mãe, ela e a filha), verificamos que a "mãe ideal" está sempre na geração "acima", para ela e para a filha, a mãe ideal é a avó. No entanto, se os modelos de identificação são com a geração anterior, e o *self* se define por características opostas, na relação – ela e a mãe - são iguais. A mãe critica-a a ela e ela critica a mãe ("o excesso dela"; "eu não tinha paciência para isso"). A partir da adolescência, há uma certa inversão de papéis ("ajudei-a", "até a compreendia"). O nascimento do irmão, quando ela tinha 14 anos, desencadeia na Sandra um comportamento maternal (o irmão representa o filho imaginário dela com o padrasto) e ela centra-se nesse papel, vivendo "em função dele", e preocupando-se em ser competente - suplantando a mãe - na organização da casa.

Equivalentes parentais: Para a Sandra, a avó materna é quem "acaba por ser mais a figura de mãe". É quem lhe proporciona um sentimento de estabilidade e equilíbrio (por oposição à "balbúrdia" de casa dos pais), de justiça ("nunca castigava porque estava irritada", ao contrário da mãe e do padrasto), cuidado e atenção. Por contraste com a mãe, fornece-lhe uma representação positiva, se não do feminino, pelo menos do materno. (uma "pessoa muito calma", "que ouve", dá mais atenção, tem mais cuidado"). Esta avó é uma referência afectiva importante ("eu gosto imenso da minha avó"), alguém que está presente na sua vida quando é preciso substituir os pais ("vivi muito tempo com ela") – primeiro por escolha destes e mais tarde por escolha dela (quando engravida, arranja uma casa na terra da avó – "porque tinha lá a pessoa de quem eu gostava mais, que me ajudava mais").

1.1. Discussão / Conclusão

Verifica-se que todas estas mulheres têm mães que de alguma forma as desvalorizaram e que são afectivamente incapazes. Três delas são abandonantes (Miriam, Carolina e Sandra) e uma não permite a individuação (Inês). Em nenhum dos casos se estabelece uma relação em que não haja confusão de papéis, em que haja uma distinção clara de quem é a mãe e quem é a filha.

No caso da Miriam, não há uma mãe, há uma “irmã” e não há ninguém que a substitua no desempenho deste papel materno. É uma figura paradoxal, submissa, maltratada e masoquista, embora se esforce por demonstrar o oposto, que opera num registo funcional, aparentemente eficiente e de quem a Miriam tem uma imagem clivada.

Para a mãe da Inês, a filha é um apêndice indiferenciado de si própria, não pode desempenhar um papel de mãe porque a filha faz parte dela, nunca se separa, como se nunca tivesse chegado a nascer. Esta mulher não está presente na vida da filha, está omnipresente, mas não do ponto de vista afectivo. O padrão relacional, que afecta a própria identidade primária da Inês, é do tipo sincicial (Num sincício, todas as células que o compõem comportam-se como se fossem uma só. A membrana citoplasmática – que delimita a célula - não está conservada, deixa de existir, é mantida só nalguns pontos. Isto faz com que, por exemplo, quando uma célula é atingida por um impulso eléctrico, todas as células do sincício se contraíam ao mesmo tempo). Também para a Inês, não há quem substitua esta afectividade materna, a não ser – por períodos muito breves – a avó paterna. Destes períodos de férias passados com os avós paternos, a Inês faz um descrição idílica, de um prazer que não pode ser desfrutado porque não há prazer que possa ser gozado sem culpa na ausência da mãe (o sabor doce e amargo deste período é simbolizado pela laranjeira de onde saía uma pernada de limoeiro, que a Inês adorava, e também pela sopa que a avó lhe fazia “de que guarda o sabor ao fim de 40 anos” e que nunca há-de comer outra igual).

A mãe da Carolina é uma mulher narcísica, centrada em si própria e na sua depressão, que manipula eficazmente os afectos dos que a rodeiam para se alimentar deles e perpetuar a sua dependência, preencher continuamente o buraco que a morte da sua própria mãe lhe deixou vazio. Permanentemente no papel de filha, não pode ocupar o lugar de mãe, e é a Carolina que o toma a seu cargo, nos seus frágeis ombros de criança de cinco anos. Há uma inversão clara de papéis entre mãe e filha, mas há também, paralelamente um pai que desempenha um papel materno, que está afectivamente sempre presente ao longo da vida da Carolina.

Também a mãe da Sandra não desempenha um papel materno. Ela posiciona-se no papel de filha – neste caso, não da própria filha, como no caso da Carolina - mas como filha dependente e orientada pelos homens com quem se relaciona. Esta mulher, maltratada e masoquista como a mãe da Miriam, é-o contudo de forma transparente, aparecendo aos olhos da

filha como uma figura desvalorizada. Para a Sandra, é a avó materna quem desempenha o papel de mãe e é este papel que ela ambiciona para si própria e que se manifesta tanto no seu desejo de ter filhos como na sua relação com o irmão. A clivagem aqui situa-se a outro nível – é entre o feminino, simbolizado pela futilidade e submissão da mãe – que ela rejeita – e o materno, representado pela avó – que ela ambiciona.

Embora de formas diversas, vemos que, em todos estes casos, mãe e filha não se reconhecem mutuamente como sujeitos - Elise (2002, cit por Meissner, 2005), reconhecendo a sua alteridade (Burch, 1996), numa relação em que se ambas se sintam desejadas e desejantes. Estas mães, não se reconhecem a elas próprias como inteiras e completas na ausência do pai (Burch, 1996), tornando-as incapazes de estabelecer uma relação com as filhas em que ambas se vejam como sujeitos (Benjamin, 1988, cit por Burch, 1996), dotados da sua própria subjectividade (Burch, 1996). Este não reconhecimento das filhas parece ter conduzido a que estas não se tenham sentido reflectidas na plenitude do seu ser, transmitindo-lhes um sentimento de indesejabilidade e rejeição (Burch, 1996).

2. Representação e relação com o pai

A Miriam descreve um pai idealizado, que representa a infância idílica e perdida. A morte do pai, quando ela tem onze anos, cristaliza a recordação, que é infantilizada e com a tónica no que se perdeu. Este é o acontecimento que lhe rouba a infância (“uma coisa que mudou foi o Natal” “já não houve natal Nesse ano” “e se calhar com a idade que tinha até ia ter mais Natais”) e que não só organiza toda a dinâmica familiar em que a Miriam se insere, como provoca uma dor que é projectada nos outros - nos avós que perderam um filho com 37 anos, o que para eles foi avassalador”, na mãe que teve de crescer e lutar, na irmã que “teve muito mais dificuldades de ultrapassar as questões com a morte do meu pai”, “fala das coisas do meu pai como se tivesse sido agora”; “como ela é assim meia mística...[vai] procurar noutras vidas anteriores a explicação” [daquilo que não tem explicação – a morte do pai]), no irmão que não se lembra do pai, mas é visto por todos como se fosse o herdeiro, uma espécie de segunda edição do pai (“como o pai”) e que é “o traumatizado”. A perda é um assunto dos outros, a sua é desvalorizada, porque não quer viver a própria dor (“apesar de tudo perder os pais é a ordem natural das coisas, perder um filho deve ser muito complicado”), no entanto, esta tentativa de se afastar é frustrada porque a morte do pai é constantemente revivida na memória dos avós, está sempre presente, o trauma repete-se sem elaboração (“houve ali uma altura que não dava, não tinha nem muita vontade de estar ao pé dos meus avós (...) era muito pesado”; “foi uma coisa muito má que aconteceu”). Esta falta de elaboração está patente na dificuldade que a Miriam tem de falar da relação que tinha com o pai. Ainda que a descreva como “porreira” e o refira como uma pessoa “mais calorosa” do que a mãe,

faz imediatamente um movimento de intelectualização e distanciamento afectivo, afirmando não ter “opinião” formada sobre o pai. É como se a relação com o pai morto tivesse abafado quase por completo a relação que existiu com o pai enquanto vivo, do qual recorda apenas “pequenas coisas” e “brincadeiras”.

Este traumatismo que nunca sarou (“são coisas que na verdade nós não ultrapassamos nunca (...) aprendemos é a viver com aquilo”), é uma ferida aberta que faz parte da sua identidade. Ela sobreviveu, mas continua ligada à perda, que é impossível de chorar.

O pai representa o passado idílico, o tempo em que eram todos uma família feliz (faz lembrar, nas palavras de Álvaro de Campos (1929), “o tempo...em que eu era feliz e ninguém estava morto”) (<http://arquivopessoa.net/textos/20>). A Miriam não teve tempo de se desiludir com o pai. Até nos poucos meses que decorreram entre o declarar a sua doença e a morte (“vivi com ele até ele morrer”), é-lhe proporcionado um ambiente especial, “marcante”, de boas recordações (dois meses de férias, com a família toda junta). A morte do pai é um marco que representa o fim da infância e tudo o que muda a partir daí. No dia da morte do pai, andou “a comprar umas coisas”, como se procurasse substituir a sua falta. Não ter ido ao funeral do pai (“é um bocado como se não te despedisses”), simboliza a despedida que não conseguiu fazer até hoje.

Equivalentes parentais: Nesta família, após a morte do pai, o avô paterno é uma figura tutelar, o patriarca que detém a autoridade. Para a Miriam, “era um gajo muito inteligente e muito aberto...à frente do seu tempo”, a pessoa “a quem pedia conselhos” e de quem “gostava imenso”.

Para a Inês, o pai “fez as suas opções” - sair de casa ainda a mãe estava grávida – e ela sente-se preterida, não é só a mãe que é abandonada. Nunca é feito um luto deste abandono, porque ele nunca é verdadeiramente admitido pela mãe. A ausência do pai é um facto, para o qual não há explicação, e que nunca é questionado, mas na realidade não há uma verdadeira ausência, porque tudo é mantido como se o pai pudesse a qualquer momento regressar (o quarto da mãe é mantido com duas camas) e a mãe acompanha os filhos – até aos treze anos – aos passeios ao sábado à tarde com o pai. Tudo se passa com uma aparência de normalidade e de falsa harmonia na convivência familiar, que na verdade impede o estabelecimento de uma relação autónoma com o pai (“aquela pessoa não chegava a nós”), sem a presença da mãe como a mediadora e a pessoa que estabelece as regras (“ela achou que não nos devíamos desligar”; “quando a mãe deixou de estar, aquilo desmoronou-se”). Definida pela negativa (“não era sereno, pacífico, estabilizador, gratificante”) e sempre negada (“não havia relação com aquele homem...e não se estabelecia”), há uma não-relação, na qual as semelhanças entre eles são sempre atribuídas à genética (“herdámos muito de genética”), a algo impossível de controlar, não-relacional, sem qualquer intervenção da aprendizagem ou do afecto (“eu falo neste tom (...) que eu herdei do meu pai”) e em que qualquer atitude do pai - como as fotografias que lhes tirava – é esvaziada de significado afectivo: o pai

fotografava pessoas, tal como ela o faz, é um gosto que “herdou” do pai). Ela diz que transformou o pai num “morto-vivo”, mas na realidade, foi a mãe que o fez, condenando-o a uma não-existência, sempre presente junto dos filhos. Até aos 14 anos, dá-se com o pai, mas este é sempre rejeitado (“um estranho”) No entanto, até essa altura, refere ter um papel de relevo na relação com o pai, uma “certa influência”, as questões que lhe colocava, “ele tentava resolver”. Nesta construção sobre o passado, há uma tentativa de restaurar a relação com um pai ideal que a prefere (“eu seria a menina”), assumindo ela um papel importante, que lhe alimenta o narcisismo. Nesta altura da entrevista, emerge a rivalidade com uma meia-irmã “muito bonita”, cuja existência refere de passagem e que logo se apressa a negar importância. O pai dá-lhe poder que a mãe e o irmão nunca lhe deram, mas no dia em que esta “influência” falha, em que há um conflito aberto, uma discussão, corta radicalmente (“estamos arrumados”; “adeus”). O motivo invocado para esta ruptura é ele ter “recusado tratar do irmão”, em circunstâncias que não esclarece, que têm contornos de algo importante, mas secreto. No entanto, é também nesta altura que há a concretização da separação dos pais, mediante um divórcio que “poderia ter sido um simples assinar de papéis”, mas que “transbordou”. Para a Inês, é a derrocada final da imagem paterna, o desmontar do teatro de marionetas encenado pela mãe ao longo de todos aqueles anos. (“havia ali uma ideia que ele gostava de nós”...e depois é o confronto...evidentemente que não gostas, que ninguém que goste faz isto”). O pai recusa continuar naquela representação de família (“apercebo-me de muitas coisas; “até aí, as aparências eram mantidas”) e divorcia-se, não só da mãe, mas simbolicamente, dado o grau de indiferenciação, de todos eles. É o oficializar da separação que ocorreu quando ela estava na barriga da mãe, num estado fusional de que nunca saiu. Este é, para a Inês, um momento de revolta, zanga, desorientação e desistências. Chumba o oitavo ano e desiste das aulas de piano. No entanto, o pai não a abandona realmente (“fez uma tentativa desastrada [de reatar] ou mais do que uma”), mas ela tomou as dores da mãe, que são as dela e barra qualquer tentativa de aproximação (“barro todas as entradas”), recusando que lhe falem ou intercedam pelo pai. Aos emissários, diz que “só conhece[m] uma versão” (tal como ela) e empenha-se em “não deixar ali nenhum espaço para dúvida” (para eles, mas fundamentalmente para si própria). Não há lugar para a ambivalência e a rejeição é ostentada (“toda a minha postura esclarece”). Nunca lê a carta que o pai lhe escreveu, mas dá-a à mãe, conhecedora de toda a história e depositária de todos os segredos. Não se interessa pela carta que não chega a abrir, uma carta fechada, tal como o era a gravidez da mãe – ela, dentro da barriga da mãe, por quem o pai não se interessou. Aos 18 anos, põe o pai em tribunal, para o obrigar a “assumir responsabilidades”, ou seja, obrigá-lo a reconhecê-la como filha. O pai “teve que pagar”, não a pensão em atraso, mas pelo dano que lhe causou. Ela centra-se na vingança (“alimentei essa ideia”), no ódio (“eu apago, faço-o de uma forma, deliberada”) e no narcisismo (“não preciso desta pessoa na minha vida”) matando o pai simbolicamente (“morto-vivo”). Não reconhecer o

pai quando se cruza com ele (“não o reconheci...é provável que ele também não me tenha reconhecido”) é o contraponto de ele não a ter reconhecido quando estava para nascer.

Equivalentes parentais: Para a Inês, o irmão “assumiu o papel de homem da casa”. Apesar da escassa diferença de idades, tem desde muito cedo um papel parental (“aos 11 anos, o meu irmão fazia o meu almoço”; o primeiro namorado que eu apresento lá em casa, o meu irmão recebe-o tremendamente”). Fortemente idealizado (“trabalhador”, “empreendedor”, “um homem de sucesso”, “interessante do ponto de vista intelectual, inteligente, sensível”), é um homem “precocemente envelhecido” pelo papel que foi chamado a desempenhar (“este percurso não é inócuo”).

O pai da Carolina é descrito como um “homem inteligente, interessante”, mas sobretudo “mais afectuoso”, carinhoso e muito próximo e presente na sua vida, desde a infância. Esta afectividade do pai torna evidente o contraste com a mãe (“sempre foi muito de se agarrar a nós e de nos dar beijinhos”, “dizer gosto muito de ti” “é que se dedicava aos filhos”, “era o meu pai que tinha esse papel, que me ajudava”, “paciente”, “ensinou-me a ler”, “contava histórias”, “sempre falei muito mais com ele, sobre tudo...conversávamos imenso, sobre muitas coisas”). Este pai tem características maternas e ocupa o lugar da mãe, o que leva a que a Carolina se irrite (“irritava-me muito, agarrava-se muito a nós”) com a inversão de papéis “se calhar em determinada altura eu achava que isso era ao contrário”...se calhar somos nós que herdamos uma série de preconceitos, de ideias pré-concebidas acerca das coisas”). Esta irritação está ligada responsabilização do pai pela depressão da mãe e conseqüente falta de afecto materno de que a Carolina foi vítima. (“transferi para o meu pai a responsabilidade de tudo aquilo que aconteceu”; havia um acontecimento concreto, ele ter tido outra mulher”; “toda a desgraça da minha mãe, toda a desgraça que se abateu sobre a família tinha a ver com aquele caso”). Mais tarde, repensou a relação com o pai, deixando de o julgar responsável pelo “desequilíbrio emocional da minha mãe, [que foi o que fez com que] as coisas tivessem acontecido e durado de determinada forma”

Até aos oito anos, a Sandra pensa que o padrasto é o pai dela. Viveu com o pai biológico até aos dois anos, mas não tem disso qualquer recordação, nem mesmo dos maus-tratos de que sabe ter sido vítima e que motivaram a separação do casal. Quando tem quatro anos, a mãe volta a casar e é com este homem que estabelece laços afectivos e uma relação filial (“lembro-me, até aos seis anos, de andar sempre atrás do meu pai”). Descreve-o como uma “pessoa muito rigorosa”, repressivo e controlador (“eu não me podia atrasar a ir para casa”), mas que, apesar de “exigente”, de uma forma a que era “difícil corresponder”, era-o em áreas que ela própria valorizava (comportamento, desempenho escolar) e falava dela “com uma certa vaidade”, que ela não sentia na mãe e por isso diz-nos que a relação com ele “nunca foi muito má” (por comparação com a relação entre o casal). Esta relação tem contornos edipianos. Ciumento e possessivo, ele não gostava que a Sandra tivesse amigos em casa e – como veremos mais adiante

– irá reagir mal ao seu encontro com o pai biológico. Paralelamente, ele respeitava mais a Sandra do que a mãe (ela supera a mãe junto do padrasto).

No entanto, aos oito anos, é-lhe dito que este homem não é pai dela. Num momento em que estava há dois anos separada dos pais que tratavam da irmã doente (a filha perfeita, a “menina como deve ser”), uma bisavó, realçando-lhe os defeitos, diz-lhe que é parecida com o pai, para logo esclarecer “não penses que estou a criticar o marido da tua mãe, quando eu digo que te pareces com o teu pai, não é ele, que ele é uma santa pessoa”. De um momento para o outro, para além de se sentir abandonada e preterida pelos pais, é-lhe atribuída uma identidade negativa (“o pior foi a razão porque a pessoa o disse”; “foi por eu ser parecida com o meu pai biológico” “todos os defeitos que ela achava que eu tinha, eram defeitos do meu pai) e passa a ter dúvidas em relação à sua origem. (“foi muito mau saber uma coisa daquelas assim de repente”; “ninguém está preparado para isso...pensa que tem a mãe e o pai”). Para a Sandra, “foram uma série de violências”, traduz o que lhe foi dito como ““o teu pai é um fulano qualquer que andou para aí” e “aquele senhor fez a caridade de ficar contigo”. Subitamente, com a sua identidade ameaçada, tem, para além do mais, de agradecer a esmola: A bisavó obriga-a a escrever uma carta ao padrasto “a dizer-lhe que já sabia e a dizer-lhe que achava que ele era o maior”; “eu não achava nada que ele era o maior, achava que era meu pai”; “passei a achar que não era”). Esta inquietação, que guarda para si (“estas coisas não se falavam”) faz com que, dois anos mais tarde, quando se dá “o confronto” e finalmente volta a ver os pais, não os reconheça como tal (“eu não os reconheci”, “será que estas pessoas são mesmo os meus pais”, será que anda aqui tudo a enganar-me?”). Num contexto em que esperavam a morte da irmã (“estivemos ali um mês a vê-la morrer”), ela está só com as suas dúvidas quanto ao afecto que lhe têm (“senti que estava ali um bocadinho a mais”, “quem devia morrer era eu”).

Aos 18 anos, vai em busca da identidade perdida, das suas origens, que lhe são desconhecidas. Tinham-lhe transmitido que o pai “era uma pessoa que não interessava”; “mas não diziam porquê”; era uma coisa “muito escondida”). Encontra um “homem completamente descompensado”, uma “pessoa desequilibrada” e refere-nos como há um padrão que se repete – a mãe escolhe um homem com estas características, tal como a avó o tinha feito.

Este homem, que no início a recebe “muito bem”, a apresenta à mulher e aos filhos e a convida a viver em sua casa, é um “manipulador”, um “abusador”, que exerce “coacção psicológica”, querendo fotografá-la com roupas transparentes e indagar pormenores da sua vida sexual. Neste período “muito complicado”, no qual precisou de “ajuda psicológica”, sentindo que “estava sem vida” (“quis-me suicidar”, “sobrevivi a isso, posso sobreviver a tudo”), não conta com o apoio nem da mãe, nem do padrasto. Nenhum deles a defende. A reacção do padrasto é de ruptura e afasta-a por ciúme e orgulho ferido (“o meu padrasto não achou graça”, “estivemos um ano zangados”). Proíbe-a de voltar lá a casa, proibição à qual a mãe não se opõe (“alguma vez

um homem que vivesse comigo ia impedir-me de ver os meus filhos?”). Há uma componente incestuosa, tanto com o pai como com o padrasto. O padrasto é contido, o pai não. São ambos homens de quem ela tem de se defender. Com o padrasto, ainda hoje ambos encenam um conflito para mascarar a relação edípica (“ele chega a minha casa, estamos praí uma hora a discutir, ele a tentar impor o ponto de vista dele, eu a dizer que não é nada assim...”)

2.1. Discussão / Conclusão

Relativamente às figuras paternas, podemos ver que, também em todos os casos, elas são marcadas pela ambiguidade. São pais que, estando presentes, não podem ser pais, ou que estando ausentes, estão sempre presentes. Todos eles, por razões diversas, são figuras paradoxais. No caso da Miriam, o pai ausente – porque morto – está sempre presente e é o organizador das relações familiares e do papel que todos eles desempenham para além da sua morte. É um pai ausente-presente. No caso da Inês, há um pai que estando ausente, mantém os sinais da sua presença. É um pai presente-ausente. A Inês designa-o como morto-vivo, mas, ao contrário do pai da Miriam, que está na realidade morto mas sempre vivo, este é um vivo-morto.

Para a Carolina, o pai, sempre presente, sempre ao seu lado, não é na realidade um pai, porque desempenha o papel de mãe.

Para a Sandra, o pai que está afectiva e efectivamente presente, não é o seu pai

Para a Miriam, o equivalente paterno, é o avô. Mas este substituto não substitui o pai morto, perpetua-lhe a memória. Figura tutelar para toda a família, ele assegura que o papel do seu filho naquela família seja eterno, mantendo o paradoxo)

Para a Inês, o substituto do pai é o irmão. É também uma figura ambígua, que não pode ser pai, porque é irmão, apenas ano e meio mais velho que ela, mas o confidente e o preferido da mãe, o suporte das suas decisões.

Para a Carolina, não há substituto do pai. O pai é pai e mãe simultaneamente e o irmão mais novo é um seu sucessor, ambos figuras femininas, do ponto de vista afectivo.

Para a Sandra, o pai é o padrasto, uma figura clivada, pai para si, padrasto quando é o marido da mãe. Em ambos os papéis, é uma figura masculina que não pode ser aceite. No papel de pai, é ameaçador do ponto de vista do incesto, no papel de marido da mãe, simboliza o homem controlador e agressivo que ela tem de evitar. Como figura paterna, valoriza-a do ponto de vista narcísico – a sua “performance” nos estudos, a sua capacidade de argumentação – e a sua vertente materna – pela competência em tratar da casa e do irmão. O seu lado feminino tem forçosamente de ser abafado pela ameaça da relação incestuosa. Se, aos seus olhos, ela suplanta a mãe, não o pode fazer como mulher, porque o risco é demasiado grande.

Quando procura “substituir” este pai pelo seu pai biológico, encontra uma figura que é – tanto do ponto de vista paterno como do masculino – inaceitável.

Aron (1995) fala-nos da importância da possibilidade de identificação com cada uma das figuras parentais vistas como entidades separadas, de modo a que a criança possa situar-se fora do relacionamento entre dois objectos inteiros, mas tanto no caso da Miriam como no da Inês, é particularmente difícil ver o pai como uma figura diferenciada do casal parental como um todo. Nos casos da Carolina e da Sandra, as figuras parentais são diferenciadas, mas é a relação entre elas que é negada. Em qualquer dos casos, não existe triangulação.

3. Casal parental

Para a Miriam, o casal parental representa, tal como o pai, um tempo idílico, em que estavam todos juntos (indiferenciação) e “era curtir”, como se a vida, até essa altura, fosse uma sucessão de “fins de semana, praia, férias”. A relação entre os pais é idealizada (“era porreira”, “nunca discutiam”, “davam-se muito bem”, “era óptimo”).

No entanto, se nos recordarmos que esta mãe “mal falava” até o pai morrer, e se analisarmos os seus casamentos subsequentes, vemos que há um padrão de relacionamento que parece ter sido interiorizado pela Miriam. Esta mulher submissa, que vai – primeiro para Moçambique e depois para Hong-Kong – atrás do segundo marido, que “se pôs a jeito para o que lhe aconteceu” (o assalto da casa aquando da separação) e que agora se refere ao terceiro marido como “o meu filho”, parece desenvolver relações subservientes em relação ao objecto, anaclíticas, muito próximo do masoquista e a Miriam identifica-se com a mãe (“eu, nas minhas relações, acabo por fazer o mesmo”).

No caso da Inês, temos de considerar a existência de dois casais parentais, um real e outro imaginário. Ao nível da fantasia, a mãe reconstituiu a vida com o irmão. Simbolicamente, a relação da mãe com o irmão é incestuosa. Os problemas eram tratados “pelos adultos” - a mãe e o irmão, que era “quem sabia de coisas”, enquanto ela “era afastada de algumas questões”. No posicionamento face a este casal parental imaginário, ela é a filha que é orientada e se submete à autoridade de ambos. Não tem um pensamento autónomo, faz parte de uma entidade indiferenciada, um monstro de “três cabeças [que] pensam de facto melhor do que uma” - a dela, que não pensa (“eu tenho a sorte de as duas cabeças pensantes da família serem fantásticas”). A Inês identifica-se com ambos, mas não há diferenciação. Apesar do esboço de uma triangulação primitiva - evidenciada pelo sentimento de exclusão, quando “começa a perceber que há ali uma diferença” - este não é suportado e ela nunca se separa deste "bloco". Discriminada e desvalorizada, o irmão tem o que ela ambiciona, ser reconhecida pela mãe. É o irmão e não o pai que introduz uma quebra na simbiose com a mãe, mas ela não se sente reconhecida como sujeito.

Este “irmão-pai” cria um sentimento de ambiguidade, que ela não é capaz de desfazer (não sabe se o há-de encarar como irmão ou como pai) e por isso não “pega” na rivalidade entre irmãos (“se calhar...evidenciava...outro tipo de qualidades...se calhar levei mais tempo para crescer...não é uma coisa que eu queira pegar”) e, para se proteger da discriminação (“durante algum tempo, eu senti isso como uma penalização”), racionaliza, dizendo que para ela “foi mais fácil do que para o meu irmão”, “houve uma grande tentativa dos dois [vistos como o casal parental a que ela se subordina] de me proteger”. Acrescenta que “coisas que signifiquem algum tipo de atrito com os meus, não há, vamos limar...não preciso disso na minha vida”. Por isso prefere pensar que, em vez de preterida, foi protegida. Evita tudo o que sejam “arestas” na relação com “os seus”, porque não aguenta as diferenças, o conflito ou a separação. Esta indiferenciação identitária (“funcionamos em bloco”; “pensamos em bloco”; “agimos em bloco”; “somos isto, muito ciosos uns dos outros”; “muito unidos”) é o que a sustenta e orienta “e com muito sucesso...encontro muita gente muito desorientada porque não tem precisamente isto” (ela, como parte da família versus “os outros”).

Em relação ao casal parental formado pela mãe e pelo pai, a Inês alheia-se, evita o confronto com a realidade, para a poder negar (“eu alheava-me disso...não havia discussões, creio, não havia até determinada altura, que foi precisamente quando a minha mãe deixou de ir, e isso eu lembro-me”). A mãe “bateu-se até onde pode” para manter um cenário, uma relação fantasma, uma mentira, um pai ausente-presente. As aparências que são mantidas, têm um propósito: ao negar-se a ausência, impede-se a presença. O papel do pai junto dos filhos está curto-circuitado à partida. A mãe impõe a sua presença nos encontros do pai com os filhos e o pai conforma-se, durante 13 anos, a desempenhar este papel subalterno. Não há de facto um casal parental, há um par parental, em que o pai é fraco e a mãe é central. Os pais estão separados e o pai, por si só, não tem existência para os filhos. A mãe, que “tentou investir para que os filhos nunca deixassem de ter uma referência paterna”, dá-lhes de facto uma referência vazia, teórica. Não há possibilidade de elaborar a falta do pai porque é mascarada com uma falsa presença. Durante 13 anos, esta mãe faz de conta para os filhos que são um casal. Nunca se pergunta porque é que o pai não vive em casa (“para mim era facto, aquela coisa”). A relação entre os pais é a relação da mãe com a sua própria fantasia, é tudo falso. O quarto dos pais, mantido intocável, é um cenário vazio. A relação só existe na aparência e as duas camas simbolizam a presença do pai (que pode voltar) numa relação assexuada com a mãe. Quando sente “a partir de determinada altura...[que] isto não faz sentido, as camas são horrorosas, vamos lá arejar isto” está simbolicamente acabar com o fantasma do casal parental assexuado.

Quando o pai deixa de colaborar, deixa de ser visto como um ser assexuado. A suposta presença de outra mulher junto do pai, faz com que a Inês assista ao “desmornar” da mãe, vê-a chorar, “desfeita” e faz “a ligação” entre os dois acontecimentos. A mãe deixar de estar presente

nos encontros do pai com os filhos é interpretado como um repúdio, não só da mãe (“a presença daquele adulto deixou de interessar”), como de todos eles, porque constituem um “bloco”. Por causa da decepção da mãe, põe em dúvida o amor, a relação afectiva (“se essas coisas existem, o meu pai terá sido o homem da vida dela. Foi a sua paixão”) e como consequência, duvida também da afirmação da mãe ao longo daqueles 13 anos: “o pai gosta muito de vocês”, uma espécie de certificado de garantia que deixou de ser válido e portanto, dá-se a ruptura com o pai. (“depois, não se aguentou”). Depois de a mãe ser forçada a abandonar o seu papel de intermediária, ainda vai mais algumas vezes com o pai, mas “muito contrariada”, em conflito por traír a mãe. Anteriormente, só durante as férias havia estado com o pai, sem o suporte da mãe ou do irmão, algo que a Inês interpreta como uma incapacidade do pai (“ele não aguentava estar com os dois filhos”) mas que pode ter sido o contrário, uma tentativa de estar com cada um deles individualmente. – que ela não aguenta, porque não aguenta a separação.

No caso particular da Inês – que mantém ao longo da vida uma relação com a mãe do tipo fusional, há que considerar como casais parentais (ainda que secundários) os relacionamentos subsequentes da mãe, a qual “reconstruiu...não sei se é isso...digamos que se permitiu uma segunda oportunidade” quando ela tem 20 anos. Este relacionamento “influiu na nossa dinâmica, sim, com certeza...eu vivi com a minha mãe até aos 29 anos”, de uma forma que já não seria de esperar de uma mulher adulta, mas, mais uma vez, é a mãe que mantém as duas relações em pé de igualdade, “desdobrando-se entre as duas casas”, num “esforço enorme”, “para ter a certeza que não faltava”. Com esta relação, torna-se evidente o padrão relacional que vigora nesta família: todos os elementos “estranhos” ao núcleo composto por eles os três, são “apêndices”, nunca são verdadeiramente incluídos, nunca fazem parte da família. O padrasto, desvalorizado – a quem se refere como “o pequeno” - é o intruso e nele são projectadas as partes negadas do *self*, sendo-lhe atribuída a culpa pelos “papéis invertidos” que abalam a estrutura familiar: “senti desagrado quando percebi que as coisas não estavam a resultar e que da parte dele havia uma grande ciúmeira em relação aos filhos, que para mim era completamente absurda”; “vi a minha mãe ficar desconfortável...parece que os papéis estão aqui todos invertidos”. Na realidade, os papéis estão mesmo invertidos, mas é no sentido oposto. O companheiro da mãe é visto de forma funcional, “foi uma coisa...ajudou a minha mãe, trouxe-lhe imensas gargalhadas”. Esta boa disposição infantil e artificial “ela andava sempre com um livrinho a contar anedotas...ia assinalando”, revela que não há um verdadeiro espaço de intimidade entre o casal, porque o que o companheiro lhe dá, ela tem de transmitir aos filhos. São estes, aliás, que decidem sobre o terminar da relação (“quando senti que a minha mãe não estava bem...nós agimos em bloco, portanto fizemos um...[a palavra que me ocorreu foi “plenário”]...tivemos uma conversa os três e decidimos “vens para casa” e a mãe “retornou onde tinha de estar”. Havendo uma impossibilidade de transformar o estranho em familiar, o intruso é expulso e o clã volta a estar unido. Tudo o que é exterior a eles

os três, é desvalorizado (depois da separação, “ele até nem teve um percurso muito feliz....tinha algumas fragilidades, próprias de não ter crescido”

A 3ª relação da mãe é um “amigo colorido”. Depois do “segundo falhanço”, “chegou...já não se mete noutra” e aconselha a Inês; “filha, não te cases, que isto...”, reiterando-lhe que uma relação (“isto”) é uma coisa perigosa, que pode correr mal. Nesta relação, o estranho mantém-se fora, tem um papel ainda mais reduzido e instrumental “cada um tem a sua casa...foi outra coisa que se percebeu perfeitamente, as coisas resultam quando funcionam assim”; “é agradável, é simpático, que bom, se não é, acabou”). A mensagem implícita é que as relações só funcionam se for mantida a distância, se não houver partilha e cada qual “tiver a sua vida” e é este padrão de relação que é interiorizado pela Inês.

Para a Carolina, o pai e a mãe estão perfeitamente individualizados, há uma diferenciação clara entre ambos. Face ao casal parental, o seu posicionamento é de incompreensão (“caso curioso”, “uma coisa de resistência, estranhíssima”), de resistência a perceber que há uma relação entre eles. Os pais estão ligados pelo conflito (“a relação deles foi sempre assim uma coisa agitada”; “viveram às turras”), pela dependência e pela culpa. (“a minha mãe deixou de andar” “o meu pai esteve sempre ali”) Há um casal desavindo cujas relações são agressivas, mas que são inseparáveis. A Carolina não percebia porque, havendo conflito, permaneciam juntos (“as discussões eram sempre entre eles, portanto eu achava que eles tinham que acabar com aquilo”)

Confrontada, no período edipiano, com a vida sexual do pai e com a sua relação adúltera, até determinada altura (adolescência), atribui responsabilidades ao pai por este conflito. Já muito mais tarde, percebe que “o desequilíbrio da minha mãe é que fez com que as coisas tivessem adquirido determinadas proporções” - é este o epicentro do drama familiar, em torno do qual se estruturam as relações.

Depois de repensar a relação do casal, faz um movimento de identificação com o pai, quando este passa de agressor a vítima: “não sei como teve tanta paciência”.

Ela, só estando longe, consegue posicionar-se em relação a eles: “esta tranquilidade, que para mim é absolutamente essencial, tem a ver com o facto de estar longe, eu seria incapaz de voltar para perto dos meus pais; “não aguento muitos dias ali”; “aquilo é tudo demasiado confuso para mim”; “têm as coisas muito à flor da pele”, irritabilidade constante, que faz impressão)

A Sandra posiciona-se em relação a cada um dos dois em separado e não em relação a um casal.

Centrada em si, sabe - por aquilo que as pessoas diziam - que durante a sua infância, havia conflitos, mas não se lembra. Perante os dois “adultos”, que “não percebem nada”, que a castigam injusta ou desproporcionadamente por “falhas de comunicação”, que não a compreendem, que estão “concentrados no seu próprio problema” [a doença e morte da irmã], do qual a excluem (“achavam que eu não sabia o que se estava a passar...que nem sequer era

sensível ao que se estava a passar”) e pelos quais se sente rejeitada (“eu achava que não fazia ali muita falta, no meio daquela história”; “para mim a mensagem que passava é que...quem devia morrer era eu, não era ela...ela é que era a filha querida...a menina como deve de ser...eu estava ali um bocadinho a mais”), responde com agressividade e rejeição reactivas (“não facilitei a vida a ninguém, depois da morte da minha irmã”). No que diz respeito à relação entre o casal, há um padrão que se repete (“ela separa-se de um homem...extremamente violento...descompensado...acaba por casar com outro...que não é uma pessoa violenta...mas que é muito controlador...as coisas têm de ser como ele diz, como ele quer...ele não a agride fisicamente, mas verbalmente aquilo é do piorio”) e que ela faz por evitar.

Quer com o seu pai biológico (“a minha mãe fez aquele disparate...que é do namorado que já é violento...e a pessoa acha que...aquilo depois vai passar...obviamente que não passa”, quer com o padrasto (“ele discutia muito com a minha mãe, eu detestava aquilo”; “a minha mãe a dizer ou estar calada é rigorosamente o mesmo”; “trata-a como uma criança”), a mãe assume um papel subalterno, submisso e irrelevante, numa relação vítima-agressor.

Pelo posicionamento da mãe, o feminino aparece ligado a um papel subalterno, que ela não pode aceitar. (“eu não suportava nem duas frases”; “nunca me imaginei com uma pessoa que mandasse em mim e que dispusesse e que fosse o único exclusivo, o dono do dinheiro da casa”; “cresci um bocado contra isso tudo”).

Quando fala deste pai-padrasto, revela como este é uma figura clivada.– se se refere à relação com ela, chama-lhe frequentemente pai; quando se refere a ele em relação à mãe, chama-lhe padrasto (ex: eu e o meu pai, a minha mãe e o meu padrasto).

Não constitui um casal parental. A mãe não é um modelo identificatório aceitável e a relação com o padrasto tem uma componente edipiana muito forte, que a torna ameaçadora. (“nunca achei que a infância fosse uma fase muito feliz”; “o ambiente era tudo menos alegre” “a partir do momento em que saí de casa, senti-me mais segura”).

Apesar de não constituírem um casal, o padrasto e a avó constituem as suas figuras parentais eleitas, mas ela não é filha de nenhum dos dois e em relação a qualquer um deles, sente-se um encargo. Tal como o padrasto, “que fez a caridade” de ficar com ela, a avó “tinha uma pessoa a cargo que não era filha dela”.

3.1. Discussão / Conclusão

Para a Miriam, o casal formado pelo pai e pela mãe, é o padrão do casal ideal, negado pela realidade. O pai, frequentemente ausente ainda antes da sua morte (“era médico” “estava muito tempo fora”), ao mesmo tempo que se coloca na posição de pai ideal – aquele que “é mais das brincadeiras”, relega a mãe para um papel de fiscalização da execução de tarefas, um papel que é simultaneamente forte e fraco, porque, se é ela que exige o seu cumprimento, a Miriam percebe a

mãe como submissa e apagada perante este pai, que exerce assim a sua autoridade mesmo na ausência, através de uma mediadora que se lhe submete. Com a morte do pai, a mãe reafirma o seu papel de vítima, deixada sozinha no mundo com os três filhos que eram de ambos.

Com as suas relações subseqüentes, a mãe confirma este padrão de relacionamento, assumindo um papel que se é aparentemente protector (é o meu filho), é também “apaziaguador” de qualquer potencial conflito e de “se por a jeito” para a agressão.

Para a Inês, há um par clivado, em que a mãe é a vítima do abandono do pai, mas na verdade é ela que detém as rédeas do poder, é ela a agressora que não permite que o pai desempenhe um papel autónomo junto dos filhos e é ele que se submete a esse papel.

No casal parental “de substituição”, imaginário, o irmão, embora o preferido da mãe, é o sacrificado, o precocemente envelhecido pelo fardo – a agressão – que a mãe lhe coloca em cima dos ombros, a de preencher o lugar do pai, partilhando com ela as responsabilidades de um adulto.

O casal parental formado pelos pais da Carolina tem uma relação que perdura assente na dependência, no conflito e na culpa. É também uma relação vítima-agressor. Se, aos olhos da Carolina, a vítima começou por ser a mãe, preterida pela sexualidade adúltera do pai, a dada altura, com o repensar da relação com cada um deles, o posicionamento em relação ao casal parental também se inverte (“não sei como ele teve tanta paciência) e o pai passa de agressor a vítima. Vítima da manipulação da mãe, do jogo que esta faz com a sua própria dependência, mas também vítima da culpa.

Em qualquer dos casais parentais da Sandra, a mãe é a vítima, e tanto o pai biológico como o padrasto são os agressores. Vítima de violência física ou psicológica, o que varia é a forma e o grau.

Em todos estes casais parentais, podemos ver uma relação vítima-agressor, que é variável segundo os casos, e por vezes, se altera mesmo no âmbito da própria relação.

Este tipo padrão faz-nos pensar no que diz Goldner (1991) acerca dos relacionamentos difíceis ou ambíguos, em que pessoas não conseguem chegar a acordo na definição mútua das suas respectivas posições e há uma luta constante pelo poder que se traduz nos processos comunicacionais pelos quais se expressa a forma como cada um dos intervenientes no sistema relacional deseja que este se vá definindo.

V. CONCLUSÕES

Focando-nos na dinâmica da representação familiar destas mulheres, pudemos entrever os seus percursos de desenvolvimento de uma perspectiva relacional, ou seja, de como a sua identidade foi sendo definida de acordo com as relações de objecto estabelecidas no seio do núcleo familiar.

Nestes quatro casos, tivemos ocasião de verificar como – de acordo com o descrito na literatura – estas mulheres seguiram diferentes percursos que acabaram por conduzir à homossexualidade. Não obstante a diversidade, vemos que as relações com a mãe são pautadas por uma ausência de reconhecimento da filha como sujeito, da sua alteridade, prejudicando o seu sentimento de subjectividade, tal como Benjamin (1988, cit por Burch, 1996), Burch (1996) e Elise (2002, cit por Meissner, 2005) salientaram.

Vimos como a ambiguidade presente nos relacionamentos familiares destas quatro mulheres dificultou o acordo na definição mútua do seu posicionamento na relação com cada um dos pais e em relação ao casal parental. As expectativas recíprocas no seio do sistema familiar, alvo de negociação constante e subliminar, constituíram o núcleo do que foi internalizado, os padrões de relacionamento existentes entre os membros da família.

A partir daqui, embora não se possa inferir ou justificar nem a escolha de objecto homossexual, nem o momento em que ela é feita, pudemos vislumbrar - pela análise de conteúdo global que fizemos a todo o material recolhido - como o padrão relacional que se evidencia na dinâmica familiar de cada uma destas mulheres, tende a perpetuar-se, condicionando as suas escolhas objectais ao longo da vida, de um modo que é consistente com o proposto por Goldner (1991).

Estes padrões relacionais são simbolicamente estruturados em termos do que constitui a masculinidade e a feminilidade e esta polarização adquire significados relacionais que são internalizados. A ambiguidade e as premissas contraditórias presentes nos relacionamentos do núcleo familiar, forçam o sujeito a tentar adequar-se a termos impossíveis, resultando num universo interno clivado.

Limitações e estudos futuros

Tratando-se de um estudo exploratório, as conclusões a que chegámos não são generalizáveis nem pretendem caracterizar “as mulheres homossexuais”. Pretendemos sobretudo pensar sobre esta temática, tendo em conta a abordagem proposta por Drescher (2002), na qual se deve privilegiar a vivência individual, procurando compreender quem é o sujeito ao invés de pressupor que há algo de errado com ele.

Dado o âmbito em que se desenrolou este trabalho, não pudemos aprofundar aquele que, para nós, seria o passo subsequente: Gostaríamos de expor com mais detalhe, em cada uma das narrativas de vida, o modo como a dinâmica familiar influenciou a representação de si na relação e as escolhas objectais que estas mulheres fizeram ao longo da vida, destacando, consoante o proposto por Young-Bruehl (2001), as características ao nível da bissexualidade psíquica dos objectos que - quer ao nível da realidade, quer ao nível da fantasia – tenham sido determinantes nesse processo.

Outra vertente interessante de explorar seria a de ver como as expectativas ligadas ao género, que ditam como deve ser um homem ou uma mulher, como os casais se relacionam e como pais e filhos se devem comportar, ao serem internalizadas e encenadas como parte da cena familiar, influenciaram a construção da identidade de género. Se nestas quatro mulheres, não existe conflito ao nível da identidade de género nuclear, o mesmo não se pode dizer relativamente aos papéis de género, já que, para terem podido alcançar um “sentido positivo de ser mulher” (Elise, 1997), os papéis de género tradicionais foram rejeitados, sujeitos a uma reinvenção /recriação do que significa ser-se mulher, ou a uma expansão dos papéis de género, como proposto por Burch (1993) e Elise (1998).

Sem qualquer pretensão de teorizar acerca da homossexualidade feminina, gostaríamos de estender este estudo a um maior número de mulheres homossexuais, tendo sempre em mente, de acordo com Harris (1991), que a homossexualidade não deve ser encarada como parte do problema, mas sim como parte da resolução.

Por último, e de acordo com a perspectiva de Chodorow (1992), pensamos não ser possível compreender a homossexualidade sem compreender a heterossexualidade, pelo que gostaríamos de replicar este estudo com mulheres heterossexuais.

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, L. & Freire, T. (1997). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Coimbra: APPORT
- Aron, L. (1995). The Internalized Primal Scene. *Psychoanalytic Dialogues*, 5(2), 195-237.
- Auchincloss, E. L., & Vaughan, S. C. (2001). Psychoanalysis and Homosexuality: Do We Need a New Theory?. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 49(4), 1157-1186.
- Bassin, D. (1996). Beyond The He And The She: Toward The Reconciliation Of Masculinity And Femininity In The Postoedipal Female Mind. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 44S157-190
- Benjamin, J. (1996). In Defense of Gender Ambiguity. *Gender and Psychoanalysis*, 1(1), 27-43.
- Burch, B. (1993). Gender Identities, Lesbianism, and Potential Space. *Psychoanalytic Psychology*, 10(3), 359-375.
- Burch, B. (1993b). Heterosexuality, Bisexuality, and Lesbianism Rethinking Psychoanalytic Views of Women's Sexual Object Choice. *Psychoanalytic Review*, 80(1), 83-99.
- Burch, B. (1996). Between Women: The Mother–Daughter Romance and Homoerotic Transference in Psychotherapy. *Psychoanalytic Psychology*, 13(4), 475-494.
- Burch, B. (1998). Lesbian Sexuality/Female Sexuality: Searching for Sexual Subjectivity. *Psychoanalytic Review*, 85(3), 349-372.
- Butler, J. (1995). Melancholy Gender—Refused Identification. *Psychoanalytic Dialogues*, 5(2), 165-180.
- Candeias, C. (2011). *Homossexualidade masculina: uma ou várias?*. Dissertação de mestrado não publicada, ISPA-IU, Lisboa, Portugal
- Chodorow, N. J. (1992). Heterosexuality as a Compromise Formation: Reflections on the Psychoanalytic Theory of Sexual Development. *Psychoanalysis & Contemporary Thought*, 15(3), 267-305
- De Ketele, J.M. & Rogeriers, X. (Eds.). (1993) *Metodologia da Recolha de Dados*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Dimen, M. (1991). Deconstructing Difference: Gender, Splitting, and Transitional Space. *Psychoanalytic Dialogues*, 1(3), 335-352.
- Downey, J. I., & Friedman, R. C. (1998). Female Homosexuality: Classical Psychoanalytic Theory Reconsidered. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 46(2), 471-506.
- Drescher, J. (2002). Causes and because: On etiological theories of homosexuality. *Annual of Psychoanalysis*, 3057 – 68.
- Elise, D. (1997). Primary Femininity, Bisexuality, And The Female Ego Ideal: A Re-Examination Of Female Developmental Theory. *Psychoanalytic Quarterly*, 66489-517.

- Elise, D. (1998). Gender Repertoire: Body, Mind, and Bisexuality. *Psychoanalytic Dialogues*, 8(3), 353-371.
- Fast, I. (1990). Aspects of Early Gender Development: Toward a Reformulation. *Psychoanalytic Psychology*, 7S(Supplement), 105-117.
- Fast, I. (1999). Aspects of Core Gender Identity. *Psychoanalytic Dialogues*, 9(5), 633-661.
- Fischer, R. S. (2002). Lesbianism: Some Developmental and Psychodynamic Considerations. *Psychoanalytic Inquiry*, 22(2), 278-295.
- Flax, J. (1996). Taking Multiplicity Seriously: Some Implications For Psychoanalytic Theorizing And Practice. *Contemporary Psychoanalysis*, 32, 577-593.
- Freud, S. (1905). Three Essays on the Theory of Sexuality (1905). *Standard Edition (Freuds)*, 7 Retrieved from PEP Archive database.
- Freud, S. (1920). The Psychogenesis of a Case of Homosexuality in a Woman. *Standard Edition (Freuds)*, 18 Retrieved from PEP Archive database.
- Freud, S. S. (1932). Female sexuality. *The International Journal of Psychoanalysis*, 13, 281-297.
- Goldner, V. (1991). Toward a Critical Relational Theory of Gender. *Psychoanalytic Dialogues*, 1(3), 249-272.
- Goldner, V. (2003). Ironic Gender/Authentic Sex. *Studies in Gender & Sexuality*, 4(2), 113-139.
- Grossman, G. (2001). Contemporary Views of Bisexuality in Clinical Work. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 49(4), 1361-1377.
- Hansell, J. H. (1998). Gender Anxiety, Gender Melancholia, Gender Perversion. *Psychoanalytic Dialogues*, 8(3), 337-351.
- Harris, A. (1991). Gender as Contradiction. *Psychoanalytic Dialogues*, 1(2), 197-224.
- Harris, A. (2005). Gender in Linear and Nonlinear History. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 53(4), 1079-1095.
- Hollway, W. & Jefferson, T. (2000). Narrative, discourse and the unconscious: a case study of Tommy. In M. Andrews et al. (Eds.), *Lines of narrative: psychosocial perspectives* (pp. 136 – 148). London: Routledge.
- Hollway, W. (2004). An appropriate research paradigm for evaluating psychoanalytically-informed practices. *International Journal of Infant Observation and Its Applications*, 7 (2-3), 26-42.
- Hollway, W. (2009). Applying the “experience – near” principle to research: psychoanalytically informed methods. *Journal of Social Work Practice*, 23 (4), 461 – 474.
- Jacobo, M. C. (2001). Revolutions in Psychoanalytic Theory of Lesbian Development: Dora to Dykes and Back Again. *Psychoanalytic Psychology*, 18(4), 667-683.
- Kirkpatrick, M. (1990). Thoughts about the Origins of Femininity. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, 18(4), 554-565.

- Kirkpatrick, M. (2002). Clinical Notes on the Diversity in Lesbian Lives. *Psychoanalytic Inquiry*, 22(2), 196-208.
- Kvale, S. (1996). *Interviews – An Introduction to Qualitative Research Interview*. U.S.A.: Sage Publications, Inc.
- Maroy, C. (1995), A análise qualitativa de entrevistas, In L. Albarello, F. Digneffe, J.P. Hiernaux, C. Maroy, D. Ruquoy, P. Saint-Georges (Eds.) *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais* (2ª ed., 2005) (pp.117-155). Lisboa: Gradiva.
- Meissner, W. W. (2005). Gender Identity and the Self: II. Femininity, Homosexuality, and the Theory of the Self. *Psychoanalytic Review*, 92(1), 29-66.
- Pedinnielli, J. & Rouan, G. (2005). A entrevista de pesquisa. In C. Cyssau (Ed.), *A Entrevista em clínica* (pp. 106-111). Lisboa: Climepsi Editores
- Person, E. (1983). Homosexualities: A Study of Diversity Among Men and Women. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 31, 306-315.
- Person, E. (2005). A New Look at Core Gender and Gender Role Identity in Women. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 53(4), 1045-1058.
- Person, E. S., & Ovesey, L. (1983). Psychoanalytic Theories of Gender Identity. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, 11(2), 203-226.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais* (4ª ed.). Lisboa: Gradiva (Obra original publicada em 1995)
- Reed, K. (2002). Listening to Themes in a Review of Psychoanalytic Literature About Lesbianism. *Psychoanalytic Inquiry*, 22(2), 229-258.
- Ribeiro, J. (2007). *Metodologia de Investigação em Psicologia da Saúde*. Porto: Legis.
- Roughton, R. E. (2002). Rethinking Homosexuality: What it Teaches us about Psychoanalysis. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 50(3), 733-763.
- Ruquoy, D. (1995). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In L. Albarello, F. Digneffe, J.P. Hiernaux, C. Maroy, D. Ruquoy, P. Saint-Georges (Eds.) *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais* (2ª ed., 2005) (pp.84-116). Lisboa: Gradiva.
- Sweetnam, A. (1996). The Changing Contexts of Gender: Between Fixed and Fluid Experience. *Psychoanalytic Dialogues*, 6(4), 437-459.
- Vala, J. (1999). A análise de conteúdo. In A. Silva. & J. Silva. (Orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 101 – 128). Lisboa: Edições Afrontamento.
- Young-Bruehl, E. (2000). Beyond “The Female Homosexual?”. *Studies in Gender & Sexuality*, 1(1), 97-124
- Young-Bruehl, E. (2001). Are Human Beings “By Nature” Bisexual?. *Studies in Gender & Sexuality*, 2(3), 179-213.

ANEXOS

ANEXO I – GUIÃO DA ENTREVISTA E JUSTIFICAÇÃO DAS PERGUNTAS

1. Gostava que me falasse um pouco de si...Como é que é como pessoa?

Esta pergunta introdutória pretende que o sujeito se descreva de forma aberta, de modo a poder destacar como se define em diversas áreas (descrição psicológica, onde estuda, o que faz, relação com os outros, etc.), permitindo perceber que relevo confere a estes diferentes aspectos na representação de si e na relação com os outros.

2. Como recorda a sua vida?

A pergunta permite que o sujeito destaque os marcos mais importantes da sua vida, construindo a sua própria narrativa de vida, estruturada em torno desses eventos marcantes.

3. Como é a sua família?

Esta questão serve para o entrevistador ter acesso ao meio familiar do sujeito. Ao descrever a família, o sujeito pode fazê-lo de uma forma unicamente objectiva ou, por outro lado, descrever a dinâmica que existe entre ele e alguns familiares, destacando ou não aqueles que lhe são mais próximos ou importantes. Permite situar o sujeito na sua matriz familiar, as suas identificações e o ambiente afectivo.

4. Fale-me dos seus pais...

- a) Como é a sua relação com eles?
- b) Como vê a relação entre os seus pais?
- c) Como é cada um deles?

Estas questões permitem aceder ao casal parental, às imagos materna e paterna, ao masculino e ao feminino e a como o sujeito se posiciona na relação com os pais e face a cada um deles.

5. Quando é que se apercebeu da sua orientação sexual?

6. Qual é a posição dos seus pais face à sua orientação sexual...?

7. Contou que era homossexual? Porque é que contou/não contou?

Estas questões abordam de forma directa a orientação sexual do sujeito e como se processou essa descoberta, o impacto que esta teve para o sujeito e para os que lhe são próximos em termos de aceitação, de visibilidade ou secretismo, homofobia manifesta ou subliminar, mais ou menos internalizada que possa causar sofrimento psicológico ao sujeito e dificuldades de integração ao nível do ego.

8. Olhe, e como era em criança?

9. Lembra-se de algum episódio que tenha marcado mais a sua infância?

Estas questões pretendem que o sujeito recue até à sua infância, permitindo ao entrevistador perceber qual a tonalidade afectiva deste período. Possibilita que o sujeito fale acerca de aspectos que a marcaram, episódios ou sentimentos, acedendo à relação com os pares, à representação dos papéis de género nas brincadeiras infantis (preferidas ou recusadas), às identificações masculinas/femininas, alguns aspectos determinantes na construção da identidade de género neste período.

10. Qual é que acha que foi o período mais feliz e o menos feliz da sua vida?

Esta pergunta remete para conflitos e dificuldades no percurso de vida do sujeito e para a sua eventual resolução. Pretende-se perceber se estes períodos estão relacionados com momentos de crise face à identidade de género e/ou à orientação sexual.

11. E em relação à adolescência...foi um período difícil?

12. E quando o corpo começou a mudar...como é que foi para si essa experiência?

13. Apaixonou-se, na adolescência?

14. E o seu primeiro relacionamento amoroso, foi com quem, com que idade...?

Estas questões remetem para as transformações físicas e emocionais típicas do período da adolescência. Pretende-se perceber essencialmente como foi vivido o aparecimento de caracteres sexuais secundários no corpo, assim como a existência ou não de conflitos ligados às identificações com os pares e escolha de objecto sexual.

15. Fale-me um pouco dos seus relacionamentos mais significativos.

Com esta questão, pretende-se aceder ao modo como são estabelecidas as relações de objecto do sujeito, ao longo da vida e perceber quais as características do objecto que são determinantes para a sua escolha.

16. Há alguns homossexuais que falam num sentimento de isolamento...já alguma vez sentiu isso, em relação a um período da sua vida?

Esta questão remete sobretudo para a existência ou não de um suporte social e emocional durante o período em que os sujeitos se apercebem da sua orientação sexual. Permite-nos perceber se os sujeitos foram vítimas de homofobia externa ou mesmo interna e até que ponto a mesma teve consequências na construção da identidade.

17. No contexto deste trabalho que estamos a fazer, é importante nós percebermos como é que as pessoas se situam em relação aos homens, às mulheres, ao masculino, ao

feminino...portanto, nesse sentido, o que é que acha dos homens...e o que é que acha das mulheres?

Esta pergunta pretende debruçar-se sobre a forma como os sujeitos percebem e como se posicionam face ao masculino e ao feminino.

18. Obrigada por ter colaborado. Gostaria de dizer alguma coisa que eu não tivesse dito, para eu perceber melhor o seu percurso?

Esta questão confere ao sujeito a possibilidade de manifestar, caso queira, opiniões, comentários, ou acrescentar dados que considere relevantes para a análise da sua história de vida.

19. Para terminar, houve alguma pergunta que não tivesse gostado de responder?

Esta pergunta pretende salientar conflitos que não tenham ficado patentes nas respostas do sujeito, assim como revelar aspectos da relação estabelecida com o entrevistador.

ANEXO II – EXCERTOS DAS ENTREVISTAS

Miriam

[...]

E.: Como é que recordas a tua vida, como é que foi a tua vida?

Miriam: Eh...boa. Foi...algo atribulada, não é? Alguns momentos complicados...**o meu pai morreu quando eu tinha 11 anos**...eu tive uma filha com 16, engravidei com 16...mas [...] tudo o que eu penso que faz parte da vida, de uma maneira ou de outra, uns com uma história assim, outros com outra...mas...**como tenho sobrevivido mais ou menos a esses acontecimentos, acho que também fiquei com algum cabedal para a vida, e para...e capacidade de me sentir bem, e de fazer por estar bem, e por...talvez por já ter passado por coisas realmente...chatas...tento não me chatear no dia-a-dia com coisas insignificantes e estúpidas** [...] e estar bem. [...] e rodear-me de pessoas que também estejam...estejam bem, de preferência [...] o top agora das minhas amizades é...pessoas felizes, ah, bem de saúde também, já agora tudo...e com dinheiro [...]

E.: Olha, e da tua família? O que é que...tu contas da tua família?

Miriam: [...] é porreira. **Tenho uma mãe bastante porreira, com quem já tive desentendimentos na adolescência, muitos, que eu era um bocado irrequieta, um bocado endiabrada e não estudava** [...] mas agora é uma relação muito porreira...agora e já há muitos anos [...] eu gostava muito do meu avô e destes avós [...] que eram os pais do meu pai, o meu avô, que **apesar de ser militar e católico** [...] era um gajo muito inteligente e muito aberto e muito...era a quem eu pedia conselhos e era uma pessoa que eu gostava imenso e que era fora de [...] à frente do seu tempo.

E.: Humhum, e olha, pronto, o teu pai morreu quando tu tinhas 11 anos, mas... recordas ..o teu relacionamento com ele...como é que era a tua relação familiar...?

Miriam: **Era porreira**, mas [...] **as minhas recordações são só até aos 11 anos**, ou seja ainda não...apanhei idade para ter **opinião formada**, no sentido de um adulto que tem opinião sobre os seus pais, ou sobre a personalidade dos seus pais, **é mais recordações das brincadeiras e das coisas e...de pequenas coisas...e depois o meu pai adoeceu com um cancro e eu vivi com ele até ele morrer** [...] eu acompanhei também - sem ter a noção, não é - e, ou seja a não querer admitir isso, não é, porque acho que é muito complicado, [...] nessa idade [...] Portanto, tenho recordações também quando ele estava doente e...tenho as de...de brincadeiras e de coisas e de...

E.: Portanto, tens recordações boas até à altura em que ele adoeceu e...depois tens recordações...

Miriam: [...] mesmo quando ele adoeceu, nós estivemos na Madeira, um mês ou dois meses de férias numa casa, na casa dos meus tios e com os meus avós e a família toda, e também para a idade que eu tinha também foi uma escolha marcante de férias [...] não só daquela coisa de o meu pai estar doente, porque estávamos todos juntos [...] tenho boas recordações. **Brincadeiras, principalmente**, e de brincarmos, e de [...] eu **andar sempre atrás dele** para arranjar os fios e as tomadas e aquelas coisas...era giro...tenho boas recordações...de ele me dar vinte e cinco tostões para eu lhe coçar as costas, coisas assim.

E.: Com a tua mãe já disseste que tiveste alturas mais conturbadas na adolescência...

Miriam: [...] a minha mãe era muito introvertida [...] que praticamente não falava, eu pouco me lembro da minha mãe falar até o meu pai morrer, e depois do meu pai morrer, a minha mãe teve que começar a falar, não é, ficou com 3 filhos, o Paulo tinha 3 anos, eu tinha 11 e a Rute tinha 12. Eh pá e então fez assim num grande percurso de [...] crescer, pronto, tinha 34 anos, também, fogo, era, foi numa idade, era muito nova, pronto, e portanto também aprendeu muito a falar [...] foi um grande esforço, foi uma pessoa que é uma lutadora e que, que, percebes, que é muito disciplinada, que é muito rigorosa, exigente com ela própria, muito [...] e portanto é uma pessoa porreira, por isso, porque venceu uma série de obstáculos e...e também está bem...é uma stressada [...] é hiperactiva, [...] e agora que está reformada, percebes, ainda ‘tá...mas tem a vida dela, e casou-se há uns anos e é porreiro, ‘tá porreira, é uma porreira.

E.: Então...da tua infância recordas...mais o teu relacionamento...digamos que seria mais próximo com o teu pai, era mais próximo com o teu pai?

Miriam: [...] não...era com os dois. Quer dizer, a mãe era mais a coisa das tarefas, [...] porque o meu pai também era médico, não é, portanto, estava muito fora, portanto as coisas de...mas depois os fins de semana, as praias, as férias, essas coisas era tudo juntos, tudo juntos, e isso era [...] curtir, sim, mas o meu pai era mais das brincadeiras do que a minha mãe, não é...a minha mãe lia histórias, por exemplo, a minha (ir)mãe [lapso] e a minha tia, são muito diferentes e a minha mãe começava a ler uma história e acho que nós dizíamos - isto conta a minha mãe, não é sequer uma coisa que tenha recordação - [...] “**não, conta como conta a...não é assim, conta como conta a tia**”. Porque a minha tia tinha uma graça a contar as histórias [...] e a minha mãe lia assim aquilo ali como está o texto [...] pronto, a minha mãe era uma pessoa mais...o meu pai era uma pessoa mais calorosa, e a minha mãe era uma pessoa...era muito, muito muito introvertida, a minha mãe praticamente não

abria a boca, não sei, veres a minha mãe como ela é hoje é uma coisa...ninguém diria que...pá, pronto, e isto são percursos interessantes na vida das pessoas.

E.: Olha e... pronto, quando o teu pai morreu isso foi obviamente uma coisa que...te abalou a ti e abalou a família toda, não é, como é evidente...como é que recordas...esses tempos?

Miriam: Ah, **foram péssimos**. Na altura do meu pai morrer? **Foi muito mau. A altura que ele morreu e tudo o que mudou depois de ele morrer [...]**

E.: Como é que foi?

Miriam: Olha **uma coisa que mudou [...]** foi o Natal, não é, **já não houve Natal nesse ano e o Natal passou, pronto, perdeu, e...e se calhar eu com a idade que tinha até ia ter mais natais...depois quando a Sílvia nasceu voltou a haver um bocado o coiso do Natal**, porque o Natal é mais para os putos, realmente, mas [...] **eu lembro-me nesse ano, de o Natal ter sido péssimo**, e de...pronto e de tudo, não é, e de ter sido, oh pá porque é **muito...uma altura, uma altura muito má, não é...para toda a gente, em qualquer altura**. [...] todas as pessoas que perderam alguém [...] assim próximo, não precisa de ser o pai ou a mãe mas [...] o que eu digo é que é difícil de quantificar essas coisas, não é, **quem perde um pai ou uma mãe mais tarde, quer dizer, nada me diz que é menos afectado do que eu que perdi o meu pai com 11 [...]** claro, que quando és mais nova, eventualmente as coisas são mais...pá não sei [...]. Não te sei bem dizer. Porque acho que **são coisas que na verdade nós não ultrapassamos nunca, porque ficam, aprendemos é a viver com aquilo [...]**

E.: Eu não estou a tentar quantificar nada, estou a pensar como é que...foi para ti, não é?

Miriam: Pois, mas é só para dizer que eu não tenho muito [...] aquela coisa de...de ser mais...de ter tido...até porque acho...que isso eventualmente me pode ter dado, ou **me deu, certamente, com toda a certeza, uma capacidade, um cabedal que as outras pessoas não têm. O que eu acho um bocado, é que quem sobrevive a estas merdas, fica com mais...só que depois quando são muitas merdas para sobreviver, um gajo às vezes “crasha”**.

E.: Portanto, ficaste com a tua irmã, com o teu irmão pequeno e com a tua mãe...ficaram os 4...

Miriam: [...] **e depois a minha mãe...arranjou mais um emprego, para não perdermos o nível de vida que tínhamos, portanto, trabalhava, trabalhava, trabalhava [...]** e depois nós éramos jovens, adolescentes, **eu fazia bastante asneira, na escola, não estudava [...]** mas passou-se tudo, **o meu irmão é aquele brilhante aluno, é médico...cada um...a minha irmã é muito mais introvertida que eu, e tem muito mais, teve muito mais dificuldades de ultrapassar as questões com a morte do meu pai, ainda hoje está a resolver coisas e a falar**

de coisas como se fosse um...coisas que ela...que eu acho que ela já devia saber há muito tempo, como se fossem descobertas, porque ela a seguir ao meu pai morrer e mesmo no coiso, nunca quis falar sobre isso, nunca...não falava, não queria falar, não queria falar, então foi...eu penso que isso dificultou, não é, mas...e o Paulo era muito pequenino, o Paulo hoje não se lembra, não tem qualquer recordação do pai. E depois a minha mãe voltou a casar, com o Francisco, esteve 12 anos casada.

E.: Quanto tempo depois?

Miriam: Uns anos depois, não te sei dizer ao certo.

E.: E vocês, como é que encararam?

Miriam: Bem...

E.: E davam-se bem?

Miriam: Sim...sim. Eles depois é que se separaram e tiveram uma separação muito... muito...ele foi para Hong-Kong [...] e depois a minha mãe foi para Hong-Kong e depois aquilo deu muito mal lá e [...] por causa disso também eu fui parar a Hong-Kong. E...mas pronto, mas...tudo...eu entretanto também já tinha...pois, eu uns anos depois comprei a minha casa e depois também saí de casa, tive o meu espaço com a Sílvia [...]

E.: Então e...como é que tu descreves a tua relação com a tua mãe? Nessa altura e agora?

Miriam: [...] era porreira porque [...] nós éramos muito próximas [...] sempre fomos muito próximas, mesmo quando havia desatinos, os desatinos eram por causa dos estudos e por causa das coisas...e porque...eh pá e porque eu tinha a idade que tinha e porque tive a Sílvia, pá, pronto, por todo o meu percurso [...] ainda por cima eu era, eu tive a Sílvia, houve uma altura em que eu era filha e mãe na mesma casa, que é complicado, não é, não foi muito tempo, porque ela também estava em Moçambique com o Francisco, eu também estava na Lapa, mas ela não vivia lá, mas vivia a minha irmã e depois estive lá a minha tia [...]

E.: Portanto, tiveste um...a tua família funcionou um bocado como...com um suporte mais alargado? Como não estava a tua mãe, tinham os tios, os teus avós, eventualmente...?

Miriam: Hum, não, quer dizer...não, quando... quando eu fiquei com a Sílvia cá...eu era muito...nova e pronto e fiquei um bocado...ficou a minha irmã a tomar conta de mim, o que foi péssimo, não é, para a nossa relação.

[...]

E.: Olha, e com o teu pai, como é que...como é que era a tua relação com ele?

Miriam: Era...era boa [...] é assim, **a perspectiva que eu tenho da minha mãe é muito diferente da minha relação com o meu...com o meu pai foi só durante a infância, portanto as minhas recordações da infância [...]são as melhores, são de uns tempos ótimos, são dos tempos em que eu era criança [...] eu tenho pena de não ter chegado a ter opinião formada sobre o meu pai,** tenho muita pena, até porque ele morreu naquela altura, depois tu sabes com a tendência que há para endeusar quem morre e não sei quê, está bem, acho que sim, acho que tinha, acho que sei que o meu pai era uma pessoa eventualmente um bocado fora de [...] um bocado excepcional, era uma pessoa muito aberta, era uma pessoa...que as pessoas gostavam muito e portanto as pessoas falam, mas também há uma grande tendência para se falar das pessoas que morreram com...pronto, com...de forma diferente, um bocado a endeusar a coisa. E portanto, é-me... é muito diferente quando te falo de...da minha mãe e do meu pai, porque eu não tenho essa parte do meu pai, percebes, não, não tenho.

E.: E lembras-te de como era a relação entre eles?

Miriam: **Era ótima,** era...como é que era a relação entre os meus pais?

E.: Sim.

Miriam: **Era porreira... Pá, os tempos de infância e não sei quê foram tempos muito...as férias sempre juntos [...]** e sempre houve piqueniques na família, e coisas [...] estarmos muitos e juntos [...] e **os meus pais davam-se muito bem,** quer dizer, **não tenho qualquer recordação de...algum problema, sei lá, nem...nem de discussões entre eles, nunca, não tenho qualquer recordação de uma coisa dessas [...]**

E.: Na altura da doença deve ter sido uma altura difícil para vocês todos...

Miriam: [...] foi uma coisa também muito rápida, o meu pai não viveu muito tempo [...] o meu pai teve um cancro [...] foi para...o estrangeiro para ser operado [...] foi em Julho, porque apanhou o meu aniversário, mas não havia bem...com aquela idade tu não tens bem a noção do que é que está a acontecer, não é, não sabes bem, não é, é claro que sabes que há alguma coisa de estranho, eles abriram e fecharam [...] não havia nada naquela altura a fazer [...]e pronto e... depois nós fomos para a Madeira...e depois viemos da Madeira e em Novembro o meu pai morreu. [...] nós nessa noite, o meu pai morreu nessa noite e nós saímos, fomos para casa do meu tio, perto da Graça [...] porque os médicos disseram que o meu pai ia morrer e...a minha mãe achou que...**nós não fomos ao funeral, por exemplo, que é uma coisa que eu e a minha irmã temos muita pena de não ter ido,** ah, mas é aquelas decisões na altura que...pronto, a minha mãe fez [...] aquilo que achou que era melhor...

E.: Sentem o quê, que não se despediram dele?

Miriam: Pois, porque [...] **teria sido importante...eu acho. E a minha irmã tem a mesma sensação** [...] de qualquer maneira, **não deixa de ser uma coisa ali de constatação de...da coisa, que é importante, que... um bocado como se não te despedisses, ou como se não tivesses tu tempo para** te...também não tinhas nem a consciência, portanto também é um bocadinho [...] há uma coisa de...de **não consegues admitir que aquilo que está a acontecer**, eu no outro dia a seguir vi o meu tio [...] de Londres [...] o irmão mais velho do meu pai [...] ele só podia lá estar porque o meu pai tinha morrido mesmo, não é, eu quando o vi perguntei se o meu pai estava melhor, o meu tio nem sabia o que é que me havia de dizer, e estávamos a ir para a Graça, estava lá a família toda, a minha mãe, tudo à nossa espera, para nos darem a notícia, e **eu fui no caminho, fui-me meter em lojas e depois, já não sei, fui comprar umas coisas, andei ali a inventar** porque...mas não é uma coisa completamente, pronto, consciente, não é, pronto, não sei se é por causa da idade...deve ser, não sei.
[...]

E.: Como é que vocês se organizaram na altura, em termos familiares, como é que...

Miriam: Quer dizer, estávamos com a avó, a avó Isabel era viúva [...] E depois havia os avós, pais do meu pai, **mas os meus avós, pá, perderam um filho, com 37 anos, o que para eles foi avassalador** [...] é que realmente, **apesar de tudo, perder os pais é a ordem natural das coisas, perder um filho...é...deve ser muito, muito complicado** e...eh pá e os gajos, claro...ficaram... ficaram muito coiso, e portanto, e como eles eram católicos havia missa todos os meses, todos os dias 23, sempre, durante anos, e eu ainda fui assim a algumas [...] eu ia à missa com eles para lhes fazer companhia de vez em quando, quando me apetecia [...] no início...ia porque era a missa por alma do meu pai, mas depois **aquilo começou a ser um bocado demais e...e não dava, houve ali uma altura que não dava, não tinha nem muita vontade de estar pé dos meus avós**, porque era muito...oh pá, claro...

E.: Era muito pesado?

Miriam: [...] **era muito pesado porque era muito pesado para eles também, não é, porque foi muito difícil para eles**. O meu avô, morreu também com noventa e [...]era uma coisa que ele às vezes falava, e chorava sempre, sempre. **E dizia sempre que não era natural** e pá, pronto, foi uma grande...foi uma coisa muito...muito má que aconteceu [...]

E.: [...] portanto, a tua mãe depois dizes que voltou a casar, como é que...foi, como é que vocês encararam outro homem a viver com vocês?

Miriam: [...] **foi porreiro, o Francisco era um gajo porreiro**, maluco e não sei quê...depois **a minha mãe também foi para Moçambique e esteve em Moçambique com o meu irmão**.

E.: Que idade é que vocês tinham mais ou menos na altura, que tu tinhas?

Miriam: **Eu tinha 16, porque foi ali perto da altura que eu tive a Sílvia**. [...] foi mesmo...porque os amigos gozavam que eles casaram à pressa para não serem avós solteiros...portanto...foi ali naquela altura [...] portanto tinha eu tinha 16...eu tinha 11, foi 5 anos...depois de o meu pai morrer que a minha mãe casou, 5 ou 6 anos...não, 5.

[...]

E.: Olha, como é que foi, como é que reagiu a tua mãe, como é que reagiram...?

[...]

Miriam: Muito bem, deram-me todo o apoio. [...] o meu avô disse mesmo [...] “filha, **a vida é um bem precioso [...] só a morte é que não tem solução**”; e isto é um cliché do caraças, mas isto era realmente o que ele pensava e o que ele acreditava [...] **o maior carinho, estás a ver, primeira...primeira bisneta, primeira neta, primeira tudo, que a Sílvia depois acabou por...o resultado é que foi...a primeira menina da coisa [...]...sou privilegiada** [...] sempre tive um apoio muito porreiro da família.

[...]

E.: Olha, e...portanto dizes que foi...difícil encarar que estavas grávida e depois a partir do nascimento dela, como é que achas que foi evoluindo a tua relação com a tua filha?

Miriam: Depois correu tudo bem. [...] eu sou muito maternalista [...] **caio um bocado na coisa de tratar dos outros** [...] e **caio nisto com muita facilidade nos meus relacionamentos** [...] e ter um filho é uma [...] **compensação afectiva** muito grande, é uma coisa de afectividade... fortíssima, não é...e boa, [...] é uma gaja porreira, uma gaja querida [...] sempre foi, **os bisavós gostavam muito dela**, ela...apanhou os bisavós dela muito velhotes, nomeadamente esta avó e ela **tratava** desta avó, desta bisavó dela...e era assim...e era uma miúda assim...carinhosa. [...] os avós...a família...sempre deu [...] um grande apoio [...] mais uma vez...é capaz de ter sido uma altura complicada para a minha irmã também, mas isto porque a minha irmã tem muita dificuldade em resolver...muitas questões, já te falei...do meu pai...portanto, tudo o que seja assim questões mais complicadas, ela fica sempre meia a bater mal com ...isso [...]

E.: Foi difícil para ela encarar o nascimento da Sílvia?

Miriam: Talvez, talvez tenha sido ali uma altura difícil. Mas a minha **mãe...irmã** também de vez em quando faz uns uns...**a minha irmã fala das coisas como se [...] fala das coisas do meu**

pai como se tivesse sido agora, faz umas de vez em quando...como ela é assim meia mística, de vez em quando entra assim numas coisas de ir procurar noutras vidas anteriores a explicação do que...e porque...e perguntar à minha mãe se...perguntar à minha mãe se tinha...se nasceu com o cordão umbilical à volta do pescoço e se...não sei quê.

2ª entrevista

[...]

E.: Olha, em relação àquilo que falaste, da infância, tu disseste que a morte do teu pai te deu um cabedal que...de sobrevivência, foi isso mais ou menos que tu disseste, o que é que achas que te deu exactamente, para que é que achas que te tem servido?

Miriam: [...] acho que **todas as pessoas que passam por coisas difíceis e complicadas, se não mararem, se sobreviverem, ganham uma resistência e um...conhecimento [...] quando consegues sobreviver**, estou a falar no bom sentido, nalgum sentido saudável que isso possa ter, acho que [...] ganham **uma capacidade de compreensão de uma série de coisas [...] de relativizar as coisas [...] não dar tanta importância a coisas que não têm importância**

[...]

E.: [...] noutros momentos que possam ter sido difíceis, portanto tu ficaste cá com a tua filha pequenina e com a tua irmã, que a tua mãe foi para Moçambique...como é que tu sentiste isso?

Miriam: [...] era complicado porque **eu já era mãe quando ela foi**, não é...portanto, por um lado foi bom, ela ir, não é...pronto **não foi**, porque **ela mesmo à distância estava a tentar controlar e acabou por deixar a minha irmã um bocado a tomar conta, porque era mais velha e isso foi mau para a nossa relação...**

E.: Foi mau, como?

Miriam: Pá, **deixares uma irmã a tomar conta de outra...é chato, não é esse o papel dela, não é...não é suposto ela fazer isso.**

[...]

E.: Mas ela assumiu bem...assumi o papel...?

Miriam: Não, claro que não, o quê, com 17 anos? **uma pessoa com 17 anos a tomar conta da irmã que tem 16...é um disparate, não é?** [...] mas isso tem a ver com [...] **as coisas também da minha mãe, a maneira dela lidar com algumas coisas**, mas pronto, mas foi o que foi, não...**por um lado foi bom [...] porque depois quando a minha mãe voltou, foi impossível**

vivermos juntas [...] aliás, **era impossível vivermos juntas na mesma casa, claro, ser mãe e filha na mesma casa é muito complicado [...]**

E.: Mas tu achas que isso acabou mesmo por estragar a tua relação com a tua irmã?

Miriam: Não [...] Não foi isso que estragou. A minha irmã é muito diferente de mim. Aliás, a minha relação com a minha irmã nem é uma coisa que esteja estragada [...] pronto, a minha irmã é meia mística e coiso [...] é muito burrinha, [...] muito limitada em muita coisa, porque eu hoje em dia tenho uma relação perfeitamente...tenho sempre de me encher de alguma paciência para falar com ela, e enfim, ter uma certa...mas pronto...agora claro que **não foi nada positivo a minha mãe deixá-la com um peso desses, que para ela também foi um grande peso e uma coisa que ela não...não queria ter em cima, e que foi difícil.**

E.: Para ela foi mau, também?

Miriam: **Eventualmente até foi pior até foi para ela, não é?** [...] **ainda por cima nós temos a mesma idade, não é, quer dizer, o que é 14 meses de diferença [...]** não é muita diferença...e eu já era mãe e aquilo só agudizou aquelas tricas ou aquelas coisas que a gente pudesse já ter naturalmente naquela idade [...] era chato e era também uma tentativa da minha mãe que foi para Moçambique, **bazou, não sei quê, mas deixou as coisas... quis à mesma ter alguém para controlar, portanto fez a minha irmã ter um papel...pá, muito mau,** eu acho que foi muito mau e a minha irmã fala disso às vezes...hoje em dia.

[...]

E.: Porque é que ela foi para Moçambique?

Miriam: [...] porque o marido dela foi para lá. Ele queria ir, queria sair, era um gajo muito inconstante e ela foi...com o meu irmão mais novo [...] e é uma coisa que **ele cobra à minha mãe ainda hoje.**

E.: É? Porquê?

Miriam: Então, por ela o ter separado das irmãs e ter ido para Moçambique.

E.: Ele sentiu isso?

Miriam: Claro...

E.: Mais do que vocês?

Miriam: Pá, não, nós também. [...] para mim foi uma altura de...**para além de toda essa convulsão,** de eu ainda por cima ter uma filha pequena e portanto **eu também estava centrada**

ali no meu mundo, no meu mundinho, com a minha filha e uma pessoa quando tem um filho, está...só tem olhos para o filho, não tem olhos para mais nada...sendo que eu tinha até olhos para muita coisa e pá tinha a idade que tinha, sempre fui uma...sempre fui um grande speed [...] mas a prioridade era a Sílvia [...] e eu isso cumpria tudo [...] **pronto, eu andei para a frente não é?...reagi e andei para a frente.**

[...]

E.: Mas pronto...todos vocês acabaram por sentir um bocado essa...separação...

Miriam: Ah, sim...quer dizer, **eu não sei se senti falta**, porque era um bocado ali, naquela altura estar eu sozinha com a...**sozinha não, com a minha irmã...mas pronto, estávamos sozinhas, as duas miúdas sozinhas, numa casa porreira, uma casa ótima, com a Teresinha, a nossa empregada e portanto...era porreiro...**

E.: Mas não se sentiram um bocado desapoiadas?

Miriam: Não, eu não tive essa sensação [...] quer dizer...**essa sensação de estarmos desapoiadas da minha mãe não é uma coisa dessa altura, é o que eu quero dizer, é mais isso que eu quero dizer**

E.: Portanto, era anterior...?

Miriam: Sim, sim.

E.: Anterior, desde...?

Miriam: Eh pá, desde...depois também é assim [...] **também é uma sensação muito própria da adolescência, não é...e todas aquelas coisas...é tudo tudo tudo um drama**, não é, tudo é muito mais intenso, portanto não sei, **quando o meu pai morreu, a minha mãe arranhou mais um emprego, e a minha mãe trabalhava muito**, era muito coisa, e realmente houve...a **minha mãe embrenhou-se muito no trabalho, para sustentar a família, tá bem, mas...também um pouco para...a minha mãe é muito...muito obsessiva, obsessiva se calhar não é a palavra coiso... sim, mas é...uma opção...**

E.: Mas achas que foi uma forma de fugir, é?

Miriam: Não, **a minha mãe é muito exigente com ela própria** e portanto...

E.: Mas estás a dizer que foi um bocado...sim, para vos sustentar e não sei quê, mas também...

Miriam: Então, mas também **a forma como ela se mete nas coisas tão obsessivamente é uma maneira...a minha mãe tem o coiso [...] da limpeza, tem o coiso da eficiência, aquilo**

é também um sistema e uma coisa a meu ver muitas vezes para fugir...pronto, para se disciplinar.

E.: Para não se confrontar com...

Miriam: Pois, eventualmente, não sei. A minha mãe é uma pessoa que...chegou a um determinado [...] estágio e é **uma gaja porreira** e não sei quê, por trabalho, por ser muito [...] **cumpridora, muito exigente**, muito desse género, portanto, **que é também uma maneira de tu te sentires realizada, de te sentires bem**, a minha mãe não falava muito, a minha mãe só começa a falar depois do meu pai morrer, eu não tenho muita recordação de ouvir a minha mãe falar antes do meu pai morrer, portanto foi uma pessoa que se esforçou muito para...coiso, muito...com os filhos e...

E.: Mas no entanto, tu ficas com a sensação - e pelos vistos não foste só tu - de uma certa falta de apoio da parte dela...e mesmo antes de ela se ir embora.

Miriam: **Pois, mas eu não sei se seria possível de outra maneira, de repente és só uma, tens 3 filhos e ainda por cima arranjas outro emprego porque achas que é melhor porque...para pagares as contas e pagares tudo e continuares a dar aos teus filhos aquilo...não sei, percebes, o que eu tenho dificuldade é em dizer assim..."ai, fui coiso..."...não tenho, não tenho essa postura de [...] não acho que...posso ter passado por isso, posso na altura ter sentido isso, mais ou menos, em muitas alturas, mas agora dizer-te que...foi muito coiso e que a minha mãe me abandonou é...também não acho isso...ou seja, a minha mãe não se entregou aos comprimidos para dormir com o desgosto que teve, podia ter acontecido, tchau-tchau e caguei, não, foi uma outra coisa, ela foi...foi coiso, e se aquela obsessão e se aquele modo coiso também acaba por ser uma maneira, claro que sim, mas tu levas um chimbalau, ficas viúva com 34 anos de idade e com 3 filhos, quer dizer, foda-se...e eu acho que [...] pá, foi muito bom conseguir o que ela conseguiu e pronto...será possível...era impossível não haver falhas, ou não haver...**

E.: Humhum...olha, e o teu irmão, como é que é a tua relação com ele?

Miriam: ...agora não...desde que ele se afastou, não é tão...era muito, muito chegada.

Eu: Afastou-se porquê?

Miriam: Porque o gajo resolveu cortar com a família [...] com a minha mãe principalmente...ele fala muito disso, de Moçambique e das coisas e...**o gajo...o meu irmão é que realmente é o...o mais traumatizado com as coisas** e cortou de uma maneira radical com a mãe [...]

E.: Então e essa ruptura foi recente?

Miriam: Não, já foi há uns aninhos...já há uns anos, é uma coisa que se tem prolongado, já dura há muito tempo, que está a demorar muito mais do que seria de esperar, porque **uma ruptura com os pais é uma coisa eventualmente até importante para um gajo crescer e fazer certas coisas**, mas depois...ele ainda não deu a volta...e isto [...] já dura há uns anos [...] o meu irmão ficou um bocadinho, é uma pessoa um bocadinho arrogante e **um bocadinho senhor doutor** [...] um bocadinho como aquela...**como o César, mimados, mimados, que tiveram tudo...porque era o menino e era o coiso, muito bom aluno, muito coiso, muito...**

[...]

E.: O Francisco foi um pai para ele...?

Miriam: Humhum.

E.: Com vocês já não houve essa...

Miriam: Para nós era muito porreiro, era um gajo porreiro...era um louco...era um gajo porreiro. Depois foi para Hong-Kong, primeiro para Moçambique, estava sempre a fugir...depois para o Oriente. Depois chegou lá e perdeu-se lá com as meninas e com não sei quê, portanto era um tipo muito complicado. **A minha mãe foi também para lá atrás dele. E eu fui para lá porque a minha mãe estava lá sozinha a passar-se.** E o gajo assaltou-lhe a casa e não sei quê e eu disse, **“bem qualquer dia o gajo dá um enxerto de tarefa à minha mãe, o que é que eu faço? Depois tenho de ir daqui para o outro lado do mundo matar um homem”**...é mau, não é? [...] eu telefonei à minha mãe, deu-me aqui uma inquietação e telefonei à minha mãe a saber se estava tudo bem e a minha mãe estava apática...“ah, assaltaram-me a casa”...”assaltaram-te a casa?” - e eu a dizer [...] “foi o Francisco...” “não, não sei, não sei...acho...”...assim. Estava a polícia lá em casa. Pronto, pois claro que foi. Pronto, e eu depois disse **“depois disto, o gajo, sei lá o que o gajo pode fazer...”** E então fui para lá.

[...]

E.: Mas a vossa relação, nem a tua, nem a da tua irmã com ele, foi assim uma relação tão próxima?

Miriam: Não...

E.: Ou seja, foi um padrasto, digamos assim?

Miriam: Foi, foi...

E.: E influía na vossa educação, achas que ele influenciou na tua formação, na tua educação?

Miriam: Claro, sim, eventualmente sim...mas quer dizer, também não era um gajo assim de...já era crescidinha, não é, já éramos mais crescidas...mas era um gajo porreiro, um gajo porreiro...era um gajo...quer dizer, depois não foi nada um gajo porreiro [...] depois também ele psicopaticamente também cortou, também foi [...] uma coisa muito...nunca mais [...] mas não havia assim grandes...**um gajo com neuras, às vezes tinha neuras e...mas não descontava em cima de ninguém, ficava a dormir...2 dias [...] e a minha mãe andava...toda...pronto havia assim, dava uns indicadores, pá, mas não chegavam a...**nessa altura estava...e depois foram para Moçambique, depois...

E.: Então a relação deles foi sempre uma relação mais complicada, mais...tempestuosa, digamos assim?

Miriam: Não, porque a minha mãe, [...] **é toda muito de apaziguar tudo e de se por a jeito para o que se pôs, não é? E também tem um feitio muito subserviente, com os homens portanto, mesmo agora com o Frederico, é uma...e ela diz “é o meu filho”, é o filho, é uma coisa, como tu deves calcular, foda-se, que pachorra...mas isso sou eu, que tenho mau feitio, mais nada, eu sou de outra geração, não tenho cá de andar a tratar de ninguém. É mentira, que eu acabo por me meter assim nas relações, faço o mesmo [...]**

Inês

[...]

E.: E a sua família, como é que é a sua família?

Inês: A minha família...deixe cá ver, o que é que quer dizer com isso? É uma pergunta enormíssima, não é...aberta, realmente. **Eu tenho a sorte de ter uma mãe extraordinária, portanto somos uma família monoparental, o meu pai fez as suas opções...eu conheço, conheci o meu pai, naturalmente, e relacionei-me com ele até aos 14 anos...bastante imposto pela mãe, não tinha grandes vontades nem grandes apetites disso, para mim era um estranho, eu nunca vivi com ele sequer, portanto ele fez a opção de...de sair de casa ainda a minha mãe estava grávida de mim...digamos que não foi um percurso fácil da minha mãe, a minha mãe é aliás absolutamente excepcional, é uma pessoa excepcional, sem desprimor para mais ninguém, mas é, para além de...das qualidades humanas...intelectualmente é uma mulher brilhante, é absolutamente brilhante, é uma mulher de uma força...que eu não encontro ninguém, é o meu modelo e estou muito abaixo, diga-se de passagem, muito dificilmente lá chego [...]** com toda a justeza é muito difícil chegar-se ali, onde... àquele nível todo [...] eu tenho a sorte de ter esta mãe, que é o meu centro de equilíbrio, é a minha âncora, verdadeiramente, é a minha âncora, é quem

nunca me falhou, em vários aspectos da minha vida, vai achar isto curioso porque eu vou dizer-lhe adiante que a minha mãe desconhece completamente a questão da homossexualidade [...] não deixa por isso de ser a minha âncora, é a minha âncora, claramente. Depois tenho um irmão, que assumiu o papel de homem da casa, digamos assim, muito cedo, senti essa responsabilidade, aliás eu fui de alguma forma protegida, embora...a ideia foi proteger-me, eu não senti exactamente assim, tenho essa percepção agora e naturalmente que as coisas perfeitamente tratadas e trabalhadas sob o ponto de vista racional, não é, mas digamos que na altura não percebi muito bem porque é que eu era afastada de algumas questões, obviamente que fui, até onde foi possível, fui afastada de algumas questões que eram [...] tratadas pelos adultos, digamos assim, embora eu só tenha diferença de um ano e meio do meu irmão, mas se conhecesse o meu irmão percebia aquilo que eu lhe estou a dizer, o meu irmão com 20 anos era um adulto... envelhecido 10, de aparência [...] há todo um percurso...embora tenha um percurso de infância e de juventude, que eu considero nunca nos faltou rigorosamente nada, fizemos uma vida bestial, que muitos...[...] garotos da nossa idade, menos afortunados, não conseguiram fazer, o meu irmão teve a sua mota, a sua aparelhagem, o seu...teve todos esses luxos...sem sermos propriamente uma família de grandes dinheiros ou disto e daquilo. [...] para ter uma ideia [...] eu considero que é um percurso normal, **somos muito unidos, fomos sempre**, por exemplo, mesmo sendo eu miúda, se resolvia ir passear nem que fosse a casa da amiga ali em baixo, há um recado que se deixa, estou aqui, o telefone é aqui, **nunca foi imposto, isto foram tudo atitudes que foram sendo, que são perfeitamente normais**, tivemos sempre esse cuidado, **funcionamos de facto em bloco**, se há um problema [...] **juntamo-nos em bloco**, portanto **trabalhamos as questões em bloco, agimos em bloco**, e digamos que **com muito sucesso [...] encontro muita gente muito desorientada porque não tem precisamente isto, 3 cabeças pensam de facto melhor do que uma, e eu tenho a sorte de as 2 cabeças pensantes da família serem de facto fantásticas**, o meu irmão também é um homem absolutamente **interessante sob o ponto de vista intelectual, é um homem inteligente...é um homem sensível, tem aquelas coisas todas muito desenvolvidas de alguma teimosia, enfim, próprio do seu percurso, e próprio de muito cedo ter sido...ele fez um percurso começou como estafeta, para ter uma ideia...aí aos 17 anos, aos 18 teve uma grande discussão, aos 16 teve uma grande discussão com o pai e disse “borrife-se”, aos 17...muito a contragosto da minha mãe, arranjou umas coisas para ir fazendo, aos 18 estava empregado como estafeta, aos 22 era...chefe do sector comercial [...] e aos 24 era director. Bom, dá-lhe a noção do que estamos a falar, portanto, **é trabalhador, é um homem empreendedor**, aliás tem uma empresa, **há 10 anos para cá que ele tem empresas que são dele [...] eu diria que é um homem de sucesso**, sob esse ponto de vista. [...] em termos de família estes são mais ou menos os percursos, o meu irmão fez isso, desligou-se do pai**

a essa idade...eu [...] **cheguei aos 18 e pus o meu pai em tribunal, eu sou fantástica nestas coisas, fiz uma coisa diferente, enquanto que o meu irmão bateu a porta e disse não preciso disso, eu achei que, isto estamos a falar de pensões, eu achei que não, que há uma obrigação, portanto, fiz uma coisa que é completamente diferente, ainda bem que o fiz, porque, digamos que aquilo que ele teve que pagar para trás, porque interrompeu as...a pensão, serviu-me para entrar no curso, para pagar os meus livros, para uma série de coisas**, percebe, portanto, de todo, fiz muito bem, não me arrependo nada...foi exactamente, faria exactamente a mesma coisa, na mesma situação, sabendo hoje o que eu sei, faria exactamente a mesma coisa, pronto. Portanto, **em termos de família, somos isto, somos muito ciosos uns dos outros, do bem estar uns dos outros**, podemos não estar a falar, eu com a minha mãe falo todos os dias, se não a vejo todos os dias, falo todos os dias, com o meu irmão não tenho tanto esse cuidado, mas pergunto à minha mãe, [...] **aos fins de semana obrigatoriamente, passe o termo, juntamo-nos**, estamos e procuramos estar com os garotos [...] sobre a família eu não diria muito mais [...]

E.: Olhe, e de facto já me disse mais ou menos como é que vê a sua mãe, como é a sua relação com ela, e com o seu pai, durante o tempo que...em que se relacionou com ele, que recordação...
Inês: [...] **não tenho grandes recordações**, até porque [...] **eu faço isto**, eu costumo dizer que **tenho alguns mortos-vivos na minha vida...eu estive [...] a 3 metros do senhor meu pai no funeral da minha tia [...] e eu não o reconheci**. Portanto, também não, **se calhar é provável que ele também não me tenha reconhecido**, portanto, **eu fiz isso e faço isso...não é com frequência mas faço, eu apago [...] há períodos da minha vida que eu apago**, eu tenho essa noção, é um esforço, é qualquer coisa, **faço-o de uma forma deliberada**, e seja consciente ou inconsciente, **é consciente a atitude do apago**, não sei como é que isto funciona inconscientemente, tenho a noção de que **existem alguns mortos vivos na minha vida e esse é um deles**. A minha relação com o meu pai, daquilo que eu me lembro...digamos que...**de alguma forma a ideia que eu tenho é que seria a meni...entre os 2, porque só tinha 2 filhos, eu tenho uma meia-irmã, que não conheço e que é uma mulher adulta [...] dizem que muito bonita, muito bonita, muito bonita, aparecia aí num anúncio qualquer, disseram-me isso, isto há uns 20 anos atrás, não sei se há 20 anos atrás, há 10, há 15, não sei, que aparecia aí num anúncio qualquer, de pastilhas...uma miúda assim, muito bonita, não sei, não faço ideia, nem me lembro do anúncio...mas...daquilo que eu me lembro, portanto, eu seria a pessoa que, de alguma forma, quando colocava as questões ao meu pai...digamos que ele tentava resolver, tinha alguma influência [...] em algumas coisas [...] lembro-me de uma coisa mais desagradável, de uma discussão que tive, porque isto é muito complicado [...] eu até posso ultrapassar, se calhar, as coisas que me fazem a mim, de alguma**

forma, posso ultrapassar ou não, mas lido com elas, não ultrapasso o que fazem aos meus e **a minha grande ruptura com o meu pai foi isso, foi no dia em que ele se recusou a tratar do meu irmão, que eu não aceitei isso, pedi explicações, fui directamente, pedi explicações, claramente a conversa não correu bem e portanto eu disse “estamos arrumados”, tudo arrumadinho, o futuro dirá, adeus, pronto e acabou aí, eu tinha 14 anos, quando tomei essa decisão, nunca me arrependi**, no contexto foi o correcto...eu assumi essa postura, **o meu pai fez uma tentativa desastrada ou mais do que uma** e apareceu-me uma senhora à porta [...] com uma carta...com um discurso, enfim, curioso...que vinha e tal, porque era cliente e porque o pai tinha saudades...eu por norma sou correctíssima, e portanto não fugi à regra, disse oh minha senhora muito obrigada pelo seu...pelo seu interesse, é a cartinha, não é? ...como pode verificar eu estou sozinha, mas vai levar a resposta sim e tal, como lhe digo, respondidinho, está aqui (gesto de rasgar), pronto, os discursos não eram, o que se ouviu do lado de lá, não se tem a percepção do que, do que há deste lado, não é, portanto, foi a resposta, **nunca li a carta...a minha mãe perguntou se poderia ler e eu disse-lhe que sim, com certeza, que a lesse, eu nem queria saber**, houve ali uma altura em que a minha mãe me convenceu, depois dessa carta e depois disso...dizendo que o conteúdo da carta, enfim e tal e que ele estava em sofrimento e não sei quê e tal, eu, convenceram-me no dia dos meus anos, um ano depois, praticamente um ano depois, a fazer um telefonema e a convidar o meu pai para um jantar, que eu, eu não queria nada, achei um disparate a ideia, mas ok, isto vai correr mal, e portanto o convite foi recusado, e nunca mais, e ficámos arrumados por aí [...] eu teria 15 anos, não sei ao certo, ou 16, não faço ideia, [...] sei que foi depois da zanga [...] e eu já tinha a minha dose, portanto ele tinha-se recusado a tratar do filho, recusou um convite da filha no dia de anos para jantar, para mim estava perfeito, pela simples razão de que, pois não, que achava desadequado, tanto tempo sem falar, com certeza, portanto, estava arrumado, ficou toda a gente de boca aberta, a minha mãe de boquíssima aberta, não sei onde é que ela tinha esta base de ilusão, **a carta devia ser muito convincente, não faço ideia, eu nunca a li, como lhe digo, nem quis saber o conteúdo**, não faço ideia...e pronto, e eu nunca mais falei desse assunto, eu não tenho uma única fotografia, nem nunca tive fotografias, não faço questão...tenho às vezes alguma...há atitudes no meu irmão...**nós herdámos muito de genética**, eu sou uma grande mistura, o meu irmão tem muitas semelhanças em alguns gestos, e às vezes eu reconheço ali qualquer coisa que não me é estranha, principalmente quando ele se irrita, portanto veja, a que nível é, não é positivo, donde, **eu não preciso disso na minha vida**, eu costumo [...] não digo com habitualidade esta frase, mas quando digo, toda a gente sabe à minha volta, quem me conhece, sabe o que eu quero dizer com isto, **quando eu digo “não preciso disto na minha vida”, não preciso desta pessoa na minha vida, eu não preciso. Portanto, não entra na minha vida, tem mesmo que estar fora, eu barro todas as entradas, fecho as portinhas todas, tudo o que houver, e consigo**

fazê-lo, percebe, pelo menos a um nível consciente, faço-o. Inconscientemente, não estou muito preocupada [...] acredito que tenho praí uns quantos fantasmazinhos, uns mortos-vivos, [...] tenho umas coisas por arquivar, mas também quero crer que...toda a gente o terá, ninguém chega aos quarenta e três anos limpo, não é? Portanto, não acho que isto seja dramático, não acho que isto seja ai, ai, ai, nada disso, **tive um percurso normal, em situações às vezes muito adversas, que não foram tanto porque eu tive ali o grande escudo da minha mãe, a minha mãe foi de facto excepcional, tem feito um percurso excepcional, foi uma mãe extraordinária a todos os níveis e é uma mulher brilhante [...] eu tive a grande sorte de ser filha [...] desta pessoa, porque se não tivesse tido um centro de equilíbrio com a força como esta mulher tem, tinha sido uma desgraça, provavelmente o meu percurso teria sido uma coisa muito complicada, não sei inclusive que pessoa é que seria hoje [...] tenho a noção disso, que pilar é esta, esta mulher**, percebe, tenho muito esta noção. Relativamente ao meu pai, não há muito mais que eu possa dizer-lhe.

E.: Mas no entanto a sua mãe insistiu para que houvesse essa relação...

Inês: **A minha mãe fez tudo o que pôde.** [...] porque **para nós era um grande frete**, devo dizer-lhe...**não havia ligação com aquele homem, e não se estabelecia** [...] não se estabelecia, **era uma coisa de sábados, de tardes de sábado, enquanto a minha mãe de alguma forma participou nas tardes de sábado...perfeito, quando a minha mãe passou a não estar, aquilo durou...3 ou 4 meses, porque não nos fazia qualquer sentido, a relação não se estabelecia com aquela pessoa. Não chegava a nós** [...] quer dizer...não, não estava estabelecido os laços, **os laços nunca se desenvolveram**, percebe? Nem sei, e nem sei dizer-lhe...qual é a memória mais antiga que eu tenho, quer dizer, se eu pegar numa fotografia, ou nisto ou naquilo, sou talvez capaz de me recordar de qualquer coisa [...] **foi uma das coisas que eu herdei...foi o gosto pela fotografia...pelos vistos ele tinha, aliás há álbuns, a minha mãe tem isso...com fotografias, ele tirava-nos fotografias, pronto, mas isso é um gozo pessoal, não necessariamente porque gosta disto ou daquilo, é um gosto pessoal, eu também tiro** [...] eu tive a fase das pessoas, portanto fotografava pessoas, não necessariamente gente conhecida, portanto, **isso não tem de ser enquadrado dessa forma, não tem significado.** A minha mãe **bateu-se de facto até onde pode**, sempre dizendo, mas o vosso pai gosta muito de vocês, o vosso pai não sei quê...e a pessoa, pois, pois se calhar, pois, aonde, em quê, pronto, enfim..., pronto, percebe? Aquilo do gostar é um bocado...sim, pois, **a mãe diz que sim**, a mãe diz que sim pois, se calhar, mas base para isto...

E.: Está a dizer-me que, portanto, de certa forma ela achava importante essa relação?

Inês: Sim, ah, com certeza. **Ela achou muito importante sempre. Achou que não nos devíamos desligar**, percebe? Até à altura em que de facto é impossível, é impossível, até porque a partir de determinada idade...não se pode continuar a dizer aos filhos com determinada idade, vá lá, vá lá, quer dizer, quando há uma recusa, claríssima, e havia motivos [...] Para além dos laços não estarem...estabelecidos, havia uma série de atitudes [...] que impossibilitavam completamente [...] **Não era sereno, não era pacífico, não era estabilizador, não era gratificante, não havia nada**, portanto, isto, pai, pois...ok.

E.: Então quer dizer que até à vossa adolescência, uma vez que têm pouca diferença de idade, ela esteve presente nesses vossos encontros com...

Inês: **Ela esteve presente**, eu diria, **até aí aos nossos 13**, por aí [...]12-13, [...] **Depois não se aguentou** [...] depois de ela ter saído das voltinhas [...] dos sábados, não havia paciência [...] [...]

E.: Mas tem alguma recordação de como é que era esse relacionamento das tardes de sábado digamos assim, era uma coisa formal, uma coisa...?

Inês: Olhe, **eu alheava-me**. Eu alheava-me disso. A ideia que eu tenho...**não havia discussões, creio, não havia...até determinada altura, que foi precisamente quando a minha mãe deixou de ir, e isso eu lembro-me**. E **para mim foi muito custoso, ela continuar a querer** [...] **que eu fosse**, porque eu, a recordação que tenho [...] **há um dia em que...que a minha mãe vem de um destes passeios de sábado...completamente desfeita**, percebe e **eu dou-me conta disso**, aliás, raramente **vi a minha mãe chorar**, portanto eu, pelo menos à minha frente não, e pronto, e à frente do meu irmão provavelmente também não, penso que nos protegeu sempre, mas também não, não é próprio de...percebe? e obviamente **eu relacionei, no sábado seguinte ela já não foi, e eu fui muito contrariada**, devo dizer-lhe que fui mesmo muito contrariada, muito contrariada, o meu irmão nem sei muito bem, mas acredito que tivesse ido também muito contrariado [...] não tenho presente onde é que estava o meu irmão quando **eu vi a minha mãe desmornar**, não tenho presente, sei que eu estava ali, sei que eu estava ali, e que **de imediato fiz a ligação**, percebe? E foi, aliás estava correcta, não é? **até aí, tinha sido relativamente pacífico**, [...] depois disso houve um ou dois momentos, em defesa dos filhos, em que ela reagiu claramente em...em agressão...verbal [...] não é verbal, no tom, percebe, a minha mãe nunca, **não somos** nem de insultos nem palavrões, **não tem nada a ver connosco**, não, não é uma linguagem que utilizemos, nem estimulamos, nem achamos graça, nem coisa nenhuma, não é, mas...**eu falo neste tom, raríssima vezes terei ultrapassado este tom, aliás é normal até falar mais baixo, em determinadas situações, que é uma herança, que eu herdei, pelos vistos, herdei do meu pai, é uma herança paterna** [...]

E.: E não tem nenhuma ideia porque é que foi essa quebra da sua mãe, nessa altura?

Inês: Tenho...tenho...mas isso interessa?

E.: Se foi uma coisa importante...

Inês: [...] **eu relaciono isso com o facto de o meu pai na altura se relacionar com outra pessoa...e portanto de alguma forma não, não querer a presença, não...deixar de ser cómodo e portanto a companhia daquele adulto deixar de ser cómodo...**

E.: A presença da sua mãe deixou de ser...

Inês: Exactamente. Se quiser, **porque entretanto a vida dele amorosamente terá dado algum salto** e portanto se calhar havia exigências da outra parte [...] não faço ideia, mas relaciono com isso, portanto eu de alguma forma apercebi-me disso, enfim...digamos que, nem tudo se consegue esconder...quando há gente atenta...não é? Eu sou bestialmente atenta a algumas coisas...

E.: Portanto, até aí, não, o seu pai não tinha reconstituído a vida dele?

Inês: Eu não digo isso, não verbalizou. São coisas diferentes. Eu não digo isso.

E.: Mas ali houve uma mudança, não é?

Inês: Ali houve, sim. Sim.

E.: E a sua mãe nunca...

Inês: **A minha mãe teve um 2º casamento...depois deu-me o conselho, “filha, não te cases, que isto não...vive primeiro com a pessoa”, que aliás, ela praticou...e pronto e depois o 2º casamento chegou, digamos que tem um amigo colorido [...] simpático [...] falador, e pronto. E digamos que...acho que é um percurso normal, mas demorou muito tempo, a minha mãe reconstruiu, eu não digo...não sei se é isso, digamos que se permitiu, a uma segunda oportunidade...eu teria os meus vinte, portanto faça-lhe as contas...**

E.: Portanto, já era...crescida?

Inês: Ah, com certeza.

E.: E isso já não influiu minimamente na...vossa...dinâmica...?

Inês: **Influiu na nossa dinâmica, sim, com certeza, então eu vivia com a minha mãe, eu vivi com a minha mãe até aos vinte e nove anos...perto ao certo...**

E.: E como é que sentiu esse...essa entrada de outra pessoa?

Inês: Não tive nenhum problema com isso, **acho que a minha mãe, coitada, fez um esforço enorme, tinha muita preocupação**, até porque o meu irmão já tinha casado [...] **tinha muita preocupação de eu estar sozinha**, convenceu-me a ter uma amiga, uma colega de faculdade a dividir a casa, está bem, com imensa preocupação para eu não estar sozinha e **desdobrava-se, completamente desdobrava-se entre duas casas, para ter a certeza que não faltava**, que...na altura já achava que aquilo era demasiado...e agora a leitura que eu faço, de facto, oiça é...**estamos a falar de uma pessoa excepcional**, eu não creio...nunca encontrei...**nunca encontrei ninguém semelhante, com a postura, com o cuidado, com a responsabilidade tão assumida, tão** [...] **Nunca encontrei ninguém assim.** [...] **tenho a sorte de ser minha mãe**, é, é uma **grande sorte**, mas...de facto ela desdobrava-se, até porque [...] o **pequeno** tinha a casa em Oeiras [...] isto há vinte anos, não é como agora, não é, e portanto, era de facto, puxava e de que maneira por ela, percebe? [...] **senti desagrado... quando percebi que as coisas não estavam a resultar, e que da parte dele havia uma grande ciúmeira relativamente aos filhos, que para mim era completamente absurdo...completamente absurdo...ele tinha essa característica aliás, no bom e no mau, digamos que foi uma coisa que...foi muito bom, porque mudou a vida da minha mãe, trouxe-lhe imensas gargalhadas...e ela não tinha muitas oportunidades para isso, portanto nesse aspecto foi muito importante...ela andava sempre com um livrinho a contar anedotas, portanto, ia assinalando, tinha assim umas coisas perfeitamente fantásticas...e foi muito bom.** Depois, obviamente, que **quem não cresce até determinada idade**, tem tudo o resto que também pode não ser bom, e então lembro-me perfeitamente de uma vez estarmos, estarmos lá em Oeiras, uma das coisas que eu gostava imenso de fazer com a minha mãe, era jogar xadrez, mas jogar à séria, portanto aquilo leva tempo, não é, tem de se pensar, tem de se...ui...e eu de repente noto...comecei a não perceber algumas atitudes à minha volta, percebe, a ficar assim um bocadinho “hum?”...vi a minha mãe ficar desconfortável...e depois mais duas ou três coisas, percebi, e...pronto, e isso não...não é uma coisa agradável. Consegue-se gerir até onde se consegue gerir, **mas parece que há aqui...os papéis estão aqui todos invertidos, não é?** [...] depois até nem teve um percurso muito feliz, depois de se ter separado da minha mãe...ele tinha de facto algumas fragilidades, próprias de não ter crescido...mas pronto, mas...em termos de interferência, não posso dizer que tenha tido, **quando senti que a minha mãe não estava bem, como lhe digo nós agimos...agimos em bloco, portanto, fizemos um...um...tivemos uma conversa os três e decidimos “vens para casa”.** [...] e pronto a **minha mãe retornou a onde tinha que estar, uma vez que não estava bem onde estava, decidido entre os três, perfeitamente acordado, pronto, e o melhor, porque não podia ser de outra maneira**, até porque depois as pessoas levam...digamos que isto tem outras implicações, para ela é um segundo falhanço, digamos assim,

não é, portanto leva algum tempo a recuperar aqui algumas coisas, não é, pronto, mas obviamente, **nem seria de esperar outra coisa, pronto recuperou, naturalmente**, tanto que recuperou que **há uns anos para cá portanto tem um amigo colorido**, mas **já não se mete noutra, chegou**, não é, **casamento já não**, não é, mas pronto, mas não tem...**cada um na sua casa**, também foi outra coisa que...não é, **que se percebeu perfeitamente as coisas resultam se forem assim**, portanto **vão de férias**, não sei quê, tatata, tatata, bestial, portanto, é **agradável, é simpático, que bom, se não é, acabou, tem cada um a sua casa, bestial. Portanto, lá está, é um percurso que se vai aprendendo** e vai-se adequando, não é?
[...]

Inês: [...] terminei uma relação [...] e portanto ainda estou na fase de reconstrução, não é, de estabilizar, [...] não arranjo bengalas, não sou pessoa para...sai de uma e vai já...não, não, faço interregnos, mas antes disso, desta relação de três anos e meio, **tive um interregno grande e precisei de uma fase de me reestruturar, na casa da minha mãe, está a ver a âncora, é mesmo a minha âncora, não é, eu tenho muito a noção disso, que é a minha âncora, no bom e no mau, porque eu também sei o que é que isto significa** [...] eu tenho a minha mãe como **uma mulher inteligente, não é desconhecedora de uma série de coisas da filha, ela percebe quando eu não estou bem**, nesta minha quebra deste momento, desta relação que foi uma coisa muito dolorosa, tem sido, não estou refeita [...] **foi a minha mãe que me sugeriu**...portanto, eu tinha cá a pessoa em casa, entretanto a pessoa reestruturou a sua vida, arranjou a sua casinha e não sei quê, ta-ta-ta, isto era conhecido, na família, porque a pessoa vinha de uma situação de divórcio [...]de alguma forma eu fui dando o feed-back [...]Depois surge essa situação de ok, arrumou e vai para a casa dela [...] e **há de imediato uma sugestão - notava-se que eu não estava grande coisa - e há uma sugestão, imediatamente, da minha mãe: “Porque é que não vens cá passar uns dias? Também estás lá sozinha, porque é que não vens...” acampa, não é?** [...] Pronto, até porque nós somos uma parelha fantástica, [...] somos mesmo uma parelha fantástica, eu não tenho dúvidas nenhuma [...] Eu entendo muito bem a minha mãe, não é, ela entende-me muito bem, percepçiona [...] há coisas que são...mesmo fantásticas. Eu, às vezes, tenho a necessidade de pegar no telefone para falar com a minha mãe, percebe, e quando falo...curiosamente coincide com alguma coisa que não lhe correu muito bem ou não está a correr muito bem [...] E de onde é que veio a necessidade não faço ideia, estas coisas que nos transcendem [...] eu não tenho essa questão clarificada na minha cabeça, eu acho impossível a minha mãe não saber qualquer coisa, acho impossível [...] por toda a postura de vivência [...] a minha mãe é daquele género, está aqui sentada a olhar para si...e garanto-lhe que não vai estar confortável, porque a minha mãe é tipo raio-x, não hostiliza, não, nada disso, a minha mãe é gentil, uma

mulher educadíssima, não tem nada a ver...mas vai-se sentir completamente analisada. Porque é aquele olhar que entra, dentro, sabe, está a ver o género...pronto. Distante, mas simpática, formal, mas não demasiado, e a permitir-se algumas coisas se sentir que isso lhe pode dar mais dados, portanto...ligeiro, aqui e ali, permite-se a uma graça, permite-se...percebe?

[...]

E.: Estava-lhe a perguntar, disse-me que...que achava que as pessoas que entraram na sua vida, que lhes deu alguma coisa e eu devolvi-lhe a pergunta se achava, se acha o contrário, se achou que as pessoas que passaram pela sua vida...

Inês: [...] eu não sei se há um equilíbrio...agora que todas elas foram importantes, foram, que...todas elas tiveram um papel, tiveram [...] eu lembro-me que quando cheguei aí aos quarenta e qualquer coisa [...] tenho a noção de que aconteceu qualquer coisa [...] Tem um bocado a ver com isto, na melhor das hipóteses, eu vivi se calhar metade da minha vida, portanto, de alguma forma a outra metade, eu gostava de fazer coisas um bocadinho diferentes em alguns aspectos, não tenho exactamente definidos, todos eles, tenho alguns, pronto...e acho que todas estas pessoas contribuíram para que eu chegasse aqui e dissesse o que é que eu quero fazer diferente, ou pelo menos, o que é que não quero que se repita [...] Por exemplo [...] **vou fazer uma viagem com a minha mãe que era uma coisa que eu não fazia...há três anos e meio, e que eu sei que ela sente falta disso e eu não posso dizer que não sinta, percebe...mas eu dei isso, abdiqueei disso, e até acho que é uma coisa que eu não tenho muito o direito de abdicar sozinha** [...] não sei se me faço entender, pronto...quem vier, vai ter que ter esse espaço de entendimento, **eu vou precisar de fazer este percurso, até porque, cada vez mais eu tenho esta ideia, a minha mãe está óptima, está fantástica, ainda bem, mas não é uma jovem** [...] **Eu não sei quanto tempo mais, durante quanto tempo é que eu vou poder...usufruir disso tudo, pronto e portanto quero...e esse querer é muito...presente** [...] De uma forma consciente, portanto, eu não quero ficar sem isso. Quem vier, adapta-se ou não. Eu estou disposta a negociar algumas coisas, isso, não.

[...]

Inês: [...] tia dedicada, eu assumi os garotos, na altura do primeiro divórcio do meu irmão, o mais velho tinha 5 anos e o mais novo tinha 2 [...] **nós assumimos, mais ou menos em bloco**, uma série de coisas muito complicadas [...] e eu costumo dizer que eu não fui mãe, mas...pronto...eu não pari...mas...tive a minha dose de maternidade com eles [...] Segui-os, de perto, quer em termos escolares, quer em termos de tudo, de organização de casa, de comida, de responsabilidades, assumi, percebe, verdadeiramente assumi os garotos, pronto. **Conseguimos**

fazer isso porque éramos três, porque na altura o meu irmão estava muito envolvido num projecto profissional complicadíssimo, que lhe ocupava horrores de tempo e que **nos obrigava a mim e à minha mãe às maiores loucuras em termos de...“vais tu, vou eu, como é que é?”** Porque, pronto, ainda por cima no privado, isto não é propriamente como no público [...] e portanto não há cá atrasos [...] não havia possibilidade nenhuma de “olhe eu saio mais cedo” [...] portanto, era uma correria [...] uma confusão. Porque nós tínhamos de agarrar nas crianças e ir para Lisboa, fazer aquela IC19...tremenda [...] havia um dia [...] a meio da semana, que os íamos buscar, depois os fins de semana todos, estavam connosco...era...a loucura [...] **Eu nem sei dizer...como é que a minha mãe aguentou** [...] eu, tudo bem, era uma jovem, [...] uma coisa complicadíssima [...]

[...]

E.: Como é que foram esses relacionamentos amorosos? Quando é que teve o seu primeiro relacionamento amoroso? Com que idade?

Inês: [...] **o primeiro namorado que eu apresento em casa, o meu irmão recebe-o tremendamente**, eu disse “nunca mais conheces mais nenhum”, foi...só veio a conhecer este tinha eu trinta anos, não é, certinho, **foi tão mal recebido**, olhe...eu passei uma vergonha. **O homem da casa, está a ver o género?** Fazia aqueles papéis idiotas, pronto...passei uma vergonha, passei uma vergonha: “nunca mais”. A minha mãe só dizia: “realmente, não tinhas de fazer essas coisas”, depois soube *à posteriori*, nós passávamos algum tempo sozinhos, a minha mãe tinha que trabalhar, portanto, tínhamos uma organização...eu **com 11 anos era o meu irmão que fazia o meu almoço** [...] eu tinha a chave da minha casa [...] **é natural que o próprio percurso, o obrigasse a ser o homem da casa**, [...]“nhéhé...o que é que vens cá fazer, hm?” pronto, foi uma vergonha, passei uma vergonha, garantidamente nunca mais [...]

E.: Olhe, e a adolescência, foi um período complicado?

Inês: [...] **tirando estas coisas do divórcio dos meus pais** [...] não vejo em quê. Acho que foi um percurso normalíssimo.

E.: Mas o divórcio dos seus pais aconteceu ainda antes do seu nascimento, ou não?

Inês: Não. Não.

E.: Eles só se divorciaram *à posteriori*?

Inês: Sim. **Sim. Nos meus 14 anos**...Sim, é.

E.: Foi na altura em que rompeu com o seu pai.

Inês: Estava precisamente a pensar nisso [...] estava a ver se localizava...mas **foi por volta dessa altura, sim.**

E.: Portanto, eles separaram-se, mas não se divorciaram. Foi isso?

Inês: Sim, sim, exactamente. Exactamente.

E.: Portanto, o seu pai não assumiu que tinha...um outro relacionamento, uma outra relação...ou não era falado?

Inês: Comigo não, seguramente [...] até porque eu era garota. E pelo que eu me fui apercebendo, e **fui-me apercebendo pelos sofrimentos...da minha mãe...não creio que a minha mãe alguma vez procurasse sequer...reatar algum envolvimento amoroso...**

E.: Com ele?

Inês: [...] Não creio, acho que isso perdeu de vista [...]e acho que ela via muito a coisa como...**uma forma de nos estabilizar a nós e de não permitir que houvesse um afastamento real...portanto, eu penso que ela de alguma forma tentou investir para que os filhos nunca deixassem de ter uma referência paterna,** acho que foi uma coisa...pelo menos eu vejo a coisa assim [...] Não creio que fosse fácil para ela...porque **eu acho que, se essas coisas existem, o meu pai terá sido o homem da vida dela. Foi a sua paixão,** percebe? E portanto com todas as dificuldades...mas **só conhecendo a minha mãe é que percebe...como lhe digo, a excepcionalidade reina ali. É ali.** [...] mas isto para dizer que...eh, não, **o divórcio deles ocorre...já nessa fase, e eu estava a tentar localizar, porque é também o ano em que eu chumbo...e isso tem um bocado a ver com esta desestruturação de uma série de coisas...e estava a tentar...como lhe digo há períodos que eu apago,** portanto eu tenho que fazer algum esforço para...os colocar...porque a ideia que eu tenho é que há essa ruptura, mas...eu teria que ver, eu não sei exactamente que idade é que eu tinha quando cheguei ao 8º ano [...] porque eu...sei que o meu 8º ano foi muito isso, **foi a história do divórcio...não propriamente o divórcio, mas a história à volta do divórcio,** queeee...**transbordou,** e que eu vivenciei uma série de coisas, e **fiquei muito magoada e muito ofendida, com ele** [...] mas não, não lhe consigo...porque [...] eu não teria 14 anos no meu 8º ano, provavelmente [...] e eu tenho ideia que foi isso, eu chumbei no 8º ano fruto de uma série de coisas, de uma **desorientação muito grande que senti, de revolta e de...aliás, foi o ano em que eu desisto do piano,** e que está relacionado também...há assim uma série de coisas, de opções que eu tomo a propósito disso [...] **não foi inócuo,** [...] uma coisa que é [...] normal, é natural, um assinar um papel e podia ter sido só isso, **acabou por transbordar** numa série de outras coisas.

E.: Mas...porque houve discussões, porque foi tempestuoso?

Inês: [...] **Porque eu me apercebi de uma série de coisas...e fiquei extraordinariamente chocada...** Porque elas não passavam.

E.: A sua mãe filtrava?

Inês: Ah, sim. A minha mãe, nesse aspecto, era porque...eu...ouvia isto, cuscava dali, percebe? Porque ela...não...ali não passava. **Quem sabia, de coisas, enfim...era o meu irmão, tratadas com...tratadas...de uma forma bastante adulta** e mastigado e na altura...

E.: E no entanto vocês têm uma diferença muito pequena...

Inês: [...] **Um ano e meio. É...Sim, mas [...] o meu irmão aos 18 anos, parecia ter 38 [...] É um homem precocemente envelhecido.** E obviamente que este percurso não é inócuo, não é? Não tenho dúvidas. **Eu fui francamente mais bem protegida.** Aliás, o meu irmão, olha-se para ele e [...] **o meu irmão está envelhecido [...] A minha mãe, por acaso, está fantástica [...] Está a envelhecer muito bem, manteve-se bem durante muito tempo, e está a envelhecer muito bem...e pronto...e...depois com esta coisa fantástica de...manter a plenitude de todas as suas capacidades mentais, percebe, está perfeitamente, intelectualmente, fantástica...e...sempre muito à frente [...] só conhecendo-a, percebe? É uma mulher de uma lucidez...é espantoso. E de uma visão...tão à frente...**

E.: Porque é que acha que ela...com uma diferença de idades tão pequena...porque é que ela...privilegiou...ou melhor, a protegeu a si e não ao seu irmão?

Inês: Se calhar porque ele tem, ou teria, ou evidenciava [...] **outro tipo de qualidades ou outro tipo de coisas que eu não tive**, se calhar levei mais tempo para crescer...se calhar porque, entre as escolhas possíveis...**não é uma coisa que eu queira pegar.** O que lhe digo é assim: durante muito tempo, ou **durante algum tempo, eu senti isso como uma penalização, racionalizei isso, dizendo foi uma forma de me proteger, foi mais fácil do que para o meu irmão...**

E.: Sentiu como uma forma de penalização...

Inês: Com certeza.

E.: Como sendo excluída?

Inês: Com certeza. Qual...qual é a dúvida sobre isso? **A malta suporta isso até aos 6-7 anos, a partir dessa idade começa a perceber que há ali uma diferença.** Percebe? Naturalmente... Claro que **depois racionalizamos**, não é, e eu hoje a visão que tenho sobre isso, é: **houve uma grande tentativa, dos dois, não é, de me proteger.** Se calhar eu teria preferido até não ser

protegida, digo eu, confortavelmente, no alto da minha cadeira [...] porque fui protegida, porque eu também não sei [...] isto também não se pode entrar nesses esquemas...**eu não vou por aí**, eu aliás eu faço muito esta gestão: **coisas que signifiquem algum tipo de atrito com os meus, não há, vamos limar, não quero, não preciso disso**, sabe? Sabe isso do **“não preciso disso na minha vida”**? Vai embora, não preciso. Portanto, **essas coisas são para ser tratadas a este nível**, percebe? Eu também não sei. Do alto da minha cadeira, posso dizer isso, não é? Mas eu sei lá...eu sei lá...então não...não foi tão bom ser protegida? Se calhar, tinha sido uma coisa muito complicada, até para eu gerir, não é?

E.: No entanto chegou aí a uma altura, em que essa protecção acabou por ter falhas, não propriamente, não é, porque acaba por se aperceber, porque as pessoas acabam por se aperceber das coisas e nessa altura foi complicado para si.

Inês: Claro...claro...tive alguma dificuldade de gestão porque ao mesmo tempo **foi o cair...de uma imagem que eu tinha, da imagem paterna...que...até determinada altura, ele não era grande coisa, de facto, não havia grandes laços, mas havia ali uma ideia de que ele gostava de nós**, que...a tal ideia que a mãe tão...não é, coitada...tão...tanto se esforçou por ...portanto, **que havia uma preocupação connosco, que gostava, e depois é o confronto com o “evidentemente que não gostas, porque ninguém que goste faz isto”**. Percebe? Então é o ruir de uma série de coisas, não é? [...]

E.: Não havendo o assumir de uma relação por parte do seu pai durante 14 anos...

Inês: Eu...eu não sei se ele teve sempre a mesma, repare...

E.: [...] mas não havendo, exteriormente...como é que vos foi apresentado a saída do seu pai de casa?

Inês: Eu não dou por isso, o meu irmão era um bebé.

E.: Mas há uma explicação para isso?

Inês: **Não, não se falou disso, nunca tive a necessidade de...nunca perguntei isso, se quer que lhe diga. Para mim era facto, aquela coisa...**

E.: De o pai não estar...

Inês: Não.

E.: Nunca perguntou porque é que o seu pai não estava?

Inês: Não. Não. **Mantinhm-se algumas aparências**, para não haver um peso para nós, eu penso que foi sempre em função de nós, portanto **havia duas camas**, naquela altura em que se usavam aquela história das duas camas, não é - porque, enfim...eu sou antiga, não é? **Portanto, o quarto da minha mãe tinha duas camas**, [...] e pronto, mas quer dizer...**não me fazia confusão nenhuma, a partir de determinada altura é assim, isto não faz sentido, mãe, as camas são horrorosas - inclusive eram enormes - que horror, não sei quê, vamos lá arejar isto**, percebe?

E.: Nem se questionou então porque é que o pai não estava?

Inês: Não...não. Nem nunca vi isso como um estigma, devo dizer-lhe.

E.: Não, eu não estou a perguntar isso...

Inês: Sim, eu percebo...

E.:...estou a perguntar se nunca se questionou porque é que o pai não estava? Porque é que o pai não vivia em casa?

Inês: **Não. De todo. Não**...e mesmo quando isso foi, de alguma forma - porque há pessoas que são cruéis [...] eu fui confrontada algumas vezes, porque, ainda por cima, o meu pai trabalhava na zona onde nós vivíamos - e portanto, eu estava na escola na zona onde nós vivíamos - e até tinha a sorte ou o azar de alguns professores serem clientes...e havia coisas complicadas...eu lembro-me de uma professora minha...que me veio com uma história não sei quê, que...eu lhe disse “eu sou só sua aluna, e a senhora é só cliente [...] Não misturemos. **Não quero voltar a falar disto**”. Tinha situações deste género. [...]

E.: Vinham-lhe falar do seu pai?

Inês: Sim. Na altura em que eu já estava, que nós estávamos de posições extremadas [...] depois havia umas interferências deste género, pronto, e **portanto eu tinha a necessidade de claramente ser muito clara e isso era...não deixar ali nenhum espaço de dúvida, que...“não, é que não, não vai existir conversa, não quero**”. Pronto, portanto e fazia isto de uma forma muito séria, muito convicta, não é, e as pessoas não se atreviam. [...] entretanto eu também não sei como é que era do outro lado o choradinho [...] **mas tive várias vezes que dizer “só conhece um lado, só conhece uma versão, não vai conhecer a minha porque eu não vou falar sobre isso. O assunto morreu, aqui, chegou, não me volta a falar disso**”. Eu nestas coisas acho que toda a minha postura, esclarece. [...]

E.: E a infância? Como é que foi a infância?

Inês: Tenho poucas lembranças disso...

E.: Não se recorda da sua infância?

Inês: Poucas coisas. Muito poucas.

E.: Nenhum episódio...marcante...?

Inês: **Lembro-me da minha avó...da minha avó paterna...** gostava imenso de nós, e **gostava também da minha mãe** [...] eles tinham uma quinta, no Norte...e lembro-me de andar por lá, **agarrada à mão do meu avô e do meu pai...eu adorava aquele...adorei sempre o cheiro de terra molhada, adorava, adorava e a bicharada**, a minha avó tinha...era uma quinta mas tinha aquelas coisas todas também muito provincianas, tinha coelhos, coelhinhos brancos, com o olhinho vermelho [...] Tinha patos, tinha...e tinha uma imensa latada, uma videira imensa...o meu avô paterno...adorava flores, rosas e...fazia enxertos. E [...] das coisas que eu me lembro, é as cores. Eu vi rosas...que nunca tinha visto em lado nenhum, agora se calhar é trivial, ver-se rosas com pintas, ver-se rosas...mas não havia em mais lado nenhum...era ali em casa do avô, que havia, percebe? Lembro-me disso. [„] **lembro-me de uma laranjeira de onde saía uma pernada de limoeiro, eu achava aquilo fantástico, é uma das coisas que me fascinava, poder colher uma coisa de um lado e poder colher uma coisa do outro**, era uma coisa muito gira, lembro-me da sensação de chegar à pereira e puxar a pêra, não é, e depois o meu pai reclamar “tem de se lavar”...e assim...que **eram férias simultaneamente penosas, porque a semana que eu lá passava, a minha mãe não ia, e portanto, eu ao fim do terceiro dia, tinha o coração perfeitamente desfeito, eu só queria era a minha mãe, e não havia nada que me alegrasse...e como não ia com o meu irmão, era...era pesadíssimo.**

E.: Não ia com o seu irmão?

Inês: Não, íamos em vezes...**ele não conseguia lidar com os dois**, simplesmente isso.

E.: O seu pai não conseguia lidar com os dois?

Inês: Não. Não. Portanto, ia um de cada vez.

E.: Mas a sua relação com os seus avós paternos era boa, então...

Inês: Err...**principalmente com a minha avó**. O meu avô era mais, sei lá, eu era a miúda...portanto, queria era falar com o filho, perfeito, com o seu cachimbo [...] a **minha avó tinha outros cuidados...tinha outros cuidados**. E até me lembro de ela dizer: **“Oh, ela já está cheia de saudades” “Isto já está cheia de saudades”...lembro-me da sopa que a minha avó fazia, é uma das recordações, eu nunca comi sopa igual**, supostamente era sopa de

cebola, creio eu, que **eu adorava aquilo**, adorava aquilo...e **nunca comi nada parecido. Nada. E a minha mãe faz sopa como ninguém, mas aquela...**nem ela sabe qual é, porque **eu não lhe sei dizer o que é**, mas [...] **em qualquer sítio eu reconhecia, fiquei com o paladar, se é que isto é possível, ao fim de quarenta anos [...]**

E.: Assim, retrospectivamente, qual é que acha que foi o período mais feliz da sua vida? E o menos feliz?

Inês: [...] Períodos maus...há um, muito mau, muito mau...é a morte da minha tia Eva...claramente. Foi uma doença prolongada, eu vivi-a de perto e aí sim...é seguramente, o pior. [...] foi toda, foi toda vivência, da doença [...] foi um período muito mau...**coincidiu com...com exames finais e toda essa parte também da minha faculdade**, foi, foi tudo mau. Foi tudo mau. Foi tudo muito, muito mau. Foi mesmo muito mau. Pronto, e para não se deixar cair as coisas, a minha mãe, na altura, o trabalho que tinha era de colónias de férias, **eu não sei como é que ela aguentou, a minha mãe é uma resistente**, portanto vinha da Praia das Maçãs, para Lisboa, e ainda se fazia a frutinha [...] ela não suportava comida de hospital e com muita razão, e portanto, nós fazíamos isso, e portanto todos os dias, eu caminhava para aquele hospital, à hora do almoço, dava o almoço, ia para a minha faculdade porque tinha que ir, tinha que voltar à hora dos jantares [...] E foi também a minha primeira experiência de contacto com a morte, porque...os meus avós paternos morreram mas eu não soube. Só descobri três anos depois.

E.: Não soube?

Inês: Não. Não houve essa...não. Eu descobri...**Tenho imensos motivos**, como vê, não é? Está bem esclarecido [...] Não há aqui nada que eu me arrependa, de todo. Não tenho nenhum motivo para dizer “ah, eu teria feito diferente”...não, de todo, de todo.

E.: Portanto, neste momento, com o seu pai, não tem qualquer tipo de relacionamento?

Inês: Não, mas isso desde os 14 anos. E nem estou interessada [...] para mim isso ficou absolutamente definido. É uma...sensação perfeitamente definida. Não estou minimamente interessada [...] conscientemente não me pesa nada. Sei porque é que o fiz [...] faria exactamente o mesmo.

E.: Mas quando o pôs em tribunal já era adulta.

Inês: Ah, pois. Foi aos [...] 18 anos. E olhe que **eu maturei essa...não foi uma decisão de momento. Alimentei, essa ideia. Alimentei essa ideia**. E lembro-me de...a minha mãe dizia-me “filha, mas nós não precisamos”. **“Não se trata disso, trata-se de assumir responsabilidades. Há que assumir responsabilidades”**.

E.: Mas nessa altura, teve de se confrontar com ele, ou não?

Inês: Não. Para que é que eu tenho um advogado? Vá lá e represente-me. Quero isto e isto e isto. E ganhei. **Ganhei, pagou a pensãozinha toda para trás, como lhe digo, foi muito bom, paguei as propinas, paguei os livros, paguei não sei quê, fantástico. Deu-me muito jeito.**

E.: Olhe, no contexto deste trabalho que nós estamos a fazer, é importante nós percebermos qual é, como é que as pessoas se situam em relação aos homens, às mulheres, ao masculino, ao feminino...portanto, nesse sentido, o que é que acha dos homens...e o que é que acha das mulheres?

Inês: [...] a esse nível, sei muito bem...identifico-me [...] com aquilo que sou, não tenho nenhum conflito, não, não, não gostaria de ser homem, está a ver, não, não, não.

E.: Portanto, mesmo na adolescência, na puberdade, quando o corpo começou a mudar, não houve nenhum tipo de...?

Inês: [...] eu terei tido uma fase [...] entre os 8-9 anos, que era mais - mas eu acho que era mais a questão do meu irmão, do **modelo do meu irmão** [...] mais maria-rapaz, mais...esse modelo [...] ainda que eu possa ter uma fase mais maria-rapaz, eu associo isso muito mais à influência do meu irmão, e é **um modelo que tinha**, percebe?

E.: O seu irmão foi um modelo?

Inês: Em alguns aspectos...com certeza, até porque **eu achava o meu irmão fantástico**, percebe? **Por outro lado, também ambicionava** [...] **algumas coisas que eu sentia que ele tinha privilegiadas com a minha mãe** [...]

Carolina

[...]

E.: Como é que recorda a sua vida?

Carolina:...acho que tive assim uma vida...mais ou menos normal, com umas atribuições de infância [...] vivíamos na terra da minha mãe [...] e **houve ali uma situação familiar que levou a que os meus pais...saíssem e se mudassem para a Marinha Grande**...portanto, eu **tinha...7 anos quando isso aconteceu** [...] houve ali um **período familiar complicado, que tem a ver com a relação dos meus pais**, que depois se reequilibrou, mais tarde. [...]

E.: Fale-me um bocadinho dos seus pais

Carolina: Hum...Os meus pais...Em que aspectos? Na relação comigo?

E.: Na relação consigo e na relação entre eles.

Carolina: Os meus pais **são um caso muito curioso** [...] ninguém os percebe, porque **viveram às turras grande parte das nossas vidas...mas não vivem um sem o outro, que é um bocadinho...é, é estranho, às vezes...para quem os conhece...houve ali um período da...minha infância, enfim, depois da minha irmã ter nascido, as coisas...nós temos 6 anos de diferença...as coisas...melhoraram um bocadinho...o nascimento da minha irmã foi uma coisa muito marcante para mim** [...] porque, se calhar projectei na minha irmã uma série de coisas **que me faziam falta... porque os meus pais andavam demasiado ocupados com os problemas deles** [...] os meus pais tiveram esse período da relação deles muito complicado [...] houve ali uma fase quando eu tinha verdadeira consciência daquilo que se passava entre eles, que eu não percebia porque **é que eles estavam juntos, portanto, não fazia...não fazia muito sentido...mas foram, foram passando por diversas fases, foram resolvendo...algumas questões e o que é certo é que se mantiveram sempre juntos...depois a minha mãe adoeceu** [...] uma doença grave, que é crónica, que é uma neuropatia periférica, por causa da diabetes, enfim, tem uma série de complicações que recentemente levaram à amputação de um pé, portanto, tem de facto complicações graves. E...**tornou-se durante um longo período da vida dela, muito dependente de toda a gente**, porque deixou de andar e etc, e **de facto o meu pai foi absolutamente essencial** [...] na doença dela...**esteve sempre ali...depois ela melhorou, depois piorou, enfim, tem sido uma sobrevivente, uma lutadora**, tem...tem lutado imenso [...] está **muito envelhecida, muito debilitada**, embora...seja relativamente nova...e **o meu pai esteve sempre ali, e a vida deles tem sido isso**, quer dizer, eles...e então recuando...ainda este fim de semana comentava...com a minha irmã, porque eles pareciam estar muito próximos [...] e estavam muito...atentos...**atenciosos um com o outro e de vez em quando dá-lhes para isto, [...] estão juntos há cinquenta anos e é assim uma coisa de resistência estranhíssima, porque...de facto não vivem um sem o outro, e isso é...é estranho, conhecendo aqueles dois como...como nós conhecemos...mas tenho com eles uma boa relação**. Eu sou...assim na família [...] sou um bocadinho diferente dos meus irmãos, porque sou vista um bocadinho por toda a gente como o espírito mais racional da família, faço um esforço enorme para não transportar os meus problemas para eles e sou muito...mediadora, quando alguma coisa acontece...e [...] **esta tranquilidade que é para mim absolutamente essencial, tem a ver com o facto de estar longe, eu seria incapaz de voltar para perto dos meus pais, gosto muito de lá ir, gosto muito de estar com eles, mas preciso...desta distância para estar tranquilamente, não aguento estar assim muitos dias seguidos ali, aquilo é tudo demasiado confuso para mim** [...] têm as coisas todas muito à flor da pele, a doença da

minha mãe contribui para isso, a...alguma irritabilidade, quase constante [...] que me faz alguma impressão. [...] é fundamental para o meu equilíbrio, para a minha tranquilidade [...] acho que isto foi uma coisa que eu ...demorei algum tempo a conquistar, porque mesmo aqui, mesmo já depois de estar em Lisboa...eu sentia que nunca conseguia desligar...nunca conseguia desligar daqueles problemas...da doença da minha mãe, que é obviamente uma coisa que me afecta também...a **minha relação com a minha mãe é uma coisa...que eu não sei muito bem se tenho bem resolvida, até, é uma coisa estranha porque...eu acho que isso tem a ver com aquele período da minha infância em que...a **tive muito distante de mim, muito centrada nas coisas dela [...] se calhar, eu guardei durante muito tempo essa...essa...essa falta...e portanto precisei deste distanciamento, se calhar para me reequilibrar [...]****

E.: Portanto disse-me que houve ali um período que a sua mãe esteve mais distante de si...porque teve mais problemas com o seu pai?

Carolina: **Sim, sim...é coincidente**, sim. Quer dizer, de mim e dos meus irmãos, a grande diferença é que eles eram mais velhos...eram mais velhos e todos rapazes e...

E.: E isso coincidiu com o nascimento da sua irmã...? É anterior ao nascimento da sua irmã...

Carolina: Coincidiu com o nascimento da minha irmã, porque a minha irmã foi assim uma espécie de tentativa, aquela coisa estúpida, embora...de...de...de...

E.: Salvar o casamento?

Carolina: Salvar o casamento. Portanto, foi, foi, foi. Ainda bem. Quer dizer, não sei se salvou, mas ainda bem, salvou, com certeza. Salvou-me a mim, eu acho. Eu acho que naquela altura, ela me salvou a mim...Mas eu, eu não tinha consciência disto, aliás, **durante muito tempo...durante a minha adolescência [...] eu...transferi para o meu pai a responsabilidade de tudo aquilo que aconteceu, e tudo aquilo que acontecia...e não percebi como [...] tivesse ele alguma responsabilidade...no desequilíbrio emocional da minha mãe, em que as coisas tivessem acontecido e durado de determinada forma...e portanto, também foi preciso eu repensar a minha relação com o meu pai**

E.: Quando era miúda, atribuía a responsabilidade ao seu pai?

Carolina: Era, era, era. E **depois comecei a pensar nas coisas de uma outra forma. Mas...mas foi preciso esse afastamento, esse distanciamento. [...]**

E.: Olhe, como é que vê a sua mãe? Como é que a descreveria?

Carolina: [...] eu acho que a minha mãe é uma lutadora, é das pessoas que eu...mais admiro [...] porque é uma mulher que tem passado por coisas, nomeadamente esta questão da doença, que...é triste, mas se calhar é mesmo verdade, quer dizer, a doença da minha mãe ou as doenças da minha mãe são...aquilo que de importante existe na vida dela, desde...que ela é doente...e ela é uma resistente, é fisicamente extraordinariamente resistente [...] E eu acho que esta resistência física dela tem muito a ver com outras resistências [...] Que ela tem. [...] eu admiro imenso isso...mas [...] é uma mulher profundamente desequilibrada, [...] emocionalmente muito instável...muito [...] carente. Isso tem a ver, provavelmente, com o facto de ela ter perdido a mãe muito cedo...e eu acho que ela nunca se recompôs disso, eu acho que há ali uma...falta [...] que ainda hoje existe e é uma espécie de...buraco que ela não... nunca conseguiu preencher. E acho que [...] nem os filhos...acho que não. [...] ela actualmente vive demasiado [...] centrada nos problemas dela, na doença dela...e agora percebo que [...] faz muito sentido.

E.: Como é a sua relação com ela?

Carolina: [...] exteriormente é boa...familiarmente, socialmente, é boa, cordial, a minha mãe é uma mulher...comigo - não sei se é comigo especialmente - eu acho que, eu tive o...problema de viver nesse período em que ela estava mais instável, que eu tinha 5-6 anos [...] ela é uma mulher pouco carinhosa...e eu acho que senti durante muito tempo essa falta [...] o que me leva a mim a não conseguir ser muito carinhosa também com ela e é uma coisa que eu tenho pena, porque eu às vezes até gostava de...ser de outra maneira.

E.: Mas acha que há ali uma barreira que é difícil de transpor...

Carolina: Acho, acho. Acho que está melhor...mas acho que há ali uma barreira [...] que eu nunca consigo transpor. [...] não sei se...eu própria me impus determinadas barreiras, determinados limites [...] mas há ali uma barreira que eu não consigo de facto ultrapassar. E embora esteja muito melhor e embora racionalmente olhe para as coisas...às vezes gostava que fosse diferente [...] ainda não consigo, às vezes, ser muito muito carinhosa com ela, por exemplo, não sou. Não é...não sou...não sou uma besta, não é nesse sentido, não sou, eu até sou uma pessoa querida...mas sinto que há sempre ali um limite que eu me imponho, sim, sim. E isto porquê? Porque...há períodos em que a minha mãe está...está doente, está de cama, e eu cuido dela e cuido dela com atenção, mas [...] não sou capaz de chegar e de...lhe dar um beijo, por exemplo, quando eu digo carinhosa é nesse sentido, não sou capaz de assim, instintivamente, fazer esse tipo de coisas, não faço, não faço, e se calhar às vezes ficava bem. Mas não sei se ficava bem para os outros ou se calhar era

eu que sentia falta disso, mas se eu penso nisso é porque se calhar sentia, não é? [...] por exemplo [...] houve um período, o primeiro que ela teve um desses internamentos mais...mais prolongados [...] que eu passei lá e que cuidava dela...e...e é nesses momentos que eu sinto...e eu cuidei dela, ali, de manhã à noite, ali sentada ao lado dela, mas não sou capaz de ter esse tipo de...de gestos, assim...não sou.

E.: Mas tem vontade de ter?

Carolina: Não sei.

E.: Pelo menos questiona-se...

Carolina: É. É. Não sei se tenho [...] mas...eu acho que há um mau estar...

E.: Sente que se tivesse esse gesto, seria estranho entre vocês, ou seria...

Carolina: Acho que sim.

E.: Não seria bem recebido?

Carolina: Não, bem recebido seria [...] Mas **ela também não tem comigo, quer dizer não há assim...às vezes...é...muito, muito raro.** Mas [...] porque é que eu noto isto? Porque **o meu pai é mais...afectuoso [...]** O meu pai sempre foi muito de se agarrar a nós e...de nos dar beijinhos [...] **ainda hoje faz isso, trata-nos...como umas crianças...e a minha mãe não.** E eu acho que [...] **se calhar em determinada altura eu achava que devia ser ao contrário...não sei porquê, isto se calhar não faz sentido nenhum, ou se calhar somos nós que herdamos uma série de...de preconceitos [...] de ideias pré-concebidas acerca das coisas, [...] mas pronto, a relação com a minha mãe...é uma coisa estranha na minha vida...é uma coisa estranha na minha vida** por isso, porque eu acho que há uma...há uma barreira qualquer entre nós...que eu ainda não percebo, mas que agora finalmente admito, e...pronto.

E.: E o seu pai? Já me disse que ele é um bocadinho mais afectuoso, não é?

Carolina: Sim, sempre foi. [...] Quer dizer, agora somos todos crescidos e essas coisas, nota-se menos...mas sim, **sempre foi um bocadinho mais afectuoso [...]** provavelmente o problema está em mim, porque...**o meu pai irritava-me muito [...]** porque se agarrava muito a nós, [...] com o meu pai foi isso [...] **eu atribuía-lhe a responsabilidade de todos aqueles problemas [...]** apesar de ele estar muito próximo, foi ele que me ensinou a ler, **contava-me muitas histórias,** eu aprendi a ler muito cedo e foi...ele [...] **era muito paciente [...]** estava muito próximo, sempre [...] sempre falei muito mais com ele, sobre...tudo, sobre as coisas da escola, conversávamos imenso, sobre muitas coisas [...] e depois comecei a

perceber [...] se calhar ele não era...quer dizer, aquilo era aquele desequilíbrio da minha mãe...é que levou a que as coisas tivessem adquirido determinadas proporções...

E.: Porque é que lhe atribuía a responsabilidade?

Carolina: Ah, **porque o acontecimento foi ele ter tido outra mulher, porque havia um acontecimento concreto** [...] Portanto, **toda a desgraça da minha mãe, toda a desgraça que se abateu sobre a família tinha a ver com aquele caso em particular** [...]

E.: Como é que vê o seu pai?

Carolina: [...] **Não sei como é que ele teve tanta paciência, como é que ele, apesar de tudo...no meio daquelas coisas todas continuou...com a minha mãe, durante um grande período não percebia porquê,** o que é que o fazia estar ali [...] supostamente eram os filhos...acho que não eram só os filhos, **eles vão fazer cinquenta anos de casados agora, portanto, não eram só os filhos...**o meu pai [...] é um homem inteligente, interessante...em relação à...à minha orientação sexual foi absolutamente fantástico [...]

E.: Disse-me que mudaram de casa...mudaram de local de residência.

Carolina: Sim.

Eu: Numa tentativa de se afastar...

Carolina: Sim, sim, mudámos. Foi precisamente isso. Para perto, mas sim, de uma aldeia, de uma vila para a cidade...a vida aí mudou, mudou um bocadinho, sim.

Eu: Mas logo na altura souberam o que se passava...

Carolina: Sim, todos nós. Sim, sim.

E.: E disse-me que sentiu que a sua irmã...que o nascimento da sua irmã tinha sido uma salvação para si?

Carolina: Sim, porque...porque **nesse período conturbado em que eu me sentia muito sozinha e muito...muito responsável pela minha mãe...que é uma coisa estranhíssima, mas de facto...era verdade...** passei eu a ser, a sentir-me responsável por alguém...que de facto precisava de mim ali [...] mesmo depois, quando...**quando os problemas dos meus pais reacenderam, durante esse período da adolescência...**a forma como eu lidava com eles era muito diferente [...] o que eu tinha era de proteger a minha irmã do resto

E.: Portanto, houve novamente um período conturbado mais tarde?

Carolina: Houve. Houve, mas durou pouco tempo. Durou pouco tempo...não sei, quer dizer, havia assim umas crises, coisas de um dia ou dois, depois passava...depois se calhar passado dois meses havia outra vez, coisas de um dia ou dois, depois passava, foi isso...eu sei que **a relação deles sempre foi assim uma coisa muito...muito agitada.**

[...]

Carolina: [...] foi a mãe dela que...contou à minha mãe, resolveu assim um dia abrir os olhos da minha mãe, e dizer-lhe, “não, elas não são nada só amigas [...] foi um drama, para a minha mãe. [...] telefona-me o meu irmão, a dizer que a minha mãe estava completamente de rastos, porque tinha descoberto tudo. E aquilo para mim era uma coisa absolutamente ridícula, porque...quer dizer...o que é que ela tinha descoberto? Era uma coisa tão...tão evidente...durante todos aqueles anos...e os meus pais tratavam a Catarina como se ela fosse uma de lá de casa [...] e os pais dela a mesma coisa [...] Eu acho que ela não queria saber [...] Até porque se ela efectivamente não soubesse, não lhe tinha passado...num espaço de tempo tão curto [...] O drama...o choque...portanto, ela...claro que sabia [...] Fez o drama. E então - e aí de facto **entra o meu pai...nessa noite** [...] o meu irmão telefona-me a dizer [...]“eu vou-te buscar e...vou-te levar, mas tens de vir cá falar com a mãe” [...] o meu irmão chega...[...] e quando eu...desço as escadas [...] estão o meu irmão e o meu pai [...] e entrei no carro e o meu pai foi a falar até à Marinha Grande, e **foi-me a contar aquilo que tinha sido o percurso dele desde o dia em que - tinha eu 15 anos - o pai da Catarina tinha ido falar com ele** [...] E então disse-me que, durante todos esses anos [...] eu tinha...22 [...] aquilo que ele tinha feito tinha sido aprender...a viver com isto...e aprender a olhar para mim e a ver todas as outras coisas que eu era para além disto e que eu era muito mais coisas para além disto...e que...mas que tinha sido um processo difícil e muitas vezes doloroso, e solitário, porque nunca foi...capaz de falar sobre o assunto...com ninguém. Isto foi uma conversa absolutamente marcante para mim [...] foi...absolutamente surpreendente [...] esta conversa com o meu pai...nem é esta conversa com o meu pai, é este monólogo do meu pai, porque ele não me deixou dizer nada...eu não disse rigorosamente nada [...] o meu irmão não disse nada, ele foi todo o caminho a falar...**contou-me...imensas coisas sobre ele e sobre aquilo que tinha sido o percurso dele, sobre os problemas que tínhamos tido, sobre a forma como para ele os filhos eram importantes e como tinham sido importantes ao longo da vida dele toda...e que achava que isto era uma coisa que a minha mãe também ia aprender**, e portanto **para eu não me preocupar, porque achava que a minha mãe ia...perceber também**, que se calhar podia demorar um bocadinho, mas ele também tinha demorado muito tempo, e [...] havia uma coisa...que ia facilitar um bocadinho [...] é que a Catarina, apesar de tudo, fazia parte daquela família e [...] quando ele soube, para já eu tinha outra idade...e...ele não sabia o que ia acontecer, mas que agora [...] eu era uma mulher adulta

e...que a Catarina [...] gostavam imenso dela, era uma pessoa importante para eles também e para a família...e que portanto que...que...tinha...**para eu ter paciência com a minha mãe,** porque...porque a minha mãe ia...perceber também.

[...]

Carolina: [...] ter vindo viver sozinha [...] foi uma coisa que eu quis muito...e que não estou nada arrependida [...] foi um período importante para mim, porque...**olhei para mim...de uma forma que nunca tinha olhado,** que nunca me tinha visto assim [...] **porque nunca tinha estado assim sozinha**

E.: Mas foi um período de reflexão?

Carolina: Foi, foi. Claramente. **Um período de reflexão,** sim [...] **a questão da relação com a minha mãe, foi uma coisa que eu pensei...muito...repensei** muita coisa [...] foi um período em que...no princípio custou-me, esta coisa de estar sozinha...porque...não estava habituada...e foi uma coisa que eu fui aprendendo[...] e que me fez muito bem...

[...]

E.: Porque é que foi a sua opção agora de viver sozinha?

Carolina: [...] eu aos...aos trinta anos tive assim uma espécie de crise existencial, que achava que a minha vida era perfeita e isso causava-me algum desconforto, isto pode parecer ridículo, mas é mesmo verdade [...] eu tinha...uma casa fantástica, num sítio que eu adorava, uma casa linda, para a qual trabalhei muito...tinha...uma namorada, que os meus pais...aceitavam...viajava imenso [...] tinha dinheiro [...] e **faltava-me qualquer coisa...e...não percebia o quê**

[...]

E.: Olhe, há assim algum episódio de infância que recorde em particular?

Carolina: [...] nesse período mais difícil lá em casa...lembro-me muito bem, lembro-me de muitas coisas...a minha mãe, **as cenas que a minha mãe fazia,** lembro-me imenso dessas coisas...

E.: Quando fala de cenas, é...é de discussões?

Carolina: Sim, é de **discussões, gritaria e não só** [...] **a minha mãe...saía de casa para se matar, e dizia que se matava, e isso eram coisas que me perturbaram durante muito tempo,** sim.

E.: Era nessas alturas que achava que tinha que a proteger?

Carolina: Sim, sim.

E.: E em relação ao seu pai, nessa altura, achava que era melhor que ele tivesse...saído?

Carolina: Achava [...] Sim, quer dizer, **as discussões eram sempre entre eles**, não é, portanto eu achava que tinham que acabar com aquilo, sim, sim. **Durante muito tempo não compreendia...porque é que eles insistiam com aquilo.**

2ª entrevista

Carolina: Um dos meus irmãos, é heterossexual [...] tenho a certeza que nunca teve dúvidas quanto à sua orientação sexual e **é dos homens mais femininos e mais efeminados que eu conheço** [...]

E.: Porque é que o seu irmão é feminino?

Carolina: [...] mas é de tal maneira que os filhos brincam com ele e lhe chamam princesa [...] **é feminino porque é muito sensível**, [...] **é muito educado**, os homens normalmente não são tão educados [...] este tipo de coisas, **muito cuidadoso**, muito...lá está, lá estamos nós...à espera que estes comportamentos sejam mais [...] habituais nas mulheres que nos homens. Quer dizer, é nisto que somos todos educados [...] **É o meu irmão que gosta de tratar da casa, é o meu irmão que se preocupa com a casa, é o meu irmão que se preocupa com...as coisas dos miúdos, que mostra efectivamente uma sensibilidade** [...] e não é que a mulher não tenha [...] não é...por contraste [...] é porque de facto não é habitual [...] e os homens na minha família não são particularmente machistas [...] sempre fizeram coisas em casa, às vezes podia-se notar mais nele por isso, não é?... por ser diferente dos outros...mas não é, os homens sempre fizeram coisas em casa...o meu pai...sempre os vimos a tratar da roupa e da casa e não sei quê...

E.: Eu lembro-me de a Carolina me dizer que a dada altura até achou que o seu pai tinha um papel que se calhar devia de ser o da sua mãe.

Carolina: Humhum...sim.

E.: Portanto também lhe atribuiu...

Carolina: Sim. [...] **Porque foi mais atento...porque a minha relação com a minha mãe era... mais próxima...enfim, ela não era mais próxima, de facto...mas, pelo menos, passava mais tempo com ela...são normalmente as mães que...reparam nessas coisas** [...] Nas alterações de comportamento ou de...mas a minha mãe vivia demasiado centrada nela, aliás, eu acho que ela não reparou por isso...portanto [...] **foi o meu pai...que foi o pai...compreensivo, que fez primeiro esse percurso, de tentar compreender** [...] os casos que eu conheço, mesmo os casos em que as famílias aceitam, normalmente o percurso faz-se ao contrário, ou seja, é a mãe que convence o pai que...que aquilo não é uma

tragédia, não é? E aqui foi exactamente o contrário, foi o meu pai quem convenceu a minha mãe que isto não era uma tragédia. Foi provavelmente isso que eu disse. **Foi o meu pai que teve uma conversa...uma grande conversa...**

E.: Sim, eu lembro-me de me ter falado nisso, mas lembro-me também que me disse que...na sua infância às vezes o seu pai até a irritava por ser...

Carolina: **Mais carinhoso**, sim, sim.

E.: Porque achava que as coisas às vezes eram um bocadinho ao contrário.

Carolina: Sim, sim. Claramente.

E.: Portanto, de certa forma também atribuiu...um papel...também fez uma aí dicotomia...entre o papel materno e o paterno...

Carolina: Sim, sim. talvez. [...] **isso é verdade, sempre foi o meu pai a ser muito...muito de beijinhos e abraçinhos [...] e a minha mãe nunca foi...nunca foi assim...nos últimos anos diferente, sim [...]** já depois da morte dela descobri [...] **umas...aquelas cartas, postais, coisas do dia da mãe...que ela tinha religiosamente guardadas em caixas e caixas, e que nós não fazíamos a mínima ideia que existiam [...]** nós sabíamos que a minha mãe escrevia, mas...não tanto. [...] mas noutra dia [...] inesperadamente, porque foi já...dois meses depois, descobri um...desses cadernos, estava num sítio...diferente dos outros, em que **ela escreve um texto para mim, uma espécie de...carta de agradecimento**, escrita em...2006, que foi um período em que ela esteve...fez um internamento prolongado, eu estive lá...enfim, com ela...e em que **ela diz coisas de facto muito...muito bonitas a meu respeito, mas nunca me disse.** E portanto, **tal como ela nunca as disse...quer dizer, disse ali, mas...eu também nunca lhe tinha dito [...]** é esquisito [...] ela era uma pessoa muito...muito dada aos outros, muito...dedicada aos outros...mas depois, **connosco, não, nunca foi, nunca foi muito...esse papel sempre foi do meu pai [...]** sempre foi o meu pai que foi mais...mais carinhoso [...] **a minha mãe nunca foi assim...nunca foi...de nos dar beijinhos...nunca [...]** e eu sempre fui de facto a mais distante dos quatro...também nessas coisas, mesmo nos últimos anos, **embora nos últimos anos [...]** a minha relação com ela fosse...uma coisa finalmente [...] a resolver-se [...] **tinha uma relação diferente com ela...que [...]** para isso **contribuiu o meu afastamento**, porque se eu tivesse continuado mais perto, a coisa tinha sido mais complicada [...] por exemplo...eu notei quando a minha mãe [...] ao telefone, me chamou assim, do nada **“querida”, e isso foi uma coisa que eu “olha, esta agora...está-lhe a dar qualquer coisa, o que é que lhe deu hoje?” [...]** porque ela não era assim, de facto. [...] a última vez que...falei com a minha mãe [...] em que ela estava perfeitamente bem [...] eu tinha dado uma

entrevista para uma estação de televisão, nesse dia, a propósito de um...projecto [...] que eu ganhei [...] e a minha mãe ligou-me à noite, toda contente, claro, toda babada e pronto...e disse-me coisas que nunca tinha dito, que nunca tinha dito daquela maneira, ela estava mesmo genuinamente muito contente com aquilo [...] e **eu fiquei muito contente**, disse **“olha, realmente, esta deu-lhe agora para isto”** [...] mas pronto, [...] de facto...**o meu pai era mais carinhoso, beijinhos e essas coisas, e de dizer “gosto muito de ti”**, essas coisas...eu quando li estas coisas que eu escrevi à minha mãe em criança, não me lembrava de nada disto.

E.: Não se lembrava? Foi uma parte que quase tinha desaparecido?

Carolina: Completamente. Quase...eu não me reconheço, ali. Não tinha nada [...] disto...presente [...] Mas pronto, ainda bem que fui uma criança normal. Fico mais descansada, pronto, afinal eu fui uma criança normal.

E.: Achava que não tinha sido?

Carolina: Acho que não fui uma criança muito normal...ainda acho.

E.: Porquê?

Carolina: [...] **Porque sempre tomei mais conta dos outros do que os outros de mim...nomeadamente...da minha mãe. É...sempre achei isso... e quando li agora [...] esse texto dirigido especificamente a mim, que a minha mãe escreveu propositadamente para que soubéssemos, quando ela morresse - e já foi há não sei quantos anos [...] ela diz, nesse texto, que me viu, durante esse período, e a vida toda, como uma mãe, portanto, ela tinha consciência de que as coisas estavam ao contrário.**

E.: Que os papéis estavam invertidos?

Carolina: Sim. [...] Eu...**eu não estava errada**, portanto, **ela tinha consciência disso. Mas isto [...] foi há...meia dúzia de anos, portanto, eu já era crescida**

E.: Portanto, quando me diz que não era...que não foi uma criança normal, está-me a dizer que não a deixaram ser uma criança normal? É isso?

Carolina: Eu acho que tinha algumas características...que eram um bocadinho diferentes das crianças da minha idade [...] mas isso **teve muito a ver também...com aquele período complicado da vida da minha mãe em que efectivamente, era eu tomava conta dela. E pronto, quando se tem 6, 7, 8, 9 anos, portanto, tem que ser ao contrário. E acho que depois o percurso que eu tive que fazer, já na idade adulta, para me...para arrumar esta cabeça em relação a isso.**

[...]

E.: Eu lembro-me que me disse que precisou desta...quebra...deste estar sozinha, que foi um período de reflexão na sua vida?

Carolina: Foi. Foi.

E.: Portanto, só consegui fazê-lo estando sozinha? É isso no fundo que me está a dizer?

Carolina: É. É.

E.: Só consegue pensar em si quando está sozinha?

Carolina: [...] **Eu acho que quando estou com os outros...não penso em mim.** [...]

E.: Mas tem a ver com...com o preocupar-se com os outros, ou o...não mostrar a sua fragilidade?

Carolina: Não...não sei, porque eu acho que não tenho problema nenhum em mostrar a minha fragilidade, eu queria mesmo que fosse diferente [...] houve um dia no verão que senti uma coisa...muito...foi o primeiro dia que [...] eu chorei pela primeira vez [...] sóbria, teve a ver com uma...com uma sensação que me recordou a infância, que me lembrou a minha mãe [...]Eu passava períodos de férias com os meus tios e os meus avós, no verão, na praia [...] e era uma coisa que eu adorava, ia porque queria, porque...eu adorava. Mas havia ali um período, que era ao final da tarde, que era quando nós regressávamos da praia, para tomar banho, e aquilo era sempre uma alegria, os primos todos juntos, em que se sentia aquele friozinho bom da praia...em que **eu me sentia sempre triste, sempre com saudades da minha mãe...A minha mãe [...] foi a única pessoa, a minha vida toda, de quem eu sempre tive saudades, quando...estava fora...desde miúda.**

Sandra

[...]

E.: E a sua família? Err...o que é que me pode contar da sua família?

Sandra: [...] Em relação aos meus pais [...] **eu só vivi com a minha mãe e o meu pai até aos 2 anos...não tenho memória nenhuma de infância do meu pai porque só o conheci aos 18 anos,** e portanto, **vivi sempre com a minha mãe...que entretanto voltou a casar, portanto, eu fui criada pela minha mãe e pelo meu padrasto...nalgumas alturas [...] vivi algum tempo com a minha avó,** naquela altura mais complicada que os meus pais não vieram logo para Portugal e **eu vim e fiquei a viver com a minha avó...depois voltei a viver com a minha mãe e com o meu padrasto, até à altura em que vim...estudar para Lisboa, portanto, até aos 18**

anos...foi na altura também em que conheci o meu pai biológico...que não foi grande ideia porque...não nos demos nada bem [...] no fundo a minha família, digamos que assim mais de referência, será a minha mãe, o meu padrasto, a minha avó
[...]

E.: ...fale-me então um bocadinho da sua mãe e do seu padrasto. Como é que era a relação entre eles, como é que era a sua relação com eles.

Sandra: [...] com a minha mãe foi assim um bocadinho...pouco pacífica, digamos [...] porque eu acho que ela...a relação entre ela e o meu padrasto também não é... - aliás, neste momento, é péssima - mas na altura em que eu era criança, eu acho que fui sempre um bocado crítica em relação àquela relação, digamos assim, porque não achava muito... saudável, digamos assim. Eu acho que o meu padrasto sempre tratou a minha mãe como se ela fosse uma criança...e...como eu achava um bocado mal ela aceitar esse tipo de tratamento - portanto, a minha mãe é daquelas mulheres que não trabalhava [...] portanto, houve sempre assim um certo conflito. E depois a minha mãe fisicamente é muito diferente de mim e é muito...como é que eu hei-de dizer isto?...sem entrar muito em estereótipos...a minha mãe é aquela pessoa que se levanta, e que demora uma hora para sair de casa, porque tem que conjugar a roupa interior com a exterior, tem que conjugar os sapatos com a carteira, tem que maquilhar, tem que ver se o cabelo está...e sempre foi assim, sempre a conheci assim, que é exactamente diametralmente oposta a mim, que acordava 5 minutos antes de sair de casa...lavava a cara e estava a andar...que ainda hoje sou mais ou menos assim...e isso [...] sobretudo na adolescência [...] era muito conflituoso, porque ela por um lado, tentou, na medida do possível, fazer de mim a menina que ela queria ou que ela sonhava e que eu não era [...] E por outro lado, havia assim aquela...eu acho que a certa altura...também havia ali assim um certo tipo de competição, não, não era competição, da minha parte não era bem competição, era um pouco eu saber que a minha mãe é que era bonita, é que era vistosa, e que eu era uma espécie de patinho feio que ninguém queria, ninguém ligava...e sobretudo eu acho que...hoje - mas isso já estou eu a analisar um bocado - que...talvez eu não me sentisse muito valorizada, porque a minha mãe não valorizava aquilo que para mim era importante, que era, sempre fui muito boa aluna ...gostava muito de ler...era extremamente...eu acho...aliás eu hoje até acho que até era demais...era extremamente competente em termos de...cuidar da casa, fazer refeições, tratava do meu irmão, essas coisas assim.

E.: E a sua mãe não valorizava nada disso?

Sandra: Eu achava que não...claro que [...] hoje...à distância, eu acho que ela valorizava, mas, na altura, eu tenho a noção que não.

E.: Então, criticava-a muito pelo...pela sua...?

Sandra: **Pelo meu desleixo, pronto.**

E.: Pelo seu desleixo...portanto, pela sua aparência, é isso?

Sandra: Sim, sempre fui gordinha...e [...] não me preocupava se o cabelo estava para trás se estava para a frente, se...a roupa combinava...muito bem ou mais ou menos...e eu acho que **ela criticava...e ao mesmo tempo que ela me criticava a mim, isso eu também criticava o excesso dela, porque achava que aquilo era [...] parecia uma árvore de natal, e eu não tinha paciência para isso [...]** por outro lado, **eu acho que sempre...a ajudei bastante a ela ...nos ajudámos, não sei se era assim tão recíproco...mas eu, sobretudo...sempre acho que a ajudei...muito e até a compreendia de certo modo, porque eu achava que aquela relação que ela tinha com o meu padrasto [...] para mim, aquilo não fazia sentido, porque eu nunca me imaginei com uma pessoa...que mandasse em mim e que....dispusesse e que fosse o único exclusivo, o dono do dinheiro de casa e essas coisas assim. Portanto eu acho que eu também cresci um bocado contra isso tudo...Em relação ao meu padrasto, curiosamente a nossa relação nunca foi muito má [...]** ele sempre foi extremamente exigente comigo, muito mesmo...mas ele já era exigente em tudo, quer dizer, **ele não estava preocupado se as minhas calças combinavam com os sapatos ou coisas do género...mas era exigente em termos escolares, e em termos de comportamento**

E: E aí correspondia mais...àquilo que ele...

Sandra: Exacto. Talvez por eu corresponder mais...**se bem que era muito difícil corresponder, porque ele era mesmo extremamente exigente**, era o tipo de pessoa que...eu tinha 99 e ele me perguntava porque é que eu não tinha tido 100. Só para ver o estilo. [...] foi assim um bocado esse grau de exigência, mas por outro lado [...] **eu sentia que quando ele falava de mim a outras pessoas, mesmo estando eu presente, era com uma certa vaidade, que [...] não senti tanto na minha mãe. Por isso, apesar de eu não aprovar muito o relacionamento deles [...]** e a partir de uma certa idade, **praí a partir dos meus 14 anos, passei a sentir uma coisa...é que ele respeitava-me mais - e eu acho que isso é até hoje - respeitava-me mais e ouve mais aquilo que eu digo do que, por exemplo, se for a minha mãe a dizer. Se for a minha mãe a dizer, ou estar calada, é rigorosamente o mesmo.**

E.: Respeita-a mais a si do que respeita a sua mãe?

Sandra: Sim, eu sempre senti isso, mesmo quando eu estava em casa, e tinha 14, 15 anos...portanto o nosso relacionamento é um bocado assim, ainda hoje, é engraçadíssimo porque ele chega a minha casa, estamos durante uma hora a discutir...ele a tentar impor o ponto de vista dele, eu a dizer que não, não é nada assim, eu não imponho o meu, mas digo que não concordo e que nunca vou concordar, ao fim de uma hora, ele diz, “pois, realmente temos pontos de vista diferentes”, e pronto e acaba-se a conversa e ficamos na mesma...**ficamos bem, muito bem dispostos e ele vai todo feliz, porque lhe deram atenção [...]** Mas...de facto é uma pessoa extremamente rigorosa. Eu não saía para lado nenhum, eu não me atrasava dois segundos sobre a hora marcada a ir para casa, era muito, muito rigoroso.

E.: E a sua infância... Como é que foi?

Sandra: [...] a infância para mim é muito limitada, é até aos 10 anos, a partir daí já não lhe chamo infância, de forma nenhuma. [...] foi muito complicada. Porque foi muito a mudar de sítio. Porque eu vivi [...] eu até aos 2 anos que devo ter vivido com a minha mãe e o meu pai, não me lembro rigorosamente de nada

E.: Eles separaram-se, portanto?

Sandra: Sim, separaram-se, e acho que foi uma coisa muito conflituosa, de que eu devo ter algumas marcas, mas que não tenho lembranças...Depois [...] lembro-me de estar com a minha mãe e com o meu padrasto em Angola, portanto são as primeiras lembranças assim que eu tenho...aos 4...5 anos [...] na altura eu pensava que o meu padrasto era meu pai, portanto, via-o como pai [...] não foram muitos anos, foram [...] dois anos [...] nós vivíamos num sítio mesmo muito interior e [...] tenho óptimas memórias [...] porque [...] era um espaço muito bom, de muita liberdade, de andar descalça, de...andar na natureza e com os bichinhos [...] lembro-me de andar muito atrás do meu pai...quando ele ia para a caça [...] entretanto foi a altura em que nasceu uma irmã minha - curiosamente eu sei que havia muitos problemas entre os meus pais nessa altura, sei porque me disseram mais tarde, mas eu não me lembro, portanto eu acho que com aquela idade eu nem sequer estava preocupada com o que é que eles faziam ou deixavam de fazer...não me lembro...

E.: Portanto, não transparecia...esses problemas não transpareciam para fora? Para si?

Sandra: Não, pelos vistos deviam transparecer...não é? Eu é que não estava ligada a isso, não me lembro rigorosamente de nada, lembro-me de as pessoas contarem, agora.

E.: Mas não se recorda nem de discussões, nem de...

Sandra: Não. **Mas eu sei que elas haviam, mas eu não me recordo. Aliás, dessa altura, recordo-me mais das coisas passadas comigo, directamente [...]**

E.: Olhe, e como é que era a sua mãe? Como é que descreve a sua mãe? Pronto, tirando o facto de realmente ser uma pessoa que cuida muito da...do aspecto, da imagem...

Sandra: [...] eu tenho...uma teoria [...] **eu sempre achei que não se pode dar aquilo que não se recebeu**, e que de facto **a minha mãe foi uma criança que não cresceu...porque...de facto também teve uma infância muito difícil, foi criada só pela minha avó...o pai da minha mãe [...] era uma pessoa com problemas psiquiátricos graves, que esteve internado quase a vida toda, portanto a minha mãe era muito pequenina quando a minha avó ficou sozinha, porque ele foi internado numa instituição...depois tinha um problema mental que era agravado pelo consumo de álcool e se tornava muito violento, portanto a minha mãe, viu a mãe ser espancada, coisa que eu felizmente nunca...vi....foi ela própria agredida pelo pai...e portanto e depois cresceu com uma mãe que, como estava sozinha e estamos a falar em mil novecentos e troca o passo [...] Fechou completamente a filha.** Ora o que é que a minha mãe faz? Para escapar a este fechamento, porque depois [...] **era fraca aluna...**e apesar de a minha avó a ter mandado estudar, ela **não estudava...**e segundo consta, olhava mais para os rapazes do que aquilo que estudava...isto com 13-14 anos, e a minha avó acabou por desistir da história dos estudos, e portanto...a minha mãe não estudava, ficava fechada em casa, sem sair para lado nenhum, claro que **a maneira de se sair daquilo em mil novecentos e sessenta e pouco, era casar, foi exactamente o que a minha mãe fez, com uma péssima opção de casamento...também, curiosamente, repetindo o padrão, um homem violento, um homem...**

E.: o seu pai...o seu pai biológico?

Sandra: Sim, **um homem completamente descompensado...com problemas também...- engraçado, sem graça nenhuma - com problemas também do foro psiquiátrico, de facto é.... - eu nunca tinha pensado nisto...neste padrão, realmente repete-se...de uma maneira um bocado estranha** - e eu só digo que **não se pode dar aquilo que não...não se recebeu [...]** se calhar não é bem assim porque eu [...] depois rompi completamente esse padrão...mas pronto, se calhar também porque não fui educada nele, não é? ...pelo menos, tanto tempo como a minha mãe, que já teria 7 ou 8 anos quando a minha avó se separou [...] estava a colocar isto por... causa da minha mãe...pronto e eu acho que ela mesmo ainda hoje é uma pessoa [...] **eu não diria que ela é uma pessoa fraca, porque eu acho que em muitos aspectos ela até demonstrou bastante força, ao longo da vida dela, mas eu penso é que é uma pessoa...com [...] pouca combatividade [...] que se...conforma muito com as situações e...deixa andar...e pronto, desde que tenha o mínimo de conforto, vai-se aguentando [...]** é curioso que ela separa-se

de um homem, que [...] era extremamente [...] violento, era...descompensado, que era o meu pai biológico, depois acaba por...casar com um outro homem, que foi o meu padrasto, que não é, não é uma pessoa violenta, é uma pessoa até bastante calma, pacífica, mas que, é muito controlador...e que é muito...é assim, as coisas têm de ser como ele diz, como ele quer...é assim, e eu para mim, aquilo nem...nem três dias

E.: Acha que é uma postura submissa da sua mãe?

Sandra: Muito, isso. E ainda hoje, por exemplo, **ele não a agride fisicamente, mas verbalmente aquilo é do piorio, e com os anos foi-se agravando...**e eu digo sempre, eu não suportava nem duas frases destas, se fosse comigo, mas pronto, é este tipo de pessoa

E.: Olhe, e em relação ao seu pai biológico, é ela que se separa, foi ela que apesar de tudo conseguiu ter a...

Sandra: [...] eu penso que com alguma ajuda...da família [...] quando **percebeu que ela que não estava a ser bem tratada e sobretudo que eu também não estava a ser bem tratada. [...] a minha mãe era muito jovem, tinha 19 anos...**e eu penso que terão ajudado [...] isto na altura em que eu tinha 2 anos...e a minha mãe saíu do pé dele, porque entretanto [...] a minha mãe fez aquele disparate que ainda hoje infelizmente muita gente faz, que é - o namorado, que já é violento, que já agride, e a pessoa acha que mesmo assim, aquilo depois vai passar...obviamente que não passa e depois quando se tem filhos...acho que ele...eu não tenho qualquer memória, mas acho que ele me bateu uma vez a mim, eu teria um ano e tal...e pronto, e a minha mãe achou que era demais...porque é curioso, já agora, que estamos a falar da minha mãe, **ela tem essa característica...positiva**, digamos assim, pelo menos **eu sempre achei positiva**, é que pode ser de facto uma pessoa - por isso é que eu digo, é difícil dizer “ai, é uma pessoa muito cabeça no ar”, não, é. Mas depois, **por outro lado, é uma pessoa que lutou, que protegeu muito os filhos...que foi sempre capaz de dizer “não, enquanto me estão a agredir a mim, enquanto que me estão a ofender a mim, tudo bem, mas aos meus filhos não.”**

E.: Portanto, foi capaz de a defender a si.

Sandra: Exacto [...] Porque eu tenho a sensação que ela...**disse basta quando viu que a agressão já não era só para ela, mas era para a filha também.**

E.: Olhe, e essa sua avó? Foi a avó com quem viveu [...] dois anos?

Sandra: Não, foi mais. **Eu vivi muito tempo com ela. [...] umas vezes sozinha, outras vezes...com a minha mãe**, porque [...] quando a minha mãe se separou, [...] viveu durante

algum tempo com a minha avó [...] **entre os meus 2 e os meus 4 anos, vivemos na casa da minha avó, primeiro...acho que sempre só com a minha mãe**, porque eu acho que **só depois é que eles foram viver juntos, já comigo...**a minha mãe e o meu padrasto.

E.: Que idade tinha, quando a sua mãe voltou a casar?

Sandra: [...] **tinha 4**. E depois, portanto, até...**entre os 4 e os 7-8 [...] vivi com eles os dois** em Angola, **depois vim para Portugal e fiquei com a minha avó** [...] porque entretanto nasceu uma irmã que eu tive [...] quando eu tinha 6 anos, [...] que tinha leucemia, e que depois os meus pais foram com ela para a África do Sul tentar fazer algum tratamento, que depois não resultou, e **eu fiquei com a minha avó**, entretanto essa minha irmã morreu quando eu tinha 10 anos [...] **entre os...8 e os 10 eu vivi só com a minha avó**

E.: Portanto, tem poucas recordações dessa sua irmã?

Sandra: Sim, algumas

E.: Não viveu praticamente com ela, pois não?

Sandra: Não, mas tenho algumas recordações dela, sobretudo na altura em que ela morreu, porque foi a altura em que estivemos juntas um mês...e quando ela era bebé, lembro-me assim vagamente, eu acho que me lembro mais de ver fotografias do que propriamente lembrar...**lembro-me mesmo é da altura da morte dela, porque aí eu tinha 10 anos e, foi um mês um bocado intenso, não é? Estivemos ali a vê-la morrer, basicamente.**

E.: Como é que recorda esse tempo?

Sandra: [...] foi um bocadinho complicado [...] por isso é que eu digo que **acho que a minha infância acabou mesmo ali**, porque eu já tinha muito a noção de que de facto os adultos não percebem nada ou pelo menos não percebiam naquela altura aquilo que se passa na cabeça das crianças, porque os adultos achavam que eu não sabia o que é que se estava a passar e que...**nem sequer era sensível ao que se estava a passar**, claro que obviamente eles estavam muito concentrados no seu próprio problema, que é natural, mas foi um tempo um bocado difícil, e principalmente porque **eu depois me tornei muito difícil a seguir a isso, tenho a noção, que não facilitei a vida a ninguém, depois da morte da minha irmã.**

E.: Porquê? Culpou-os de...de a terem certa forma a terem posto à margem desse processo? De não terem percebido que...que para si também estava a ser difícil?

Sandra: Sim, exacto, **eles primeiro não perceberam...**e segundo [...] **as crianças são...penso que são muito...hábeis em captar o que paira no ar...**e eu sentia, por mais errado que isso

possa ser, **para mim a mensagem que passava é que nitidamente quem devia morrer era eu, não era ela...porque ela é que era a filha querida e é que era a menina como deve de ser...e eu estava ali um bocadinho a mais.**

E.: Sentiu isso?

Sandra: Eu sentia muito isso.

E.: Porquê? Porque é que acha que sentiu isso? Por eles se concentrarem tanto nela?

Sandra: Por um lado, pois, provavelmente por isso, e por outro lado, porque **eu já nessa altura tinha a noção de que eu era muito diferente daquilo que as pessoas queriam...ou seja, eu fazia sempre tudo ao contrário daquilo que as pessoas queriam...as pessoas queriam que eu fosse arrumadinha, eu deixava tudo espalhado, as pessoas queriam que eu vestisse vestidinhos bonitos e lacinhos, nem pensar [...]**a minha irmã acho que era um pouco mais [...] **era uma criança mais...dócil [...]** independentemente da doença, houve algumas alturas em que ela não estava doente [...] era de facto **a menina que arrumava os sapatinhos, que arrumava os brinquedos [...]** e obviamente que...**as pessoas faziam essas comparações [...]** portanto foi uma altura um bocadinho complicada, porque eu **depois a seguir a isso tenho a noção de que me tornei um bocadinho rebelde...**e que não deve ter sido fácil para eles, que tinham acabado de perder uma filha, estarem a lidar com aquela peste...

[...]

E.: Olhe, e essa sua avó, como é que é a sua relação com ela? Como é que foi a sua relação...

Sandra: A minha avó, mãe da minha mãe? [...] **eu gosto imenso da minha avó, aliás a minha avó para mim acaba por ser mais a figura de mãe, do que propriamente a minha mãe,** sobretudo nessa...nessa idade, até aos meus 10-12 anos, e mesmo depois mais tarde, porque **sempre me dei muito bem com a minha avó, ainda hoje...não sei, a minha avó...pronto, é [...]** a típica avó, não? A típica avó, que **tem mais atenção, dá mais atenção, tem mais cuidado,** embora também fosse bastante...rigorosa com algumas coisas, mas...e sobretudo muito preocupada, porque pronto, **tinha uma pessoa a cargo, que não era filha dela [...]** mas [...] **é uma pessoa muito calma, [...]** a noção que eu tenho da minha avó...e que [...] **a minha mãe era um bocado ao contrário [...]** a minha avó, por exemplo, **nunca castigava porque estava irritada, a minha avó castigava porque achava que tinha que castigar,** e era **extremamente justa,** eu sempre achei que a minha avó era muito justa, em termos de castigos [...] **nunca tive a impressão que...eu tinha muitas vezes com a minha mãe e muitas vezes com o meu pai...padrasto, de que estavam-me a castigar desproporcionadamente ou injustamente. Com a minha avó, nunca tinha essa noção.**

E.: Mas com eles, tinha?

Sandra: **Com eles, tinha, aliás a maior parte das vezes, eu acho que havia falhas de comunicação, pura e simplesmente...e com a minha avó não, quando a minha avó me castigava, normalmente eu sabia que tinha merecido...e era uma pessoa calma, era e é, uma pessoa calma...que ouve...**

[...]

E.: E a sua adolescência como é que foi? Foi um período difícil...complicado?

Sandra: [...] eu acho que foi um bocadinho aos altos e baixos. [...] **com os meus pais...pronto, com a minha mãe às vezes era coisas assim mais complicadas**, pronto, mas também [...] **eu não era assim propriamente um doce de pessoa...pronto, também tinha a minhas...mas por outro lado também comecei a perceber que se eu fizesse mais ou menos o que queriam, também não me chateavam muito...e então, comecei a...ter objectivos muito definidos, que era despachar-me da escola...e para mim estava quase...definido....que no dia em que eu acabasse a escola e pudesse ir trabalhar, adeus casa, adeus pai, adeus mãe, fiquem aí sossegadinhos, que eu vou à minha vida**, e de facto isso acabou por acontecer um bocado assim, e portanto eu acho que...eu **não me sentia muito à vontade lá em casa, não gostava do ambiente...não era...tanto que eu lembro-me que detestava os fins de semana**, gostava muito mais de ir para a escola estar com os meus amigos do que estar em casa, porque pronto, **o meu padrasto era de facto muito repressivo, depois discutia muito com a minha mãe, eu detestava aquilo...e pronto. Era um ambiente que de facto era tudo menos alegre, não gostava que eu tivesse pessoas lá em casa...os meus amigos...se fosse preciso ainda dizia alguma coisa mais disparatada...às minhas amigas...e eu...não gostava muito. Portanto, o objectivo mesmo era despachar-me e...saír de casa. [...]** uma vez isso definido...eu tentava mais ou menos...cumprir...

E.: Cumprir os mínimos?

Sandra: Não, e a partir de uma certa altura, não eram mesmo os mínimos [...] eu **gostava muito do meu irmão, o meu irmão nasceu quando eu tinha 14 anos, desde que o meu irmão nasceu, eu procurava...eu acho que eu fui um bocadinho...se calhar para ele...eu procurava, tratava dele...cuidava de tudo, fazia a comida...fazia imensas coisas em casa...**

E.: Encarregou-se dele?

Sandra: **Encarreguei-me muito dele, [...]** durante 3 anos, que eu depois fui-me embora, mas [...] até aos meus 17 [...] **durante esses 3 anos eu acho que foi muito...com base nele.**
[...]

E.: Mas apegou-se muito...na altura em que ele nasceu?

Sandra: [...] na altura eu era completamente...**eu adorava o meu irmão**. Aliás, eu lembro-me [...] de uns episódios completamente despropositados, principalmente olhando à idade que eu tinha...**eu era capaz de estar uma hora a olhar para o berço e chorava...mas não era por nada, era porque eu adorava aquela criancinha, era assim uma coisa, ainda hoje, é uma coisa que me comove...porque de facto o meu irmão era um bebé muito bonito...e pronto, aquilo para mim era [...] como se fosse meu filho, praticamente...aliás eu, tinha assim uma relação...eu não me chateava nada quando ia com ele à rua e as pessoas perguntavam se ele era meu filho...e eu dizia assim, não, é meu irmão...mas não me importaria nada que ele fosse meu filho, aliás, eu já nessa altura queria muito ter filhos**

[...]

E.: [...] Em relação aos seus filhos...como é que viveu o nascimento dos seus filhos, a relação com os seus filhos, como é que essa sua ambição de ter filhos, como é que isso foi vivido? Essa maternidade, como é que foi vivida?

[...]

Sandra: [...] eu fiquei feliz da vida [...] a partir do momento em que eu fiquei grávida, [...] acho que desliguei um bocado em relação àquilo que as outras pessoas diziam...se o pai queria, se o pai não queria, se as outras pessoas achavam bem, achavam mal, para mim era absolutamente igual ao litro [...] hei-de arranjar a minha vida [...] arranjei uma casa, no Cartaxo [...]porque **no Cartaxo eu tinha a pessoa de quem eu gostava mais, e que me ajudava mais, que era a minha avó...mas disse logo que não ia viver para casa da minha avó, que a minha avó não ia levar com uma criança a chorar [...] portanto a minha avó estava sossegadinha [...] mas ficar perto dela era uma boa opção...e na altura foi isso que eu fiz [...]**

[...]

E.: Confiava mais na sua avó do que nos seus pais?

Sandra: Não era uma questão de confiar mais do que nos meus pais, é que **aquilo é uma grande balbúrdia, para ter os meus filhos naquela casa e eu não...não tenho atracção nenhuma por essa balbúrdia**, portanto nunca passei lá muito tempo desde que saí de lá [...]

E.: Olhe, fale-me desse...seu encontro com o seu pai biológico, diz que não correu nada bem...

Sandra: **Correu muito mal, mesmo. [...] eu sabia que ele não devia ser boa pessoa, portanto, pelo que a minha mãe já tinha contado, mas eu tinha curiosidade em saber quem era, até porque foi uma coisa que me foi muito escondida, sempre [...]** eu até aos 10 anos

não soube que não era filha do meu padrasto [...] pensava que era filha dele...depois quando soube...quis saber quem era o meu pai, mas nunca me deixaram...não...acharam sempre que eu não tinha nada que saber, porque era uma pessoa, de facto - a minha mãe tinha razão, a coisa é que nunca foi bem explicada - que era uma pessoa que não interessava [...] mas nunca explicaram bem porquê...Entretanto, eu quando cheguei aos 18 anos, procurei saber...onde é que ele estava, portanto, vim para Lisboa [...] ele estava em Lisboa, [...] consegui descobrir o sítio onde ele trabalhava, e fui lá ter com ele...obviamente que ele na altura recebeu-me muito bem, apresentou-me a mulher [...] com quem ele vivia já desde que tinha deixado a minha mãe, e com quem tinha 3 filhos [...] e depois foi muito complicado, porque depois vim a descobrir coisas...muito complicadas e...não sei, eu na altura tinha 18 anos, acho que dei muito bem a volta por cima daquilo tudo, apesar [...] de ter tido que ser medicada e que ter ajuda psicológica, mas...é claro que se eu fosse mais velha, as coisas tinham...se calhar tinham sido de outra maneira, porque o que eu encontrei ali não foi um pai, foi um abusador...ele era uma pessoa completamente [...] desequilibrada [...] ele abusou dos filhos...durante toda a infância [...] eu acho que a certa altura a mulher também sabia, mas tinha medo, porque ele também lhe...a agredia...e aquilo era uma coisa muito complicada [...]

E.: Mas teve então, durante algum tempo, teve um relacionamento, não foi só um encontro?

Sandra: Não, não, não. Depois...Sim, tive [...] até eu me ver livre dele foi praí um ano, porque foi muito complicado depois, tive muitos problemas [...]o meu padrasto quando soube que eu me tinha encontrado com o meu pai, não achou graça nenhuma [...] e ficou muito zangado comigo, por isso de eu ter ido à procura do meu pai, e que se era assim, que não pusesse lá mais os pés em casa, estivemos um anos...zangados. Claro, mais uma vez a minha mãe, quer dizer, alguma vez...um homem que vivesse comigo, proíbia os meus filhos de irem a minha casa? [...] mas como vê, é um pouco o estilo da minha mãe [...] pessoalmente eu não permitiria uma coisa dessas...mas foi assim um bocadinho complicado...Depois, à medida que eu fui convivendo com ele, comecei a perceber que, para já, ele começou-me a fazer uma coacção psicológica muito complicada...às tantas eu já estava sem...eu estava sem vida, aliás eu não sei como é que eu passei aquele ano, como é que consegui ter boas notas, porque de facto eu saía da faculdade, chegava à...a casa...

E: Mas viveu com ele? Viveu mesmo com ele?

Sandra: Fui algum tempo lá para casa...porque ele, claro, disse-me logo que eu tinha de ir viver para lá...e [...] ele tinha uma capacidade de...persuasão...que eu no início aceitei [...] depois...fazia-me muita...imensa chantagem psicológica...pronto, porque eu tinha que lá

estar, porque...tínhamos que conversar destes anos todos, depois ia-me perguntando imensas coisas, ia-me levando a contar imensas coisas, depois eu comecei-me a aperceber que ele queria saber muitos pormenores da minha vida sexual...na altura, eu não tinha vida sexual...e comecei-me a aperceber...por algumas conversas...que...e depois foi-me comprovado pela minha...pela minha madrastra...que ele estava-se a preparar...**ele não...não me queria violar, queria-me convencer a ter relações com ele**...pronto...e começou depois a fazer coisas que eu me apercebi...ele tirava muito bem fotografias...**começou-me a querer fotografar, mas depois queria-me fotografar com roupas transparentes, eu não achei graça nenhuma àquilo,** ...houve assim coisas. Depois, pouco a pouco, comecei a saber...do que é que se passava com os meus irmãos...**que ele tinha...fotografado e que tinha...eu não sei se feito mais alguma coisa com crianças [...]** e que de facto...gostava era das meninas ou dos meninos enquanto...não estavam na puberdade, ou...ou por aí...claro que se fosse hoje teria ido à polícia, na altura eu tinha 18 anos, era muito complicado...aliás, e não sei muito bem como - claro, tive muito bons amigos [...] para resolver aquela situação...que passou de facto uma certa altura por...eu dizer mesmo...acabou-se, eu não venho cá mais, não quero ter mais nada a ver contigo...e foi muito complicado, ele ameaçou o meu irmão mais novo, disse que se eu me ia embora, ele [...] fazia alguma coisa ao meu irmão e eu disse “faz...e eu mato-te”. [...] pronto, **foi assim uma coisa muito violenta** [...] Era esse género de pessoa, manipulava as pessoas, perfeitamente...manipulador...das pessoas.

[...]

E.: Olhe, e qual foi assim, retrospectivamente uma vez que tem falado muito em retrospectiva - qual é o seu período mais feliz da sua vida e o menos feliz?

Sandra: [...] excelente pergunta...é assim, digo-lhe já, **eu nunca achei que a infância fosse assim uma fase muito feliz**...poderá ter tido...alguns momentos mais tranquilos mas eu...**não a classificaria de feliz**...eu acho que [...] a altura...em que eu me sentia mais feliz, em termos de despreocupação foi mesmo [...] na altura da faculdade, apesar das dificuldades, apesar de eu trabalhar, apesar de...tudo [...] eu **acho que pela primeira vez, a partir do momento em que saí de casa eu senti-me mais segura**, portanto, se calhar isto...não tem lógica nenhuma [...] de facto, as pessoas sentir-se-iam melhor em casa, mas eu **senti-me melhor fora de casa** [...]

E.: E o menos feliz? O período menos feliz da sua vida?

Sandra: Eu sei lá, são tantos...

E.: Já me falou de alguns, não é?

Sandra:...**se calhar foi mesmo aquela altura em que eu conheci o meu pai...foi muito, muito difícil [...] aliás eu costumo dizer que se sobrevivi a isso, posso sobreviver a tudo...**

E.: Chegou a ter...a precisar de apoio psiquiátrico?

Sandra: Eu **quis-me suicidar mesmo**, não fiz nenhuma tentativa, mas, não sei, começou a ser muito obsessivo [...]

2ª entrevista

E.: Olhe, outra questão que me...surgiu...em relação aos seus 10 anos, parece-me que foi uma altura muito complicada, que aconteceu muita coisa...

Sandra: Aconteceu muita coisa.

E.: Portanto foi uma altura em que morreu a sua irmã...e lembro-me que definiu essa altura como o fim da sua infância.

Sandra: Eu acho que foi mesmo.

E.: ...outra coisa que fiquei com a ideia que talvez tivesse acontecido nessa altura...foi o ter sabido que o seu padrasto não era seu pai.

Sandra: É assim, eu não soube nessa altura, já sabia, só que [...] não tinha estado ainda com eles...

E.: Como é que soube?

Sandra: Quando eu soube foi **através de uma...bisavó [...]** mas **foi antes [...]** 8-9 anos. O problema é que **eu estava separada dos meus pais**, porque eles estavam em África, com a minha irmã que veio a falecer e eu estava cá com a minha avó, portanto...**o que aconteceu quando eu tinha 10 anos, foi o confronto**. Eu já sabia, só que [...] aquilo foi uma grande estupidez. Compreendo que as pessoas na altura...lidam com os dados que têm e [...] não têm capacidade para mais, e além disso também havia a questão física mesmo, que eu estava cá e eles não [...] eu não estava com eles desde os meus...8 anos [...] fiquei aqui sozinha com a minha avó [...] e na altura, foi [...] muito mau **saber uma coisa daquelas assim de repente [...]** **Ninguém está preparado para isso, tem a cabeça arrumadinha, pensa que tem a mãe e o pai, e que os pais estão lá...por aquelas contingências, mas eu estava com a minha avó, portanto tudo arrumadinho**, e agora de repente desarrumam-me a casa, a dizer...“**não senhor, o teu pai é um fulano qualquer que andou para aí...e...aquele senhor...fez a caridade de ajudar a ficar contigo**” [...] É um bocado complicado. Eu na altura reagi um bocado mal.

E.: E o que é que a motivou a dizer isso? Sabe o que é que motivou...?

Sandra: Pois, é que **ainda temos pior**. É que **o problema foi a razão** por que a pessoa me disse.

E.: E foi?

Sandra: Foi **por eu ser parecida com o meu pai biológico**...para o mal. Portanto, **todos os defeitos que ela achava que eu tinha, eram os defeitos do meu pai**. E como ela dizia, “pareces mesmo o teu pai” [...] depois houve um dia que disse “eu tenho que te dizer isto, porque não penses tu que eu estou a criticar o marido da tua mãe, **quando eu digo que te pareces com o teu pai, não é ele, que ele é uma santa pessoa** e não sei quê, é mas **é o teu pai verdadeiro**”...Portanto, foi muito mau. Foi muito mau.

E.: Falou com alguém, nessa altura?

Sandra: Se falei com alguém?

E.: Com a sua avó, por exemplo?

Sandra: Não.

E.: Guardou isso para si durante dois anos?

Sandra: Não, não. Não guardei. Falei como? Não falei, **essas coisas não se falavam**...ela depois disse à minha avó que me tinha dito. E pronto.

E.: Ah...disse à sua avó....

Sandra: Disse [...] e disse à minha mãe. Foi **uma série de violências**...aqui entre nós, porque depois achou, ela é que achou, ela é que **decidiu que eu tinha que escrever uma carta ao meu padrasto a dizer que sabia...e que ele era o maior**, basicamente...eu nem achava que ele era o maior, nem o menor, eu não achava nada, naquela altura...

E.: Achava que ele era o seu pai.

Sandra: Pois, **achava que era meu pai**, e **depois de achar que não era...eu lembro-me que foi muito complicado**, porque [...] quando depois me confrontei com eles, não sabia...porque [...] eu quando vi a minha mãe, e mesmo...e ele...eu já não me lembrava bem deles, portanto aquela história...embora não tenha sido muito tempo, e eu acho que a minha mãe também ficou muito diferente, porque emagreceu muito, pronto...não dormia, e [...] tinha uma filha a morrer, não é? Estava com um ar extremamente cansado [...] ele também, e eu...**não os reconheci**. Portanto, tinha-os visto há dois anos e meio, ou o que era...atrás...portanto, não só era pequena,

como de facto...e eu lembro-me que **fiquei muito desconfiada...será que estas pessoas são mesmo os meus pais? Isto anda-me aqui tudo a enganar**, eu tinha um bocado isto...

E.: Pensou...”será que gostam de mim”, não é?

Sandra: Eu acho que nem cheguei aí, isso já era um raciocínio muito elaborado [...] para mim, a coisa **era pior**, eu achava que **não fazia ali muita falta...no meio daquela história...é um bocado** disso. [...] há um...título qualquer de uma série...que é “**sobre a história dos meus pais**”, que é exactamente **o que me aconteceu a mim**. De facto sobre ali um bocadinho, não é? **Na altura** [...] eu acho que [...] **tive muita consciência disso**.

[...]

E.: Portanto, isto em termos muito práticos, disseram-lhe que não era filha do seu padrasto.

Sandra: **Daquele que eu pensava que era o meu pai**, exacto.

E.: E disseram-lhe que era parecida com um homem que tinha passado na vida da sua mãe...

Sandra: **E que era horrível**. Exacto.

[...]

E.: Deve ter sido muito complicado para si, nessa altura.

Sandra: É...eu lembro-me...é assim: **as pessoas não faziam a mínima ideia daquilo que tinham em casa** [...] **nem valia a pena eu esforçar-me**, as pessoas [...] hoje compreendo...agiam com as suas limitações, quer dizer, mas eu faz-me impressão, hoje como mãe, as pessoas não terem noção do que é uma criança que vive num mundo à parte, que contrariamente aquilo que eles pensam, que acham que é alheada, e que não dá por nada, dá mas é por tudo...e as pessoas realmente não tinham a mínima noção.

ANEXO III - EIXOS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

- Representação de si
 - Identidade
 - Imagem corporal
 - Na infância
 - Ao longo da vida (constância /mudanças)
- Família
 - Descrição geral, figuras importantes, ambiente familiar
 - Representação da mãe
 - Relação com o pai
 - Representação do pai
 - Casal parental
 - Relação entre os pais
 - Posicionamento face ao casal parental
 - Equivalentes parentais
- Marcos da história de vida
 - Infância
 - Puberdade
 - Adolescência
 - Idade adulta
- Representação de si na relação
 - No seio da família
 - Fora da família
- Relacionamentos importantes
- Identidade de género
- Identidade sexual
- Representação social do género
- Papéis de género
- Masculino e feminino
- Materno
- Orientação sexual
 - (Descoberta, evolução)
 - Reacção da família
 - Isolamento / suporte social

- Mudança na representação que os outros têm de si
- Homofobia / integração

Na nossa interpretação, procurámos fragmentar o menos possível o material das entrevistas, tendo sempre em mente que qualquer excerto do discurso do sujeito pode ser encarado sob diferentes prismas e analisado relativamente a diferentes eixos de interpretação, que a todo o momento se entrecruzam.

Exemplos:

1) “eu tenho essa sorte de ter esta mãe que é o meu centro de equilíbrio, é a minha âncora, verdadeiramente, é a minha âncora, é quem nunca me falhou, em vários aspectos da minha vida, vai achar isto curioso porque eu vou dizer-lhe adiante que a minha mãe desconhece completamente a questão da homossexualidade (...) não deixa por isso de ser a minha âncora”

2) “ela era...uma mulher incrível...aliás...nem nós tínhamos noção...da importância que ela tinha para algumas pessoas e para tanta gente...o impacto que isto teve numa série de pessoas...e...portanto ela era uma pessoa...muito dada aos outros, muito...dedicada aos outros...mas depois, connosco, não, nunca foi, nunca foi muito...esse papel sempre foi do meu pai, sim, esse papel sempre foi do meu pai.”

3) “a minha mãe [...] é muito diferente de mim e é muito...como é que eu hei-de dizer isto?...sem entrar muito em estereótipos...a minha mãe é aquela pessoa que se levanta, e que demora uma hora para sair de casa, porque tem que conjugar a roupa interior com a exterior, tem que conjugar os sapatos com a carteira, tem que maquilhar, tem que ver se o cabelo está...e sempre foi assim, sempre a conheci assim, que é exactamente diametralmente oposta a mim [...] e isso [...] sobretudo na adolescência [...] era muito conflituoso, porque ela [...] tentou, na medida do possível, fazer de mim a menina que ela queria ou que ela sonhava e que eu não era”

No exemplo 1, a relação com a mãe entrecruza-se com a orientação sexual e a reacção da família, no exemplo 2, está em foco uma comparação entre a relação com a mãe e a relação com o pai e no exemplo 3, a relação é marcada pelo conflito na definição dos papéis de género.